UNIV. OF
TORONTO
LIBRARY

LENDAS E ROMANCES

LPor
G9633 kx

BERNARDO GUIMARÃES

LENDAS E ROMANCES

(UMA HISTORIA DE QUILOMBOLAS
A GARGANTA DO INFERNO
A DANSA DOS OSSOS)

NOVA EDIÇÃO

442743
12.2.46

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

PRINTED
IN
FRANCE

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

LENDAS E ROMANCES

UMA HISTORIA DE QUILOMBOLAS

CAPITULO I

— Então, malungo, está comendo tão caladinho!... falla sua verdade, isto não é melhor do que comer uma cuia de feição com angú, que o diabo temperou, lá em casa de seu senhor?...

— E ás vezes nem isso, pae Simão. Laranja com farinha era almoço de nós, e enxada na unha de sol a sol... isto aqui sim, é outra cousa... se eu soubesse já ha mais tempo estava cá. Viva o quilombo, meu malungo, e o mais leve tudo o diabo.

— E capitão do matto, e forca, Matheus!... você não tem medo? olha, que nossa cabeça não anda muito segura em cima do pescoço...

— Qual forca, pae... tolo serei eu, se elles me apanhão. Tambem não sei qual é melhor, se

morrer uma vez, ou estar apanhando surra todo o santo dia. Quando menos a gente morre de barriga cheia e sem vergão na cacunda... Ah! que carne gostosa está!... como chama isso, pae Simão?...

— Com effeito!... gente desgraçada que é captivo!... nem sabe o que é presunto... Agora toma lá, como disso tambem, Matheus.

Pae Simão collocou diante do parceiro uma tigella cheia de azeitonas, e um punhado de bolachas.

— Que fructinha é esta?... nunca vi disto.

— E' azeitona, patéta! ah!... tambem parece, que lá na casa de teo senhor não se come senão o triste feijão.

— Você fallou a verdade, pae Simão; mas desaforo que a gente atura de branco, ainda é peior. Branco diz que raiva de captivo morre no coração. E' mentira, pae Simão; eu hei de mostrar que raiva de Matheus fica na ponta da faca, e vae morrer no coração delles. Ah!... se você sabe, pae Simão, desfeita que levei.

— Ora isso está visto; você não vinha para cá atôa. Mas então, conta como foi isso, pae.

— Pois vae escutando, pae Simão. Você conhece bem aquella mulatinha bonita lá de casa, chamada Florinda?...

— Inda você falla!... aquillo é que é mula-

tinha feiticeira mesmo! e está na mão de branco... forte pena!...

— Pois bem, pae Simão; você não imagina cousa que eu tenho aguentado por amor daquella rapariga; meo coração está preto de raiva. Desde pequenina eu sempre gostei della. Todo cobre que eu ganhava, eu dava a ella; vestidinho de chita, lenço de seda, e até brinco de ouro, tudo ella ganha de minha mão. Meo senhor mesmo já me tinha promettido que ella não casava com mais ningem senão commigo. Até ahi tudo vae bem. Mas vae senão quando apparece lá um maldito capixaba, um diabo de um mulato pachóla, todo engommado e asseiadinho, montado n'um cavallo preto todo arreiado de prataria. Pois não é o diabo do rapaz que começa a engraçar-se com a mulatinha, e em pouco tempo me transtorna a cabeça della. Não passa domingo, nem dia santo, que elle não venha passar o dia lá, conversando com senhor, e o diabinho da rapariga está sempre ahi rente com elle. Café, agua para beber, fogo para accender o pito, tudo é ella que vem trazer, e elle está ahi na sala todo chibante; e eu, que estou enxergando isso tudo, posso ficar com o coração socegado?... falla, pae Simão.

— Conta sua historia, rapaz; eu estou escutando.

— Mas a cousa não ficou nisso só, não. No fim de contas elle falla com senhor, que quer forrar Florinda e casar com ella. Ah! pae Simão, quando eu soube do caso, raiva me ferveo no coração; perdi de todo a cabeça. Desfeitiei o moço, e bati muito na rapariga... Elles fizerão queixa a meu senhor, e eu tive de aguentar... ah! pae Simão... não fallo, não...

— Desembucha, rapaz; deixa de historia...

— Tive de aguentar uma surra de bacalháo, eu, que nunca apanhei nem um coque de meo senhor... Depois de tudo isso elle me jurou que se eu continuasse, me havia de vender para longe. Oh! a cousa é assim, banzei eu cá commigo, pois vou-me embora; não falta quilombo por esses mattos. Arrumei minha trouxa, e aqui estou, pae Simão, ás suas ordens para beber sangue de quanto branco ha neste mundo.

— Sahe dahi, bobo; você é patéta mesmo.

— Como assim, pae Simão?...

— Pois você vem embóra, e deixa Florinda, que fica lá na mão de branco?...

— Mas se ella está embeiçada com o diabo do mulato, e não havia de querer por nada vir commigo.

— Ah! você é sambanga mesmo, rapaz. Pois ella tem querer. Então feitiço não serve de nada?... Quando filha de branco mesmo a gente

bota mandinga nella, quanto mais mulatinha. Se você quer, mais dia menos dia Florinda está ahi.

— Tomára eu já!

— Pois está dito, rapaz; socega seo coração.

— Está dito; mas meo coração não socega, emquanto não beber sangue de branco.

— Você póde beber, malungo; mas agora é melhor tomar um gole disto, que branco chama sangue de Christo; sempre é melhor do que sangue de branco, que só serve para cachorro.

Dizendo isto, o negro tirou debaixo do giráo, em que se achavam sentados, uma garrafa de excellente vinho do Porto, destampou-a com a ponta da faca, e apresentou-a ao companheiro. Este esteve largo tempo com ella empinada.

— Alto lá! bradou pae Simão lançando mão á garrafa. Cuidado, rapaz; olha que ainda não te apresentei ao Zambi, e elle não ha de gostar nada de vêr você chumbado.

Esta scena se passava, ha cerca de 50 annos, debaixo de um ranchinho de capim, no seio de uma furna sombria coberta de matta virgem. Os dous interlocutores, que se achavão sentados sobre um giráo de páos roliços coberto com uma esteira de talos de bananeira, erão, como o leitor ja terá adivinhado, dous quilombólas. Matheus, que naquelle dia vinha fugido da casa de seo

senhor alistar-se na cáfila do famoso Zambi Cassange, era um cabra ainda muito novo, bem feito, bonito e reforçado, porém de má catadura. O outro era um pretinho magro e algum tanto idoso, velho quilombóla esperto e matreiro, jubilado em todas as artes e patranhas proprias para despojar os caminhantes e tropeiros, e alimpar as casas dos fazendeiros.

Naquelles tempos, na provincia de Minas, desde a serra de Mantiqueira até os confins dos terrenos diamantinos, era uma serie de quilombos, que erão o flagello dos tropeiros e dos caminhantes, e o terror dos fazendeiros. As milicias e os capitães do matto do governador, a despeito dos esforços que empregavão, erão impotentes para dar cabo delles. Erão como os formigueiros: se aqui extinguia-se um, acolá organisava-se outro com os restos daquelle e com uma chusma de outros negros, que incessantemente fugião a seus senhores, certos de achar agazalho e vida regalada nos covís de seus parceiros quilombólas.

Perto da carrancuda e negra serrania da Itatiaya, distante como quatro leguas do Ouro-Preto, em um vasto grotão sombrio e profundo, coberto de espessissima floresta, era o quilombo do famoso chefe Zumbi Cassange. Em grotão ou furna, que por um declive não muito rapido vae

terminar no ribeirão tambem chamado Itatiaya, é em parte separada do solo superior por uma linha semi-circular de rochedos a prumo e ás vezes pendidos sobre o abysmo, formando lapas fundas e tenebrosos esconderijos, tócas de caitatús e covís de boiciningas e jararacas. Ao longo e por debaixo desses penedos é que se achava aguaritado Cassange com sua gente ; suas habitações erão pequenas cobertas de capim encostadas aos rochedos ou amarradas aos troncos das arvores, disseminadas em desordem aqui e ali, mas por tal forma que, a um só assovio do chefe, toda a quadrilha pudesse em poucos instantes achar-se reunida.

Encostada a penedia, que fechava o recinto do quilombo, havia uma coberta mais vasta, aberta como as outras, mas rodeada de um tosco parapeito : era a cabana do Zambi. O rochedo ahi formava uma grande cavidade, que dobrava a extensão da residencia do chefe. Esta segunda parte, escura e mysteriosa, era separada da outra por um tabique de taquaras e ramos, onde apenas havia uma estreita portinhóla, e tudo feito com tal arte, que parecia ser simplesmente um matagal de samanbaias e taquaras, que cobria a escarpa do rochedo. Entretanto, ali havia uma grande lapa, no interior da qual havia uma mina ou respiradouro, que surgia acima dos

penedos, e pelo qual os negros, no caso de serem sorprehendidos, poderião salvar-se com toda segurança, deixando em assombro seus aggressores.

No meio da parte exterior do rancho, sentado em um giráo, perto do qual ardia um pequeno fogo, estava Zambi Cassange, embrulhado em sua tipoia, aspirando tranquillamente baforadas de pango pelo comprido canudo de seu cachimbo de barro. Conversava com dous quilombólas, que eram os seos ajudantes, e que acocorados junto ao fogo, de vez em quando lhe ateavão o cachimbo. Era o Zambi um negro colossal e vigoroso, cuja figura sinistra e hedionda se reflectia ao clarão do fogo, com as faces retalhadas, beiços vermelhos, e dentes alvos e agudos como os da onça; mas o nariz accentuado e curvo, e a vasta testa inclinada para trás revelavão um espirito dotado de muito tino e perspicacia, e de extraordinaria energia e resolução.

Já era noite fechada.

— Licença, Zambi Cassange! bradou uma voz de fóra do rancho.

— Póde entrar, pae Simão.

Pae Simão entrou conduzindo o seu protegido, o cabra Matheus, que vinha pedir para ser admittido no quilombo.

— O que é que pae Simão quer comigo a esta

hora?... elle é raposa velha, sabe farejar ao longe... Ha alguma novidade, pae Simão?

— Nenhuma, Zambi ; é só este novo parceiro, que entrego, e que quer tomar mandinga...

— Está direito!... replicou o Zambi tirando o cachimbo da bocca e fitando com attenção o cabra. Mas, pae Simão, olha lá!... accrescentou abanando a cabeça e olhando o cabra com olhos enviezados ; não vá ser algum candougueiro, que nos quer entregar?...

— Dou minha cabeça por elle, senhoria ; respondeu lestamente pae Simão.

— Não tenho muita fé em gente desta côr ; mas vá feito, pae Simão, já que assim tu queres... mas olha bem ; se elle não anda direito, aqui não falta páo nem corda.

— Não tem duvida, senhoria ; eu fico por elle.

— Pois então, pae Simão, você, que é padrinho delle, dá a elle a mandinga e juramento já.

Seguio-se a cerimonia, a que o cabra se sujeitou pacientemente, lançando todavia olhares desconfiados em redor de si. Pae Simão abrio-lhe com a ponta da faca uma leve incisão no peito esquerdo, tirou algumas gotas de sangue, que recolheo em um pequeno saquitel de couro envolto com outros objectos de feitiçaria africana, e depois de bem cosido, o dito saquitel ou caborge foi pendurado por um cordão ao pescoço

do cabra. O juramento consistia em horriveis palavras cabalisticas em lingua africana, e do qual a tradição não nos deixou a formula. Os dous ajudantes do Zambi assistiram de pé e com religiosa attenção áquella sinistra cerimonia, que introduzia mais um neophito no gremio dos quilombolas do Zambi Cassange.

CAPITULO II

Pela estrada que vae do arraial da Cachoeira, onde outr'ora houve uma caudelaria imperial, para o de Congonhas, celebre por sua romaria do Bom Jesus do Mattosinho, um rapaz montado em um lindo cavallo preto galopava cantarolando uma modinha amorosa. Era um moço bem disposto, de physionomia agradavel, de olhos negros e expressivos; trajava com aceio e esmero, e os arreios de sua cavalgadura scintillavão ao sol, cobertos de prataria. Posto que de tez clara, todavia pela aspereza de seos cabellos negros e crespos, se conhecia claramente que tinha nas veias sangue africano. Em seo semblante risonho e expressivo transluzia a felicidade em toda sua plenitude. O cavallo, caracolando e relinchando através daquellas aprazíveis campinas, aos primeiros raios de uma linda manhã de abril, parecia partilhar as alegrias de seo amo.

Depois de galopar cerca de legoa e meia, o moço largou a estrada real, o tomou um trilho, que ia ter a uma fazenda que ficava a pouca distancia della. Sempre que ahi chegava, com o coração a pular de emoção e de felicidade, a primeira pessoa que avistava era uma linda rapariga de quatorze a quinze annos, que sempre, impreterivelmente, o esperava á porta, com o sorriso nos labios e os olhos radiantes de prazer.

Desta vez, porém, ao avizinhar-se da fazenda, só vio muita gente, que entrava e sahia pressurosamente com ar preoccupado e inquieto, e no meio della o moço procurava debalde com os olhos a rapariga. Sua physionomia fechou-se de subito, e um cruel presentimento apertou-lhe o coração. Apenas vae chegando á distancia de falla, apparece á janella o dono da casa e grita-lhe de longe :

— E Florinda, Sr. Anselmo?... que é feito della?... não me saberá dar noticias de Florinda?...

Anselmo sentio gelar-se-lhe o coração, os olhos se lhe escurecerão, e quasi cahio do cavallo a baixo.

— Pois que succedeo?... gritou elle com voz tremula, e arrojando o cavallo com a velocidade do tufão.

— O que succedeo, meo caro!... anoiteceo e não amanheceo.

— Fugio?...

— Não, de certo; era incapaz disso. Sem duvida foi roubada... os malditos quilombólas... O cabra Matheus tambem já ha dias que desappareceo... de certo foi obra daquelle malvado... Ella tinha o costume de levantar-se muito cedo, antes que os outros se achassem de pé, e sahia a lavar o rosto na fonte... foi por certo nessa occasião...

— Malditos! exclamou Anselmo. Mas, em qualquer parte que a levem, eu hei de descobril-os, nem que se sumão por baixo da terra. No inferno que vão parar, lá hei de seguil-os. São oito horas apenas, continuou consultando o relogio, montado no meo cabiúna ainda posso muito bem alcançal-os. Até breve, Sr. capitão.

E o moço, apertando as esporas nos flancos do cavallo, bambeava-lhe as redeas para partir.

— Não faça tal, bradou o patrão; está doudo, homem! olhe que elles são muitos. Depois quem sabe de que quilombo são e que rumo levarão? Ha tantos quilombos por esses mattos...

— Eu tomarei o rasto.

— Qual rasto!... pois gente a pé deixa rasto por essas serranias?

— Sempre alguma batida hão de deixar no

capim, principalmente se são muitos, como Vm. diz.

— Mais o senhor sósinho nada póde fazer, Sr. Anselmo.

— Pois então o que se ha de fazer? havemos de ficar de braços cruzados, replicou Anselmo um tanto impacientado.

— Não; de braços cruzados não, meo amigo. Eu vou prometter um grande premio... mil cruzados, dous, tres mesmo, ao capitão do matto ou a quem quer que me agarrar o cabra Matheus... é elle quem nos ha de dar conta de Florinda. E tambem vou immediatamente a Villa-Rica dar parte ao Sr. Governador e pedir-lhe auxilio e providencias para acabarmos com essa corja de malvados. Já não ha quem tenha a vida nem a fazenda em segurança. Isto assim não póde continuar.

— E' tempo perdido, Sr. capitão. Ha muita gente graúda que capêa esses malditos e se enriquece por meio delles. Não falta quem os avise, e nunca podem ser agarrados. Se nós mesmos não fizermos diligencias, e nos fiarmos no governo de Villa-Rica, estamos bem aviados. Nada! nada! hei de seguir-lhes o rasto. V. S. póde fazer o que entender; mas eu hei de ir atraz delles ainda que vão até o fim do mundo.

— Mas isso é loucura, meo amigo... ainda que os apanhe, que você poderá fazer?

— Não tenha cuidado, Sr. capitão. Vou só rastejal-os e espial-os para vêr onde levárão Florinda. O resto depois se arranjará. E isto é já; não ha tempo a perder.

— Já que assim o quer a todo transe, espere um momento; não vá sósinho: leve dous dos meos camaradas.

Dahi a alguns instantes os dous camaradas estavão promptos, montados em dous valentes cavallos.

Anselmo e seus dous companheiros forão a fonte, onde se presumia que os quilombólas tinhão apanhado a rapariga. Depois de examinarem com cuidado reconhecerão a verdade da supposição, e descobrirão a direcção que tinhão tomado os quilombólas. Depois de terem sahido na estrada andarão por ella por algum tempo na direcção da Cachoeira. O rasto estava ainda fresquinho. Parecia que mais cedo meia hora que Anselmo tivesse vindo, os teria encontrado em caminho. Mais adiante reconhecerão que os negros tinhão largado a estrada, e tinhão trepado a serra procurando os lados dos pequenos arraiaes chamados José Correia e Itatiaya, em cujas immediações havia famosos e formidaveis quilombos.

Anselmo era vaqueano e traquejado naquelles sitios, e dotado de summa sagacidade e viveza; encartou-se logo nos vestigios dos quilombólas. Não havia trilho algum; era apenas uma ligeira batida que seguia por um terreno aspero através de campos, barrocas e matagaes, e que só uma vista experimentada como a de Anselmo poderia discriminar. O terreno tornava-se cada vez mais rude e impraticavel, e era gravissimo o perigo que corrião, caso encontrassem os quilombólas. Seos companheiros, que não tinhão a sua coragem, nem eram animados do mesmo estimulo que elle para proseguir em tão arriscada empreza, começarão a desanimar, e em vão tentavão dissuadil-o de seu proposito.

— Ainda que gaste oito dias e oito noites por estas brenhas sem comer e sem dormir, hei de seguil-os, e hei de descobrir o quilombo, ainda que seja no inferno. Vamos, vamos, meo valente cabiúna: é só comtigo que eu conto, dizia Anselmo batendo na taboa do pescoço do seo brioso cavallo. Vamos salvar a pobre Florinda, ou morrer com ella.

Os animaes dos camaradas não podião mais acompanhar o cavallo de Anselmo, que trepava rochedos, saltava buracos, e descia abysmos com a presteza e agilidade do cabrito montez. Derão parabens á sua fortuna por esta circumstancia,

forão-se deixando ficar atraz até perderem-no de vista, e voltarão para casa.

Anselmo não se embaraçou com isso, e nem contava muito com elles e foi tangendo para diante o seo cavallo. Andou quasi o dia inteiro vencendo incriveis difficuldades por aquellas asperas e impraticaveis serranias, procurando com todo o cuidado nunca perder a batida que o devia conduzir á descoberta do quilombo.

Ia bem orientado ; mas já a noite ia se fechando, e como não havia luar, todo o passo mais que désse seria perdido e o poderia desencaminhar. Estava em uma bocaina entre duas perambeiras, por entre as quaes corria um lagrimal. Resolveo passar ali a noite descançando a si e a seo cavallo ; no dia seguinte proseguiria em suas pesquizas. Porém mal se ia apeando, ouvio atraz de si uns assovios como de notas de uma flauta, aos quàes immediatamente responderão outros pela frente. Olhou para atraz, e vio dous negros que descião como duas pedras rolando pela perambeira abaixo. Anselmo levou as mãos aos coldres, e empunhou duas pistolas cada uma de dous tiros. Mas os negros surgião de todos os cantos, e em poucos instantes estavão reunidos em volta do cavalleiro alguns quinze ou vinte. Uns agarravão-lhe o freio, as redeas e as crinas do animal, outros atracavão-se-lhe ás pernas, e

tinhão todos as facas nuas aos olhos do infeliz rapaz.

— Quem te chamou aqui, maldito capixaba!... bradavão elles fazendo um alarido infernal. Quem te chamou á toca do Zambi? Não sabes que quem aqui vem, não volta mais!

Toda a resistencia era inutil e impossivel. Mas nem á vista daquelle grande perigo Anselmo perdeo o tino e a reflexão. Vio que lhe seria possivel matar tres, quatro e talvez mais. Porém de que lhe serviria isso, senão para assanhal-os mais, e tornar inevitavel a sua morte sem poder salvar Florinda, que era o seo principal e unico fim? Portanto, com voz firme e resoluta dirigio-se aos quilombólas:

— Que é isto, gente?... que querem commigo?... eu não vim aqui fazer mal nenhum a vocês. Eu tambem tenho sangue da Africa nas veias, e minha mãe penou no captiveiro. Um raio me parta neste momento se eu venho aqui para fazer mal a vocês.

— Ah! ah! ah!... bradou um delles com uma risada infernal. Capixaba não me engana. Que é que você veio fazer tão direitinho no nosso rasto?... falla, capixaba!...

— Pois eu vou fallar a pura verdade. Eu vim em procura de uma rapariga que, esta madrugada, foi roubada da fazenda do capitão***.

Estou certo que foi carregada por vocês ou por seos companheiros para o quilombo que ha nestes lugares. Para resgatal-a trago dinheiro; é ella só que eu quero, e nada mais. Portanto vocês me levem á presença do Zambi, que eu juro guardar o maior segredo sobre tudo o que eu vir...

— Cala a boca ahi, capixaba amaldiçoado! bradou um que saltou do meio da turba e, lançando mão á redea do cavallo, alçou sobre o peito de Anselmo uma comprida e afiada faca. Tua cabeça só é que ha de apparecer ao Zambi; teo corpo fica ahi para os urubús.

Anselmo reconheceo neste novo aggressor o cabra Matheus. Seo coração esfriou, e esvaeceo-se toda a esperança que por ventura ainda lhe restava de poder salvar-se, pois conhecia a violencia do odio que lhe consagrava o cabra; portanto resignou-se a morrer, mas não sem matar o cabra e tantos quantos quilombólas pudesse. Já com a direita empunhava uma das pistolas, quando um negro possante agarrando no braço de Matheus, bradou-lhe;

— Alto lá, malungo!... isso agora tambem não. Fica sabendo que Zambi Cassange não quer que se mate gente prisioneira sem licença delle. Você não me ponha a mão nesse rapaz.

O cabra reluctou e houve grande altercação

entre os quilombólas. Durante alguns instantes Anselmo, na mais horrivel anciedade, vio discutir-se a sua vida ou morte como se se tratasse de repartir um pedaço de fumo entre aquelles canibaes. Por fim Matheus teve de ceder ao parecer do maior numero, que não permittirão que Anselmo fosse ali mesmo massacrado.

— Está bom, meo bóde do inferno, disse o cabra para Anselmo, chegando-lhe á cara os punhos fechados. Desta vez ainda escapas; tanto melhor, pois não era bom que morresses sem vêr a tua Florinda. Quando você estender dous palmos de lingua enforcado no páo grande do quilombo, quero que me estejas vendo defronte bem abraçadinho com ella.

Os negros para chegarem mais depressa conservarão o moço a cavallo, mas amarrado de pés e mãos, e o forão conduzindo atravéz de furnas e barrocas até o quilombo, que já descrevemos, e que não estava longe daquelle sitio.

CAPITULO III

Tendo os negros chegado ao quilombo, Matheus cuidou logo em conduzir o prisioneiro para a choça em que morava com pae Simão, a cujos cuidados tinha deixado entregue Florinda.

Matheus, pae Simão, e outros negros, que tinhão ido roubar Florinda, tinhão enxergado o cavalleiro que ao longe lhes vinha seguindo a pista, sem que este nunca os pudesse vêr. Portanto apenas puzerão a bom recado a prisioneira, voltarão todos, á excepção de Simão, a agarrar Anselmo, que veio direitinho cahir na esparréla.

Era já noite fechada, quando entrarão com Anselmo no recinto do quilombo. Matheus e mais um companheiro levarão o prisioneiro a choca de pae Simão, emquanto os outros se recolhião cada um a seo rancho.

Florinda estava sentada sobre o giráo de pae Simão, com a cabeça debruçada e encostada

sobre uma das mãos, tendo diante de si um prato de folha de Flandres, cheio de iguarias, em que ella não queria tocar, por mais que fossem os cuidados e affagos de que a rodeava pae Simão.

Era com effeito uma linda creatura, e sua bella figura ainda mais sobresahia á luz de um fraco fogo, no meio dos hediondos objectos que a circumdavão. Seos cabellos, que estavão soltos, erão compridos, e descião-lhe em ondas miudas pelo collo, que naquelle lugar onde só se vião atravéz de quasi completa escuridão vultos negros como a noite, quasi parecia alvo. Seus olhos grandes, pretos como jaboticabas e brilhando no meio das palpebras arroxeadas pelo pranto á sombra de espessas sobrancelhas, parecião dous pombos negros, espreitando cheios de pavor á porta do ninho o vôo do gavião. As feições, a não serem os labios carnosos e as narinas moveis, que se contrahião e dilatavão ao arquejo violento de seo coração, erão quasi de pureza caucasiana. No corpo tinha esse donaire voluptuoso, essas curvas molles e graciosas, que são proprias das mulatas. Era flexivel como o ramo do limoeiro, que ao menor sopro verga até beijar o chão, e no mesmo tempo se reergue donoso balanceando no ar o tope recamado de flôres.

Quando Florinda deo com os olhos en An-

selmo, que entrava pelo rancho escoltado por seos dous guardas, deo um grito, e saltando do giráo atirou-se a elle com os braços abertos. Matheus porém rapidamente collocou-se entre elles.

— Alto lá!... toma a benção á minha mulher e tua senhora, capixaba. Não a conheces?

Anselmo soltou um gemido suffocado.

— Anda, bode atrevido e malcreado!... proseguio Matheus empurrando-o. Toma a benção á tua sinhá.

Anselmo quiz beijar a mão de Florinda. O cabra deu-lhe um rude tapa na mão.

— De joelhos já, patife!... continuou o cabra, e não me toque nem de leve no corpo della. De joelhos já, e diga só : — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo, minha sinhá moça.

Anselmo poz-se de joelhos, e repetiu com os olhos cravados nos de Florinda : — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo, minha sinhá moça.

— Jesus seja para sempre louvado, murmurou a rapariga, cravando os olhos no céo como uma supplica ardente, e precipitou-se no giráo, tapando o rosto com as mãos e debulhando-se em lagrimas.

— Ai!... temos creançadas, gritou o cabra. Nada de chôros aqui...

— Deixa a pobre rapariga chorar, gritou pae

Simão, que até ali tinha-se conservado silencio-se acocorado ao pé do fogo, comendo uma cuia de melado com mandiócas assadas. Deixa ella chorar: com o tempo ella ha de ir-se acostumando. Mas falla, Matheos, para que você vem trazendo esse mulato aqui? Zambi não ha de gostar nada disso.

— Esse vem para ser enforcado depois de ser bem surrado por estas mãos. Ha de aguentar tudo o que eu soffri por culpa delle, e depois ha de pagar com lingua de palmo e meio todo o mal que me fez. Olha a cara delle, pae Simão: continuou pegando em um tição e brandindo-o tão perto da cara de Anselmo que quasi o queimava. Olha bem a cara delle: este maldito é que queria me capiangar minha Florinda...

— Ah! bem estou conhecendo elle!... este não é o senhô Anselmo lá da Cachoeira?... Coitado do meo moço!... que diabo de tentação é que trouxe Vm. aqui?... Vm. anda mesmo procurando corda para se enforcar.

Anselmo para não provocar mais os insultos brutaes de seus ferozes inimigos, não dizia palavra, e no lance apertado em que se via, só do céo podia esperar auxilio e salvação. Por si só teria supportado resignado e impassivel todo o horror de sua situação: mas ali estava tambem Florinda que, transida de angustia e de pavor,

de quando em quando fitava nelle os seos grandes olhos negros, como implorando amparo que o desgraçado nem para si tinha. Simão era um preto velho, devia ter coração mais compadecido ; de mais não tinha motivo nenhum particular de odio contra Anselmo, e tinha tratado Florinda com bondade e carinho, desde que ella chegára ao quilombo. Florinda olhou portanto para elle como seo unico refugio : levantou-se bruscamente e foi lançar-se a seos pés pedindo piedade, não para si, mas para seo companheiro de desgraça.

— Levanta, menina, disse pae Simão. Amanhã nós havemos de vêr isso. Já está ficando tarde, e gente demais não póde dormir aqui dentro do quilombo sem Zambi saber. Ora pois, Matheus, vae levar sua gente á presença de Zambi Cassange, emquanto elle não está dormindo ; senão amanhã nós temos candonga.

O Zambi estava, como de costume, recostado no seu giráo, coberto até a cintura com uma colcha grosseira de algodão, tomando uma tigella de caldo de mão de vacca misturado com vinho do Porto, para conciliar o somno. Nessa occasião, porém, em vez dos dous ajudantes, estava assentada a seus pés uma preta curta e gorda, com a figura de um odre, já não muito nova, de olhos graúdos e esbugalhados, e por

entre cujos beiços trombudos e revirados, sempre entre-abertos, alvejação dentes agudos e salientes como os do cão. Esta hedionda figura era a companheira fiel, a sultana favorita do illustre e poderoso chefe Joaquim Cassange, cujo gosto neste particular parece que não era dos mais apurados.

Emquanto o Zambi tomava caldo, a okaia favorita caximbava e cochilava. Estavão nesta interessante situação quando chegou Matheus, tendo a um lado Anselmo e ao outro Florinda, os quaes segurava pelo braço, e escoltado por mais dous companheiros.

— Licença, Zambi!...

— Entra, malungo, com Deos e Nossa Senhora do Rosario.

Matheus avançou com seus dous prisioneiros, e inclinou-se profundamente diante do Zambi.

— Então, que diabo é isto, rapaz? gritou este. Que gente é essa, que você vem trazendo?... é branco?...

— Não, Zambi; é mulato. Esta é minha mulher que eu venho apresentar a Zambi, e pedir licença para ficar commigo no quilombo.

— Huuum! resmungou Cassange; está direito; e esse outro quem é?...

— Este, Zambi, não é mais do que pescoço para corda, carne para urubú.

— Olha bem, paesinho! queira Deos isso tudo não seja corda para teu pescoço. Você não está principiando bem sua vida aqui, não, pae. Oia pois! eu gosto que minha gente me traga carne, toucinho, farinha, sal, vinho, tudo que se come e que se bebe, e ouro, muito ouro; está entendendo, pae Matheus?... e você em vez de trazer cousa que se jogue na bocca, traz bocca para comer? isso assim não vae bem.

— Perdão, Zambi; este mulato nós o agarramos aqui perto; vinha espiando nós para achar nossso quilombo, e ir dar parte ao Manganga de Villa-Rica.

— Devéras, capixaba?... você teve atrevimento assim? Pois olha, ali em baixo tem um buraco, onde você ha de ver a ossada de mais de vinte, que como tu tiverão o desaforo de querer tomar a altura de nossa moradia. Mas como você quer, amanhã hei de te mostrar tudo, mas tambem você não ha de ter mais olho para vêr, nem lingua para fallar mais nada.

— Escuta um pouco, Zambi Cassange, disse Anselmo levantando a cabeça, e tentando ainda um esforço, sem esperança, para salvar a si e a sua Florinda. Não é verdade o que diz este parceiro. Elle me tem quizilla por causa desta rapariga, que nunca foi e nem quer ser mulher delle, e que elle esta madrugada roubou á força

da casa de seu senhor. Como eu ia forral-a para casar-me com ella, com consentimento do senhor, elle começou a desfeitiar-me, e foi castigado por isso. Ahi está a razão porque elle fugio para este quilombo, e hoje foi roubar a menina. Chegando lá hoje de manhã, soube do caso, e sahi tomando o rasto atraz de tua gente, até que vim cahir aqui bem perto nas unhas delles. Mas eu não vinha espiar teu quilombo, como elle diz: não, Zambi Cassange, eu vinha procurar-te para te pedir minha noiva, que elles me roubarão, que é toda a minha felicidade, e que te não póde servir de cousa alguma. Trazia dinheiro para te dar em troco della, mas tua gente me tomou tudo. Zambi Cassange, entrega-me Florinda, e minha lingua seja queimada no fogo do inferno, se algum dia ella contar nada do que aqui vio, e juro por minha mãe, que morreo no captiveiro, que, sempre que puder, hei de te dar aviso para salvar-te das perseguição dos brancos.

— Eu Zambi Cassange deixar sahir vivo quem uma vez aqui entrou!... você está maluco, capixaba. Era preciso mudar de tóca, e não estou por isso agora; acho-me muito bem aqui. Tenho soltado muita gente, quando são apanhados fóra do quilombo, mas cá dentro, isso nunca. Já agora, tem paciencia, meo moço; você não sáe d'aqui mais.

— Está bem, Cassange, replicou o moço com voz commovida e tremula; se te peço a vida e a liberdade, é só por amor desta menina; dóe-me cruelmente deixal-a tão sósinha e desamparada no meio deste horror... Ah! Cassange! Cassange! tem piedade della!...

— Não tenha cuidado por amor della, meo moço; não hei de consentir que aqui ninguem ponha a mão nella.

Florinda, que até ali repassada de horror e de pungente anciedade muda e tremula escutava aquelle dialogo, vendo que não havia mais salvação para Anselmo, arranca violentamente o braço, da mão de Matheus, e avança resoluta e altiva para Cassange.

— Cassange! exclamou ella; tu és um máo, e tua alma está no inferno. Tu vaes matar meo noivo, não é assim?...

— Pois, menina, quem mandou elle vir aqui, retorquio Cassange com um sorriso satanico.

— Pois sim, replicou a rapariga com força e batendo com o pé, mas ha de me matar tambem com elle.

Florinda, que até então se conservára muda, encolhida e tremula de medo, alçára subitamente o collo altiva e indignada como a cainana exasperada. Seos olhos fuzilárão, seus labios tre-

mião, e sua atitude era ameaçadora. Mas... coitada!... nem sua belleza e mocidade, nem sua desgraçada situação, nem aquella sua colera e coragem tão bella e tão sublime podião fazer impressão no grosseiro e selvatico espirito daquelles malvados bandidos.

— Eu matar-te a ti, mulatinha?... não póde ser!... tambem não sou tão máo assim, respondeo o Zambi.

— Pois não mate!... eu sei bem como se morre, antes que ninguem me toque um só fio de meos cabellos.

— Menina, socega seo coração, disse o Zambi procurando ameigar a voz. Aqui ninguem te põe a mão; o primeiro que tiver o atrevimento de engraçar com você, cabeça vae fóra. Tu tambem, pae cabra, não pensa que rapariga é tua, não; quem te deo licença para ter okaia aqui, você que ainda hontem entrou neste quilombo?...

— Mas, Zambi, eu vinha pedir... ia dizendo Matheos.

— Cala a bocca, pae, interrompeu seccamente o Zambi. Vae dormir, que eu tenho mais que fazer do que ouvir prosa de cabra.

O chefe levou dous dedos de cada mão aos cantos da boca, e soltou um assovio agudo que retinio pelas brenhas. Momentos depois uma

chusma de pretos appareceu á porta de sua choça. Apenas chegarão, disse-lhes o chefe :

— Vão já depressa cortar forquilhas e o mais necessario para fazer dous ranchos pegados ao meo, um aqui e outro alli, e apontou para a direita e a esquerda. Pae Mandú, Cabeça de boi!... vocês fiquem ahi fazendo sentinella a esses dous capixabas. Você, pae cabra, vae para teo rancho, deita no giráo, accende teu pito, e dorme com Deos.

Os negros sahirão a cumprir a ordem do chefe ; este começou a cochilar ; Florinda debruçou-se a chorar sobre uma esteira que, por ordem do Zambi, tinhão extendido perto della; Anselmo sentou-se no chão a um canto, com a cabeça enterrada entre as mãos; Matheus retirou-se resmungando ; os dous guardas sentarão-se junto ao fogo, e accenderão seus caximbos; mãe Maria, a favorita de Cassange, sentada ao pé da tarimba, lançava com seus olhos de sapo sinistras olhadélas sobre a gentil Florinda, em que já advinhava uma rival.

Em menos de uma hora os dous ranchos destinados a Florinda e a Anselmo estavão promptos com todo o confortavel proprio de um quilombo.

— Agora, disse Cassange, pae Mandú e Cabeça de boi fiquem de sentinella a essa menina,

da banda de fóra, bem entendido, e sentido com ella. João Cabinda e Zé creoulo tomem conta desse rapaz. Cuidado gente! se elle foge, cabeça vae fóra.

CAPITULO IV

Apenas todos se retirarão a seus destinos conforme as determinações do chefe, mãe Maria foi-se deitar ao lado do seu real companheiro, e encetou com elle em voz baixa a seguinte conversação :

— Com effeito, meo Cassange, você está de todo com a cabeça virada.

— Como assim, mãe Maria?...

— Que é que você fazer com essa rapariga e esse homem que chegárão ahi?... Essa gente ainda ha de ser nossa perdição. Se você amanhã não enforca elles todos dous, adeos, Cassange, eu vou-me embora d'aqui.

— Oh! então Vm., mãe Maria, quer fazer aqui casa de pae Gonçalo, onde gallinha canta-mais alto do que o gallo?... que tem Vm. com esses dous cabritos?...

— Olha, pae Zambi, essa gente de côr é gente amaldiçoada; onde elles vão, trazem máo azar, e

entra muita candonga e muito barulho. Olha bem, pae Zambi: bota sentido no que eu estou fallando.

— Canan!... páo de forca está ali... toda candonga acaba lá.

— Mas falla, Cassange: não é melhor acabar com elles já, antes que candonga appareça?...

— Está bom, mãe Maria: amanhã nós podemos conversar: agora tomára eu dormir, que estou morto de somno.

O matreiro Zambi não tinha nenhum somno. Uma multidão de idéas atrapalhadas, que lhe fervião no cerebro, não o deixavão pregar olho. A encantadora e voluptuosa figura de Florinda tinha-lhe feito viva impressão no coração, e lhe accendêra o sangue africano em apetites libidinosos. A idéa de gozal-a, de tomal-a para sua okaia, lhe sorrira espontaneamente no espirito, e se lhe apresentára como cousa facil.

Todavia tinha de romper por algumas difficuldades, e era isso que o preoccupava. Posto que vivessem do latrocinio e assassinato, os quilombólas tinhão certa organisação interna, certa disciplina regular e severa, a que devião sujeitar-se debaixo de rigorosas penas. Assim, a respeito de mulheres havia leis mui terminantes, proprias para reprimir excessos e devassidões, que em todas as sociedades são sempre um principio

de desorganisação. Quando qualquer rapariga cahia entre as mãos dos quilombólas, devia pertencer ao apprehensor, comtanto que isso fosse do agrado della. Se assim não acontecia, poderia escolher o companheiro que quizesse ; e se não aceitava nenhum, ficava á disposição do Zambi, que podia reserval-o para si, ou dar-lhe liberdade, conforme lhe approuvesse. A infidelidade das mulheres era detestada, e severamente punida ; e tambem, por outro lado, quem contra ellas commettesse qualquer desacato, e qualquer attentado violento, incorria em rigorosos castigos.

O astuto Cassange percebeu logo quanto era violenta a paixão que Florinda tinha pelo mulato, e bem vio que emquanto este fosse vivo ella não se entregaria por bem nem a Matheus, nem a elle Zambi, nem a outro qualquer, fosse quem fosse. Estava na verdade em suas mãos dar cabo de Anselmo ; mas isso por maneira nenhuma lhe fazia conta. Se Anselmo fosse morto por sua mão, ou por ordem sua, por certo a rapariga lhe tomaria aborrecimento e odio mortal, e talvez quem sabe!... se congraçasse com o cabra, que era parente e conhecido antigo della. Cassange não podia supportar esta idéa ; confrontava no espirito a grosseira e trombuda catadura de mãe Maria com a suave e gentil figura de Florinda,

e achava desafôro que um dos seos mais insignificantes subditos tivesse uma tão linda okaia, emquanto elle, chefe omnipotente, se contentava com ter no seo giráo aquella nauseabunda giboia.

Depois de muito parafusar com o pensamento, entendeo que o melhor que podia fazer era não se embaraçar com o mulato, fingir mesmo que o patrocinava, e deixar que o cabra, como naturalmente aconteceria, désse cabo delle. Depois facil seria desfazer-se de Matheus, com o qual desde o principio tinha inquizilado. Cassange pesou bem estas cousas, e aguardou-se para no dia seguinte tomar as suas medidas.

Florinda, quebrantada por tamanhos soffrimentos, cahio n'um somno que mais parecia um deliquio, interrompido por pesadellos e sonhos horriveis. Anselmo, depois de longa vigilia, em que esteve a excogitar algum meio de salvação para si e sua querida Florinda, cedeo tambem ao cançaço, e adormeceo entre seos dous vigias, sobre uma immunda enxerga.

No outro dia Cassange levantou-se mais cedo que de costume ; chamou sua gente, e a distribuio e dispersou pelas costumadas emprezas de roubo e de pilhagem. Matheus tambem foi mandado para serviço ; o chefe queria ficar com pouca gente no quilombo. Ficárão sómente elle,

mais seis companheiros de sua maior confiança, Anselmo, Florinda e mãe Maria, que tratava dos misteres da cozinha.

Logo que todos se retirárão, e que mãe Maria desceo com um pote na cabeça a apanhar agua em uma fonte vizinha, Cassange foi ter com Florinda.

— Menina, escuta uma cousa, disse-lhe elle com tom fagueiro e paternal ; você não póde ser nem de Matheus cabra, nem desse mulato que está ahi. Se você quer ser Zambi-okai deste quilombo, é só fallar, minha filha. Você aqui tem tudo : ouro lavrado, aquelle bahú está atopetado delle ; vestido de seda, velludo, cambraia, ali tem tudo. Que comer e beber aqui não falta ; olha. O Zambi foi mostrar á rapariga uma vasta dispensa subterranea, atulhada de todos os generos e bebidas do paiz e do estrangeiro .— Aqui todos, principiando por mim, são seos captivos ; é só abrir a bocca, que está servida naquillo que quizer.

Florinda olhava espantada para o Zambi e não sabia o que havia de responder.

— Falla, minha filha, falla ; quer ser Zambi-okai?...

— Oh! meu Deos! eu não... não posso, respondeo Florinda balbuciando. Não sou senhora de mim... sou de meo senhor...

— Você está maluca, menina?... aqui, no quilombo, não ha senhor nem captivo...

— Mas eu não quero... não posso ficar, não; pelo amor de Deos, Cassange, mande-me levar para minha casa.

— Então você, menina, quer ir para a casa de seo senhor?... pois sim; mandarei te levar e te largar no mesmo lugar em que te apanhárão...

— E Anselmo?... Anselmo tambem ha de ir comigo, não é assim, Zambi Cassange?...

— Não póde: esse ha de ficar pendurado no galho daquelle arvore acolá.

— Ah! não! não, Cassange! exclamou a rapariga lançando-se aos pés do Zambi e abraçando-lhe as pernas. Tem piedade delle; elle não te fez mal nenhum...

— Quem mandou elle vir cá?... Quem aqui entra uma vez, não póde sahir vivo... Levanta, menina...

— Então tambem eu hei de ficar morta com elle...

—Você está tola, menina; se você quer que elle vá-se embora vivo, fica ahi socegada comigo. Mas se você quer sahir viva, elle fica morto.

— Não, não, Cassange. Ou eu e elle havemos de sahir vivos, ou todos dous havemos de ficar mortos.

Nesse momento vinha chegando mãe Maria com o pote na cabeça, cantarolando uma cantiga de sua terra.

— Socega seu coração, menina, disse Cassange em voz mais baixa. Eu hei de dar um geito nessa candonga, que não ha de te acontecer mal nenhum. Mas, olha bem, imagina bem no que eu te fallei. Dá de almoçar a esta rapariga, continuou voltando-se para a negra. Coitadinha! passou mal e está muito mofina; toma cuidado com ella. E sahio.

— Huuum!... resmungou mãe Maria; meo coração bem estava adivinhando; candonga está armada.

Mãe Maria, apenas se achou só com Florinda, começou a affagal-a e a cercal-a de cuidados. Preparou-lhe um prato, o mais saboroso que poude arranjar, e com modo carinhoso como que a forçou a comer alguma cousa. Depois foi á dispensa e trouxe-lhe um copo do mais fino e delicado vinho.

— Tem paciencia, dizia a negra. Isto aqui não é tão ruim como você pensa. Quando você se costumar, nunca mais ha de querer sahir daqui. Aqui não falta nada; a gente come e bebe do bom e do melhor, como você está vendo, dorme quando quer, e levanta quando bem lhe

parece. Isto sempre é melhor do que em casa de branco, não é assim, menina?

— Eu ficava aqui de boa vontade, e talvez me costumasse, mas havia de ficar com Anselmo.

— Pois que tem você com esse mulato?... é seo irmão?... seo marido?...

— E' meo primo, e estava para se casar comigo.

— Mas elle não é captivo?...

— Não: a mãe delle é que era escrava de um irmão de meo senhor. Elle mesmo foi forro na pia.

— Ah! coitado!... então não póde ser nosso malungo, e vida delle está bem mal parada...

— Ah! meo Deos!... bem sei disso; o Zambi já me disse que, se eu não quizer ser sua okaia, Anselmo sem falta nenhuma tem de morrer.

Era isto mesmo que a matreira negra já tinha suspeitado, e desejava ouvir da bocca da rapariga. Seos olhos se injectárão de sangue, lançárão um lampejo feroz, crescêrão e rolárão nas orbitas como os do sapo esbordoado.

—E você o que é que disse a elle?...

— Eu?... eu nem sei mais o que respondi... só me lembro que desatei a chorar, e lhe pedi de joelhos que não matasse Anselmo... Tem piedade de mim, minha tia; só você é que póde valer-me nestes apertos. Mãe Maria, por cari-

dade, pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo! não deixe elle matar Anselmo, não.

— Socega seo coração, menina. Quando Zambi vier fallar outra vez com você, não falla que você não quer ser okaia delle, não. Cala sua bocca: eu hei de dar geito, que nem você, nem esse mulato não hão de ter nada, não.

— Você me promette, minha tia?... deveras?... exclamou Florinda pegando-lhe nas mãos e cravando-lhe um olhar humido de prazer e de reconhecimento.

—Por esta Nossa Senhora do Rosario, disse a negra beijando a imagem de seo rosario de ouro.

— Mas, minha tia, como é que você ha de se arranjar?

— Deixa por minha conta: você não está vendo que eu aqui sou rainha?

Mãe Maria foi levar comida ao outro prisioneiro, que se achava de outro lado da residencia do Zambi, no pequeno rancho improvisado na vespera, e guardado por dous quilombólas.

Mandou retirar os dous quilombólas e disse-lhe:

— Moço, toma sentido!... Zambi Cassange quer te matar.

— Já contava com isso, respondeo tristemente Anselmo. Mas eu não sei que mal lhe fiz.

— E' porque elle quer te tomar a mulatinha, que te quer tanto bem.

— Pobre Florinda!... mas ella!... ella tambem não se entregará senão morta...

— Mas Zambi disse que para te perdoar, só se ella quizer ser okai delle... e o que é que ella ha de fazer, coitadinha!...

— Ella!... exclamou Anselmo empallidecendo... duvido que se entregue...

— Quem sabe, meo moço?... elle não tem animo de te vêr morrer.

— Nesse caso tambem não quero viver; matem-me já, que nada tenho mais a perder neste mundo.

— Cala bocca, moço; aqui estou eu, que não quero que você morra, nem que a mulatinha seja de Zambi. Não hei de ser eu Maria Conga, que hei de aturar que aquelle pae velho caborgeiro me venha desfeitiar na cara á vista de Deos e todo mundo: por ventura eu sou sua escrava d'elle?... elle me comprou?... ah! pae Zambi está enganado comigo... Socega seo coração, moço: olha, não dá fé do que Florinda disser, nem no que falla esse preto candongueiro, não. Fica ahi, cala sua bocca, e deixa, que eu hei de dar geito na cousa, de maneira que pae Zambi desta vez não ha de levar o bocado á bocca, não.

Anselmo não podia comprehender o plano de mãe Maria, mas deprehendeo que a sua presença e a de Florinda ião introduzindo a sisania no quilombo, e uma fraca esperança luzio-lhe no fundo da alma. Se rebentasse algum disturbio no meio daquelles bandidos, talvez se lhe proporcionasse meio de evadir-se e salvar sua querida Florinda. Mãe Maria enfurecida pelo ciume podia bem ser a auctora de seo liviamento, e portanto entregou a sua sorte á disposição da negra. Tambem na critica situação em que se achava, que outra cousa poderia elle fazer de melhor?...

CAPITULO V

Ao pôr do sol Matheus com os demais parceiros voltárão de suas correrias. Tanto o Zambi como mãe Maria estavão ardendo por irem se entender com elle. Cassange foi o primeiro que se dirigio ao rancho em que Matheus morava em companhia de pae Simão. A esperta mãe Maria, que já estava com a pulga na orelha, o foi seguindo sem ser vista, e escondida a um canto a favor das sombras da noite, que já descião, escutou a seguinte conversa :

— Então, pae Matheus, me conta o que é que você fez hoje? vae gostando do officio?...

— Sem duvida, Zambi ; esta vida me agrada. Só de uma cousa eu não estou gostando nada.

— O que é? falla, pae...

— Se Zambi não fica zangado eu fallo.

— Falla, rapaz ; eu não gosto que minha gente guarde nada no buxo, não.

— Pois sim, eu fallo. E' porque eu trouxe para aqui minha okai, e Zambi guardou ella, e não quer que ella fique comigo. Eu fallo minha verdade, se a cousa aqui é assim, eu arranjo minha trouxa e vou-me embora.

— Para onde, rapaz?...

— Para outro quilombo.

— Você está tolo, rapaz!... rapariga é que não te quer vêr nem pintado, e emquanto esse mulato, que vocês agarrarão não sei para que, fôr vivo, ella não quer saber mais de ninguem. Eu mesmo cá por mim, eu não me embaraço com mulher de ninguem, Deos me livre; cada um que se arrume.

— Está direito, Zambi Cassange; eu bem queria acabar com aquelle maldito mulato, mas os outros parceiros não quizerão.

— Todo o tempo é tempo, rapaz; mas é preciso abreviar com isso.

— Zambi dá licença?

— Como não, pae?... o que é que esse mulato fica fazendo ahi no quilombo?...

— Pois deixa por minha conta, Zambi. Amanhã mesmo o diabo do mulato pachóla me paga tudo.

Apenas o Zambi se retirou, a negra sahio do seo esconderijo, e apresentou-se diante do cabra.

— Pae cabra, disse ella açodadamente e com certo ar de mysterio, não acredita no que esse pae mandigueiro está fallando, não. Elle quer que você mate o mulato, e depois elle te mata você tambem, e fica dono da mulatinha. Elle já jurou que a mulatinha não ha de ser de você.

— Que está dizendo, mãe Maria?... bem eu andava banzando isso mesmo. Mas então como ha de ser, mãe Maria?...

— Não tem nada, rapaz. Eu tambem não quero mais saber daquelle pae candongueiro: nossa gente toda está mal satisfeita com elle. Elle não quer que malungo nenhum tenha a sua okaia; elle não quer que quilombóla beba seu vinho; elle não quer que gente brinque, que danse moçambique, nem nada. E elle só é que póde fazer tudo, e quer tomar okaia dos outros... isso é desafôro!... Vamos nós todos fazer nosso quilombo á parte, e elle fica sósinho. Você fica sendo Zambi-okaia de nosso quilombo. Eu vou fallar com os outros parceiros, e amanhã se acaba de conchavar tudo.

— Mas, mãe Maria, diabinho da mulata embeiçada com o capixaba, não quer saber de mim... está me parecendo que se o mulato morre, ella tambem morre de paixão.

— Não acredita nisso, Matheus. Pae Simão está ahi, que é feiticeiro mestre. Foi elle que

botou feitiço em pae Zambi, que até hoje nunca poude me largar. Falla com elle para botar feitiço na menina, e você ha de vêr como ella fica te querendo bem. Amanhã bem cedo você vae onde está Zambi, e pede-lhe que te entregue sua okaia de você ; se elle entrega, tudo está direito, você fica calado. Se elle não quer te dar tua okaia, então você cala a bocca, e vem conversar comigo.

D'ali mãe Maria foi ter com alguns outros quilombólas, que sabia andarem descontentes e promptos para se revoltarem ou se separarem de Joaquim Cassange. A todos animou com promessas de uma vida mais livre e folgada, e aos mais influentes acenava com a dignidade de Zambi.

Nenhum interesse tinha aquella megéra que o chefe fosse Matheus Cabra, ou outro qualquer ; o seo unico alvo era suscitar uma revolta ou uma defecção no quilombo, para se vingar de Joaquim Cassange e arrancar-lhe das unhas a mulata, e pouco se lhe importava que esta fosse para o poder de Matheus ou de Anselmo, pela sorte dos quaes tambem nada se interessava.

Em verdade o caracter demasiadamente secco e austero de Cassange ia tornando o seo commando um pouco odioso a grande numero de

seos quilombólas. Com muita difficuldade consentia que qualquer dos seos tivesse mulher no quilombo, porque desconfiava, talvez com razão, da indiscreção e leviandade dellas, e não as admittia senão quando via que erão feias, porque as bonitas entendia que erão um elemento constante de perturbações e discordias. Era por essa razão, e para dar o exemplo, que elle mesmo, podendo aliás ter um lusido serralho de vistosas negras e lindas mulatas, se contentava com a triste companhia da trombuda Maria Conga. Tambem não permittia, senão com muita reserva, as dansas e folguedos, e cohibia severamente o abuso do vinho e da aguardente. Assim aquelle quilombo era uma especie de mosteiro no meio das brenhas, onde, no meio dos trabalhos de uma vida aspera e fragueira, se mantinha a mais severa disciplina, e se desconhecião os regalos e prazeres que os amenizão.

Assim pois não foi difficil a mãe Maria achar muita gente disposta a desertar do quilombo, e mesmo revoltar-se contra o Zambi.

No dia seguinte bem cedo, Matheus, conforme tinha conchavado com Maria Conga, foi á presença do Zambi e pedio-lhe que lhe entregasse Florinda.

— Mas, rapaz, respondeo-lhe o chefe com im-

paciencia, você bem sabe que ella não te quer, e nem nunca ha de te querer, ao menos emquanto esse mulato for vivo?... porque você não acaba com elle?

— Da-me rapariga, Zambi, e deixa o mais por minha conta. Eu dou minha cabeça se esse mulato amanhece no dia de amanhã.

— Não te dou Florinda, porque ella não quer; e emquanto ella não quizer a você ou a outro qualquer, fica debaixo de meo senhorio; esta é que é nossa lei d'aqui, e não ha de ser você, por cabra, que me ha de fazer botar abaixo a lei.

— Mas eu asseguro a Zambi que ella ha de se acommodar commigo...

— Vae esperando!... não é com essa que você me cinza, rapaz. E' atôa teimar: emquanto esse moço for vivo, você não tem Florinda.

— Pois tambem, emquanto Florinda não me fôr entregue, eu não dou cabo do mulato.

— Pelo que, pae?...

— Porque não me fio em você, Zambi.

— Então, pae cabra, vae-te com Deos ou com o diabo; mas Florinda cá fica. Ah! cabra amaldiçoado, continuou o chefe murmurando entre si; como está enriminado o paesinho!... deixa-te estar, meo cabra, que não leva muito a eu quebrar-te esse topete.

Matheus retirou-se calado, como Maria lhe tinha recommendado, e logo foi procurar geito de conversar com ella para combinarem seos planos.

Nesse dia, apezar de toda a dissimulação dos conspiradores, havia no quilombo um certo sussurro, um certo ar de desconfiança que não escapou ao matreiro Zambi que tinha mais ronha do que uma raposa velha, e que aliás já andava resabiado. Uma vez dispersos os quilombólas, os apaniguados de Maria Conga, em vez de irem tratar dos misteres de sua profissão, se separárão a fim de concertarem o trama a que ella os tinha convidado. Cassange, receioso de algum incidente, não quiz arredar pé do quilombo, e não largou de vista seos dous prisioneiros, acompanhado de doze de seos mais valentes e leaes companheiros, a quem elle, que sabia a historia de Carlos Magno, chamava os seos doze pares.

Mãe Maria, de sua parte, para despertar desconfianças, mostrava-lhe a melhor cara possivel, e quasi não se afastava de ao pé delle. Florinda olhava para elles, attonita e consternada, sem saber o que poderia temer ou esperar.

Anselmo, vigiado de perto por seos dous guardas, bem percebia que no quilombo havia alguma novidade qualquer que fosse, cuidava adivi-

nhar-lhe a causa, e seo coração cobrava algum alento e esperança.

Quanto ao matreiro Cassange, que já havia percebido a tramoia, esse sabia com que cartas jogava, e esperava impassivel o resultado.

CAPITULO VI

Quando a noite desceo, cada um se recolheo tranquilamente a seo rancho; mas notava-se como um ruge abafado, como o murmurio surdo que precede o desabar da tormenta.

Cassange fizera tirar da vizinhança de seo rancho a Anselmo, e o mandara transportar para uma coberta mais distante, entregue á guarda de pae Mandú e Cabeça-de-Roi, aos quaes recommendará a mais severa vigilancia.

Estava elle dormindo embaixo de uma coberta de capim, em cima de uma esteira estendida no chão, envolto em alguns cobertores mulambentos que por compaixão lhe davão. O rancho, por um lado, era tapado por uma barranca de pedra, do outro por um tabique de ramos, e nos outros dous, que erão abertos, os dous vigias estenderão suas esteiras e fecharão o quadrado no meio do

qual dormia Anselmo amarrado de pés e mãos.

Já a noite ia em mais de meio: o fogo, que havião accendido perto do rancho, estava em cinzas; os guardas, fiados em suas medidas de segurança, dormião profundamente. Anselmo estava em uma especie de modorra afflictiva, quando cuidou ouvir a pequena distancia como o resfolegar de um animal que andava farejando qualquer cousa. D'ahi a poucos segundos percebeo que o animal vinha se avizinhando lentamente, sempre a soprar e a farejar o chão, e foi chegando quasi a tocar o guarda que lhe dormia atravessado pela cabeceira á beira do rancho. O animal depois alongou o pescoço por cima do negro, e Anselmo sentio-lhe o bafo quente por cima de sua cabeça.

— Sáe fóra, diabo! gritou pae Mandú accordando, e espantando o animal para longe.

Dahi a um instante pae Mandú estava roncando outra vez.

— E' um animal, não tem duvida: pensou comsigo Anselmo. Mas por que motivo veio elle cheirar-me?... quem sabe se não é o meu cabiúna?...

Anselmo levantou a cabeça, e apezar da escuridão da noite, enxergou o animal que havia parado a alguns passos de distancia, e reconheceo que era preto.

— E' elle! não póde ser outro! é o meo fiel e valente cabiúna. Foi Deos quem o mandou aqui para me salvar e salvar Florinda. Mas como é que eu hei de me haver!... eu amarrado de pés e mãos. Em todo caso, nestes apuros nada se perde em arriscar.

Assim pensou Anselmo, e pôz-se a reflectir. Lembrou-se do lugar em que um de seos guardas tinha guardado a faca ao deitar-se.

O mais subtilmente que poude, e com todo o geito, foi-se arrastando aos poucos para ali. Durante isso, o cavallo, satisfeito talvez por ter reconhecido seo patrão, foi-se afastando mais um pouco, a passos lentos e como que cautelosos. Isto, que parece um instincto sobrenatural, não é raro na historia dos cavallos; elles muitas vezes guardão para com os seos senhores tanta affeição e fidelidade como os cães, e são dotados do mesmo tino e perspicacia.

Subtilmente, e ás apalpadellas, Anselmo achou a faca do negro, e como tinha os pulsos fortemente arrochados, braçou-a com as duas mãos e com ella foi-se arrastando de novo para o lugar de sua cama. Chegando ahi agarrou com os dentes o cabo da faca, arrancou-lhe a bainha, e do melhor geito que poude, a muito custo, foi cortando as correias que lhe apertavão os pulsos. A cada resfolgar, a cada leve movimento de

seos vigias, suspendia a operação. O cavallo deo uma forte patada; Anselmo estremeceo.

— Olé, parceiro!... gritou m dos guardas. Que diabo de cavallo é esse que anda ahi?... você não está ouvindo?...

— Ah!... deixa gente dormir, rapaz; respondeo o outro espreguiçando-se. E' um diabo de um burro magro que esses dias tem andado ahi. Deixa estar, que amanhã eu jogo elle no buraco para urubú.

— Quem sabe se não é cavallo desse mulato? você sabe, malungo; cavallo ás vezes é como cachorro; procura sempre seo dono.

Ouvindo isto Anselmo julgou-se perdido; mas a resposta do outro negro veio immediatamente tranquillisal-o.

— Você está maluco, pae; disse o outro. Cavallo do mulato foi vendido muito longe. Não é aquelle que volta cá mais.

Esta resposta, porém ao mesmo tempo que tranquillisou, não deixou de affligir o pobre Anselmo. Seria com effeito algum burro magro e invalido que ali andava, e não o seo cabiúna?.. e, nesse caso, que poderia elle fazer em cima de tal animal?...

Mas ao mesmo tempo considerava: Qual outro animal, a não ser o meo cabiúna, viria procurar-me e cheirar-me a mim só no meio de tanta

gente?... e, de mais, pelo resfolgar pareceo-me ser um animal valente e possante... até parece que conheci o bafo de meo cavallo.

Na duvida comtudo, Anselmo, depois que se convenceo de que os seos vigias de novo se achavão bem ferrados no somno, foi continuando a sua operação. Uma vez com os braços livres, facil lhe foi cortar os amarrilhos dos pés. Depois levantou-se cautelosamente, e depois de saltar por cima do vigia que lhe ficava a cabeceira, foi de rastos até o lugar em que se achava o animal, que estava n'uma distancia como de quinze a vinte passos. Quando chegou perto, o cavallo abaixou a cabeça para cheiral-o e reconhecel-o de novo. Anselmo então levantou-se, passou-lhe a mão pelo pescoço, e achou as bastas e longas crinas de seo cabiúna, apalpou-lhe a anca, e por uma pequena protuberancia acabou de certificar-se que era elle, elle mesmo, o seo fiel e valente cabiúna. Seo coração pulou de alegria; abraçou-lhe o collo, e beijou-o quasi com o mesmo ardor com que teria estreitado nos braços a sua adorada Florinda. Correspondendo a este affago, o animal curvou o collo e chegou-lhe á face as narinas fumegantes, como que lhe dizendo ao ouvido : salta ao meo lombo. Dir-se-ia que se tinhão conchavado para aquella fuga.

Anselmo com toda a precaução trepou ao lombo do animal, estirou-se sobre o seo pescoço, encolheo as pernas, e cosendo-se com o cavallo procurou fazer sumir o seu vulto o mais que fosse possivel. Deo-lhe uma leve palmada no pescoço, e puchando-lhe a crina, o fez ir sahindo tão lentamente e com tanta precaução como tinha chegado.

O cavallo o foi levando assim vagarosamente, parando de quando em quando por entre as choças dos negros, sem que fosse persentido. Sómente um accordou e gritou : — Sáe fóra, burro!... esse diabo de burro não deixa gente dormir socegado. Eu, se fosse Zambi, mandava botar tronqueira na bocca do quilombo.

— Você está tolo, rapaz! respondeo outra voz. Isso era mostrar a branco a porta do quilombo.

Anselmo a principio assustado quiz tanger a galope o seo cavallo, mas ouvindo o resto da conversa tranquillisou-se, e foi continuando a escoar-se vagarosamente, até achar-se fóra do recinto das arranchações, que não era muito extenso. Então apeou-se á pressa, desatou dos rins uma cinta de algodão de duas voltas, e atou-a como barbicaxo á bocca do cavallo. Este a principio mostrou alguma repugnancia e abanou duas vezes a cabeja, como que dizendo :

deixa-me, que eu sei o caminho por onde vim. Mas emfim, como servo obediente, acabou por acceitar o freio que seo senhor lhe impunha. Anselmo de novo trepa-lhe ao lombo, e parte veloz como o tufão.

Do fóco do quilombo ao lugar que lhe servia de sahida, o unico por onde era facilmente accessivel, havia como um quarto de legua. Ali, dia e noite, havia sempre duas espias alerta. Até ali a floresta, sempre batida pelos negros, era limpa por baixo, e subia por uma rampa suave, encostada á penedia e ás vezes por baixo della, até o lugar da sahida, onde havia uma cascata que descia dos rochedos, e além da qual o solo elevava-se rapidamente até onde terminava a linha de rochedos nivelando-se com o terreno superior.

Junto á cascata estavão os dous espias. Abaixo della o riacho cavava um leito profundo, formando uma valla de uma braça de largura.

Os vigias, ouvindo o tropél de um cavallo que vinha a toda brida de dentro do quilombo, ficarão assombrados, e correrão a postar-se no unico lugar onde a muito custo poderia passar um cavalleiro. Mas abaixo ninguem poderia passar senão a pé, de dia, e com grande difficuldade.

A floresta ahi não era muito espessa, e os negros puderão ver com assombro um cavallo negro, que parecia não ter cavalleiro, saltar o

fosso e continuar sem interrupção o seo galope de furacão.

Os vigias soltarão dous assovios estridentes e agudissimos, aos quaes immediatamente responderão como échos outros muitos, na profundidade do grotão: e como dous veadeiros amestrados partirão no encalce do cavalleiro.

Pareceria loucura perseguir a pé um tão rapido cavalleiro. Mas os pretos bem previão que elle em breve se veria embaraçado pelas difficuldades do terreno, e que seria inutil a velocidade do cavallo, o qual não seria impossivel alcançar emquanto lhe ouvissem o tropél.

Outros quilombólas tinhão já sahido do quilombo á pista do fugitivo, pois já antes do signal dos vigias tinhão dado falta delle, e pae Mandá e Cabeça-de-Boi, os dous guardas do prisioneiro, sobre quem pesava toda a responsabilidade, póde-se imaginar com que ancia, acompanhados de alguns outros, se puzerão a correr no alcance delle.

Como o terreno naquelles lugares é horrivelmente accidentado, cheio de roladores e precipicios, os negros qe ião atrás, posto que na marcha se achassem a grande distancia pelas voltas que davão, comtudo em linha recta achavão-se proximos, e fazião-se ouvir perfeitamente por meio de gritos e assovios. Anselmo tambem os

ouvia a pequena distancia, mas seo cavallo infatigavel proseguia em seu galope, vencendo incriveis difficuldades. Todavia as vozes dos negros avizinhavão-se cada vez mais. De feito o cavalleiro, ou antes o cavallo, pois Anselmo deixava-o ir por onde queria, a despeito de toda a sua força e agilidade, tinha muitas vezes de retardar o passo e de dar muitas voltas em razão das difficuldades e asperezas do terreno, voltas que os quilombólas atalhavão mettendo-se por furnas e barranceiras, galgando rochedos, e transpondo abysmos com a presteza de verdades macacos.

Emfim Anselmo achou-se fóra das mattas, e respirou ; no campo ao menos podia orientar-se melhor, e a favor da fraca claridade que um escasso luar mingoante derramava por aquelles rincões, podia divisar os seos perseguidores. Mas que campos aquelles, santo Deos!... Anselmo ia-se achar talvez entalado em maiores e mais horriveis difficuldades do que nas mattas. Nos seos desfiladeiros lisos, cobertos de capim rasteiro, todos os annos renovado pelas queimadas, o infeliz que por elles escorrega não acha um ramo a que pegar-se, e tem de irremissivelmente estourar no fundo do abysmo. Muitas vezes o cavalleiro incauto, galopando por uma lombada lisa e plana, inopinada e traiçoeiramente se acha empenhado em um declive tão rapido que não

lhe é mais possivel conter o cavallo, e o despenho é inevitavel. Outras vezes, passeando por uma campina aprazivel e risonha, estaca de repente á borda de um despenhadeiro a prumo, medonho e vertiginoso.

Anselmo, como dissemos, ao sahir nos campos creou alma nova, porque ali, ao menos, á mercê daquelle fraco luar, podia enxergar em torno de si, ainda que bem conhecia a aspereza do terreno todo cortado de traidoras perambeiras. Então pela primeira vez usou do freio que improvisára, e procurou dirigir o cavallo para a esquerda, a fim de vêr se ganhava a estrada que então communicava a côrte com Villa-Rica, passando pelo pequeno arraial da Boa-Vista, que depois se tornou celebre por um sangrento combate que ahi se deo por occasião de uma sedição em 1833. O cavallo, a principio, reluctou e queria seguir á direita; sem duvida queria voltar pelo mesmo trilho por onde viera quando penetrou no quilombo, e que lhe era conhecida; mas seo senhor insistindo, forçoso lhe foi obedecer.

Anselmo disparou como uma flecha, e achando a principio o terreno favoravel, galopou até que não ouvio mais as fallas dos quilombólas. Mas em breve se achou embaraçado por uma grota pedregosa, por onde corria um riacho; em procura de um caminho para salval-a, gastou mais

tempo do que levára a galopar meia legua. Como uma matilha de cães doctrinados, os negros ião-lhe direitinho na pista, como se o farejassem, e approximavão-se com rapidez assustadora. Vencida felizmente a grota, Anselmo deparou do outro lado um trilho, talvez de gado; lançou-se por elle e ainda galopou sem empecilho por espaço de alguns minutos; mas em breve este trilho perdeo-se em um terreno eriçado de pedras, que muito retardou-lhe os passos. Mais adiante ganhou a lombada quasi plana de um espigão, por onde seguia um trilho excellente, e mettendo-se por elle em breve, ganhou distancia consideravel. No fim da lombada erguia-se um tope arredondado como um zimbario, liso e coberto de mimoso capim; o trilho fazia uma curva, que o contornava descendo suavemente. O cavalleiro continuou por elle seo galope de tufão.

Já os negros ficavão como a uns dous mil passos de distancia. Se Anselmo não encontrasse mais estorvos por mais uns dez minutos, podia dar-se por salvo das garras dos quilombólas.

A primeira alva do dia começava a despontar. Anselmo reconheceu bem perto as alturas de José Correia e Boa-Vista, e a estrada do Rio de Janeiro; ia em rumo certo. Apertou os calcanhares nas ilhargas do brioso animal, debru-

çou-se sobre suas crinas, bradando : Eia, meo amigo, meo valente cabiúna!... mais um esforço, e estamos salvos. O cavallo o comprehendeo, e desenvolveu toda a sua prodigioso velocidade.

No impeto daquella carreira vertiginosa, Anselmo não reparava que a rampa do morro que costeava, tornava-se cada vez mais ingreme, e que elle se achava dependurado no meio de uma dessas perambeiras horrives, chanfradas, lisas, sem uma pedra, sem o menor ramo a que a gente se possa agarrar. A curvatura do trilho o da rampa não lhe deixava vêr o perigo que ia adiante e que cada vez mais se augmentava. De mais, Anselmo ia olhando além, procurando ao longe o rumo que tomaria, e não via o perigo que tinha debaixo dos pés. E' assim que muitas vezes, a encarar o futuro, perdemos de vista o presente e cahimos no abysmo.

De subito o cavallo, que nesse momento tinha mais instincto do que seo amo, estacou ; mas era tarde. Anselmo estremeceo, e lançando os olhos em roda de si, sentio gelar-se-lhe o coração. A' direita era a perambeira, immensa, lisa e quasi perpendicular, que, em uma enorme profundidade, ia terminar em um grotão coberto de espesso matagal. A' esquerda era a continuação do mesmo roladouro que se erguia por cima de sua cabeça, e que só a irára ou o sagui pode-

rião galgar. Para adiante, o trilho sumia-se estreitando a confundir-se na perambeira; mais um passo que aventurasse, cavallo e cavalleiro rolarião inevitavelmente no abysmo. Voltar tambem era perigosissimo, senão impossivel. O trilho, em que se sostinha o cavalleiro, como no friso de uma muralha, teria quando muito palmo e meio de largura. Anselmo podia tentar fazer o seo cavallo voltar sobre os pés por cima do abysmo e tornar sobre seos passos; mas este arriscadissimo expediente só teria em resultado trazel-a ao encontro dos quilombólas que se avizinhavão rapidamente em altos alaridos.

Cumpria tomar uma resolução extrema e com toda a promptidão. Anselmo notou que atrás delle, a poucos passos de distancia, a perambeira fazia uma pequena ruga, coberta de ramos rasteiros, entre os quaes a muito custo se poderia occultar um homem. Esconder-se nelles deixando ali ficar o cavallo, seria o mesmo que mostrar-se aos quilombólas. Anselmo tomou uma resolução terrivel, extrema; era a unica, que lhe restava. Apeou-se do lado superior da perambeira, firmou um dos pé, empurrou vigorosamente o cavallo que perdeo o equilibrio, e rolou gemendo de boléo em boléo até sumir-se com um ruido horrendo na matta do grotão.

Póde-se imaginar, porém não descrever, a dôr

de coração com que Anselmo se resolveo a sacrificar seo cavallo; teria antes se deixado agarrar pelos quilombólas, se não fosse para salvar Florinda.

CAPITULO VII

Apenas o cavallo sumio-se no grotão, Anselmo sem mais demora foi, de rastos e agarrando-se aos capins esconder-se na moita de que fallámos, e lá encolheo-se todo como o coelho em sua tóca.

Um momento depois chegarão os quilombólas, e posto que estivessem a pé, apenas os mais audazes se animarão a chegar até o lugar onde havia estacado o cavallo de Anselmo.

— Ah! cruz! santo nome de Jesus! exclamou um delles, que avançava adiante; vocês hão de acreditar que o diabo do cavallo do homem chegou até aqui!... d'aqui para adiante tambem nem cachorro, só rato ou lagartixa.

— Eh! coitado!... foi aqui que cahio no mundéo... olha, malungo, capim como ficou amassado na perambeira; foi em tres bacadas... bum!... bum!... bum!... e affundou no buraco. Forte pena nos não termos enxergado.

— Eleguára te carregue, ira dos infernos, que

tanto trabalho me tem dado. Assim acontecesse o mesmo com aquelle maldito cabra que, a fallar a verdade, é causador de tudo isto. Veja se nem ao menos aquelle perrengue quiz vir nos ajudar a pegar mulato? se não fosse aquelle demonio trazer okai no quilombo, a gente agora podia estar bem socegado.

Quem fallava assim era pae Mandú, um dos vigias de Anselmo, e que via-se em apuros por que tinha de dar contas ao Zambi pela fuga do mulato.

— Deixa ficar, pae Mandú, respondeo Cabeça-de-Boi; ha de chegar o dia delle tambem.

— Olha, Cabeça-de-Boi, eu juro pela cabeça de meo pae, que morreo na forca e que está lá na cidade espetada no páo, se Zambi me faz alguma cousa por ter deixado mulato fugir, quem me paga é esse cabra amaldiçoado.

O dia começava a clarear, a conversa dos negros continúava, e Anselmo, no seo mal seguro esconderijo, mal se attrevia a respirar. Tirou-se-lhe um peso de cima do coração quando, espiando por entre os ramos, vio desapparecer o ultimo quilombóla na curva da perambeira. Todavia não se affrontou a sahir de seo esconderijo emquanto não deo tempo a que os negros se allongassem. Ficou arripiado ao encarar o abysmo em que se achava dependurado; vio no

fundo do grotão a aberta dos ramos por onde seo cavallo fora engolido; duas grossas lagrimas lhe rolavão pelas faces ao lembrar-se da sorte fatal daquelle brioso e nobre animal, que, naquellas poucas horas que acabavão de escoar-se, duas vezes lhe havia salvado, uma por seo instincto e fidelidade, por sua força e agilidade, outra á custa de sua propria vida. Mas a situação não era para lagrimas nem emoções: cumpria caminhar e cuidar em salvar Florinda.

Anselmo, a pé, torna a voltar tremendo e com infinita precaução pelo mesmo trilho que uma hora antes tinha vencido a todo o galope. A favor da luz do dia, e sem receio de ser mais perseguido facilmente, se orienta, chega ao arraial da Bôa-Vista, toma ahi uma cavalgadura e alguma roupa, pois fugira descalço, sem chapéo e em mangas de camisa, e encaminha-se a toda pressa para Villa-Rica.

Emquanto Anselmo vôa á Villa-Rica a informar o governador e pedir providencias para dar no quilombo e libertar sua querida Florinda, voltemos ao mesmo quilombo a vêr o que ahi se passa durante esse dia.

Cassange, sentado em um rochedo á entrada do quilombo, junto a cascata que já mencionámos, esperava com anciedade e impaciencia o resultado da perseguição do fugitivo.

— Então, que é delle? bradou de longe, apenas avistou os quilombólas. Pois nem vivo, nem morto! corja de patifes.

Fallando assim, Cassange levantou-se, erguendo sobre o rochedo sua figura colossal, bateo com o pé no chão, poz as mãos sobre as ilhargas, e lançou a cabeça para traz com expressão sinistra e os olhos fuzilantes de colera. Parecia um Hercules de bronze ennegrecido pelo tempo, sobre pedestal de pedra.

— Não, Zambi; o mulato cufou, mas não foi possivel trazel-o.

— Porque, pasmados?... pois nem a cabeça ao menos?...

— Nem a cabeça, Zambi: despencou com cavallo e tudo por uma perambeira abaixo, e rebentou lá no fundão no meio do matto. Lá só urubú póde bolir co'elle.

— Huuum!... resmungou Cassange: eu antes queria que elle acabasse nas mãos daquelle maldito cabra... Mas, não tem nada. Juro pelo páo da forca que a mulata não ha de ser delle.

A um aceno do Zambi todos se encaminhárão para o quilombo. Cassange estava sombrio e pensativo. Os quilombólas tambem não parecião satisfeitos, e notava-se entre elles um certo sussurro de descontentamento.

Apenas chegárão, Cassange recolheo-se a seo

rancho, sentou-se no giráo, fincou os cotovelos sobre os joelhos, pousou o rosto entre ambas as mãos, e começou a rolar os grandes olhos vermelhos em torno de si.

— Negocio não vae bem! banzava elle comsigo. E' preciso dar cabo desse cabra amaldiçoado que veio trazer azar ao meo quilombo. A mulata, sabendo que o outro cufou, ha de escolher por força um companheiro, e bem póde ser que queira o cabra, que é conhecido e seo parente della, e isso Joaquim Cassange não aguenta. Esse diabo e mãe Maria estão virando a cabeça de minha gente. Coitados delles! isso mesmo é que eu queria. Deixa, deixa elles virarem contra mim; eu hei de mostrar ainda uma vez para quanto presta Joaquim Cassange!...

E o Zambi levantou-se batendo palmas e dando uma risada satanica. Nesse momento apparece-lhe Matheus Cabra ao limiar do rancho.

— Zambi Cassange, diz-lhe elle, é hora de cumprir o promettido.

— Como assim, pae?

— Zambi não disse que não me entregava Florinda, emquanto o mulato Anselmo fosse vivo.

— E' verdade.

— Agora que elle cufou, como Zambi sabe, é occasião...

— Sáe dahi, pae! interrompeo bruscamente o chefe. Por ventura foi você que matou elle?... nem ao menos você soube acompanhar teos parceiros para pegar elle. Escuta bem, pae, você é perrengue, não merece nada. Vae-te embora, que Florinda você não apanha, não; é atôa teimar. Eu gosto de fallar as cousas uma vez só.

— Zambi, Zambi! olha bem o que faz.

— Quem governa aqui, cabra do inferno?... sou eu ou você?...

— Quem governa nós todos é Zambi do céo; toma sentido, Zambi Cassange, elle não castigue você!...

— Rapaz, toma seo rumo, antes que eu perca a paciencia...

— Adeos, Zambi Cassange.

— Eleguára te carregue, arú, maldito.

Pela linguagem atrevida do cabra, Cassange comprehendeo que a revolta ou defecção já estava projectada, e talvez muito adiantada, e que era tempo de tomar suas medidas. Levando aos cantos da bocca dous dedos de cada mão, deo tres fortes assovios, signal de reunião de toda a horda. Em poucos instantes estavão todos reunidos diante delle. Erão cerca de oitenta. Zambi fallou-lhes assim:

— Escuta bem, minha gente, o que eu vou fallar. Ha muitos dias que nós não fazemos

nada. Foi hora aziaga essa em que entrou neste quilombo esse arú que trouxe *mondiá* para desasocego de nós todos. Aqui nunca houve candonga ; agora candonga está fervendo, noite e dia, no meio de nós todos. Desta maneira nós estamos perdidos, e a forca lá está em Villa-Rica á espera de nossas cobeças. Olha bem, minha gente, isto assim não vae direito. Eu não quero que me tragão mais mondiá aqui. Se alguma quizer vir de sua livre vontade, vá feito ; mas, furtada, não. Nosso vinho está acabando, carne e toucinho tambem, e a dispensa está precisando de sortimento. E' preciso que vocês todos, hoje, vão para a estrada vêr se fazem alguma colheita. Ficão comigo só os meos doze pares, e mãe Maria para cuidar dessa mulata.

Cassange fez esta falla mais para sondar o espirito e disposição de seos quilombólas, do que para outro qualquer fim. Notou que, se muitos a acolherão com alarido de approvação, muitos outros derão mostras de ouvil-o de máo humor. Os negros sahirão em grupos : os que erão fieis ao Zambi forão tractar de executar as suas ordens, os outros porém forão-se separando disfarçadamente de seos parceiros, e forão-se reunir em uma furna a mea legua de distancia, debaixo da presidencia de Matheus Cabra, para concertarem o trama da conspiração. Houve alguma

divergencia nas opiniões. Alguns erão de opinião que devião matar Cassange e ficar no mesmo quilombo, escolhendo outro chefe. Outros entendião que devião abandonar o quilombo de Cassange e desertar para o de outro chefe famoso conhecido pela alcunha de Cara-Secca, o qual, dizião, tratava muito melhor sua gente, e não era um mandigueiro feróz e encasmurrado como Cassange, que só queria okai para si, e não deixava seo povo beber e folgar. Outros, e estes formavão o maior numero, erão de parecer que o melhor era separarem-se de Cassange sem barulho, se fosse possivel, escolherem seo Zambi, e formarem quilombo á parte e independente.

Depois de uma deliberação tumultuosa, que não se passou sem alguns sôcos e cabeçadas, decidirão que no dia seguinte irião declarar sua resolução a Cassange, despedir-se delle e de seo quilombo, exigindo igualmente a entrega de Florinda. No caso que elle se oppuzesse a esta deliberação, elles, que erão, muitos, resistirião e á força darião execução ao seo plano, e então, em vez de se separarem, darião cabo de Cassange, nomearião outro chefe, e continuarião no mesmo quilombo.

CAPITULO VIII

Logo que os outros quilombólas se dispersárão, disse Cassange aos seus fieis companheiros, os doze pares :

— Fiquem vocês aqui bem álerta, e tomem muito sentido nessa menina, sentido tambem com esta mãe, continuou em voz mais baixa para que Maria não o ouvisse. Não me deixem ella sahir d'aqui. Eu vou sahir a dar uma volta que me é preciso, e em poucas horas estou ahi.

Dito isto desapareceo no fundo de sua cabana, entrou pela mina ou respiradouro de que já fallamos, e surgio fóra do quilombo.

A pobre, Florinda ahi jazia estirada, mais morta do que viva, sobre a sua esteira, assistindo assombrada a todas aquellas scenas, sem as comprehender, como quem se achava n'um mundo estranho povoado de phantasmas e duendes.

— Minha tia, disse ella para Maria, logo que Cassange se retirou, minha tia, não saberá me

dizer que fim levou Anselmo? Estes dias atraz ás vezes eu sempre enxergava elle, e ainda que não podia fallar com elle, ouvia a sua voz; mas de hontem para cá sumio-se. Ah! meo Deos! quem sabe se o matárão.

Tanto Maria como Cassange não querião que Florinda tivesse noticia da supposta morte de Anselmo, não porque tivessem della compaixão, mas aquella por que receiava que Florinda entregue ao desanimo e vendo-se de todo perdida, se entregasse á discreção do Zambi, este porque temia que, perdendo Anselmo, ella se désse a Matheus. Como dous espiritos rudes e grosseiros que erão, ambos se enganavão redondamente. Florinda, posto que escrava, tinha sensibilidade viva e delicada, amava devéras, e nada, senão a morte, poderia fazel-a esquecer-se de Anselmo.

A' pergunta da menina, Maria respondeo:

— Qual, minha filha: elle está ahi mesmo. Zambi mandou botar elle mais longe, porque não gosta que elle esteja enxergando você. Tem paciencia, breve vocês hão-de se achar juntos...

— Ah! mãe Maria, um anjo lhe falle pela bocca.

Nas faldas do Itacolumim, em uma quebrada profunda e quasi inaccessivel, tinha nessa época o seo quilombo o famoso chefe João Cara-secca.

Era antigo alliado e amigo de Cassange. Os dous chefes se correspondião frequentemente, e davão aviso um ao outro de qualquer occurrencia que os pudesse interessar. Tinhão dividido entre si o theatro de suas correrias e depredações. Cara-secca, alapardado na serra do Itacolumim, dominava o norte de Villa-Rica, e exercia suas pilhagens pelos districtos de Marianna, Antonio Pereira, Camargos, Bento Rodrigues, até quasi ás immediações de Santa-Barbara. Cassange, collocado como uma aranha na Itatiaya, estendia as suas teias para Itaverava, Ouro-Branco, Cachoeira e Ouro-Preto. As duas quadrilhas, posto que independentes, se auxiliavão e protegião mutuamente. Em qualquer aperto, para emprezas arriscadas, e mesmo para suffocar qualquer disturbio interno, os dous chefes se devião mutuo auxilio.

Cara-secca, que em quasi tudo era um contraste de Cassange, á excepção da astucia e da energia, era um negrinho baixo, secco e magro. Seo corpo era todo musculo e osso, assim como seo espirito era só energia e vivacidade.

Era meio-dia quando Cassange, que em menos de duas horas, graças ao seo vigor e ás suas compridas pernas, através de barrocas, furnas, brenhas e penedias tinha vencido as tres leguas que medeavão entre os dous quilombos, chegou

suando e esbaforido ao covil de seo illustre alliado. Felizmente para elle Cara-secca se achava nesse dia em casa com quasi toda sua horda. Cassange, como alliado e amigo muito conhecido, foi entrando pelo quilombo a dentro, como quem entrava em seos dominios, até o rancho em que Cara-secca, reclinado no seo giráo sobre uma pelle de onçá, com um gorro de seda bordado de ouro na cabeça, chinelos de marroquim vermelho nos pés, e um finissimo chale de cachemira traçado ao hombro, fumava um rico cachimbo de espuma do mar, e tagarellava alegremente com um bando de lindas e vistosas negras, creoulas e mulatas, que o rodeavão. Suas odaliscas trajavão com igual luxo: vestião cambraia e seda, e no pescoço e nas orelhas o ouro e o diamante scintillavão com profusão.

A figura esqualida e tosca de Cassange, sua austera cataduria, contrastavão singularmente com a de seo amigo e alliado, e o seo todo estava em completa desharmonia no meio daquelle grupo vistoso e folgazão. As raparigas puzerão-se a rir e a cochichar umas com outras; mas Cassange, embebido em seos pensamentos, nem dellas deo fé. Cara-secca acolheo seo amigo com um grito de sorpreza e alegria, e levantando-se foi apertar-lhe cordialmente a mão.

— Oh! amigo Cassange!... muito bem appa-

recido nesta casa!... porque não me avisou, que eu queria receber meo amigo com todas as continencias devidas a tão alta senhoria?...

— Deixa disso, malungo; eu não vim cá para cerimonias.

— Mas, meo amigo, está cançado... senta, Cassange. Rosa, vae accender um cachimbo para Zambi Cassange, e senta ahi perto delle. Você, Laura, vae ver um pedaço de presunto, azeitonas e bolachas... Um copo de vinho, ein, Cassange?... ou de cerveja?...

— Nada! nada disso, meo amigo; manda-me vir uma cuia de agua.

— Eh!... Cassange! sempre o mesmo, não é assim?... não te entendo, não; devéras, Cassange. Pois a gente passa tanto trabalho, e corre tanto risco, para que é?... se não é para ter algum regalito nesta vida, leve tudo a carépa.

— Está bom, Zambi: é assim mesmo como você diz; mas deixa essa conversa para outra occasião. Agora eu tenho pressa, e queria um particular com você.

— A's ordens, respondeo cortezmente Cara-secca.

A um aceno deste, as raparigas se retiráião, e Cassange esteve conversando em voz baixa com Cara-secca cerca de meia hora.

— Não tem nada, parceiro, disse por fim Cara-

secca ; a cousa se ha de arrumar. Nestas terras de Villa-Rica não póde haver mais do que dous quilombos, de Cassange e de Cara-secca. Quem quizer arranjar outro, perde seo tempo. Aqui não póde haver mais de duas cabeças. Eu não quero tua gente aqui, e nem você deve querer a minha lá por essa maneira. Está decidido. Quanta gente você precisa?...

— Bastão-me vinte.

— Por seguro leva trinta.

Cara-secca assoviou, e dahi a um minuto todo o seo povo estava em sua presença.

— Escolhe você que conhece elles melhor do que eu.

Cara-secca chamou pelos nomes trinta dos seos, e disse-lhes simplesmente : -- Acompanhem Zambi Cassange.

Os dous illustres chefes se abraçarão cordialmente, e Cassange sahio acompanhado por seos trinta auxiliares.

Chegou a seo quilombo quasi ao pôr do sol, deixando os auxiliares occultos á certa distancia, Apenas chegou, perguntou-lhe mãe Maria :

-- Que é que você andou fazendo sósinho por esse matto até esta hora?...

— Nós estamos quasi sem carne e sem toucinho. Nossa gente estes dias não tem feito nada,

e por isso eu fui comprar uma porcada para nós comermos.

Mão Maria acreditou piamente nas palavras de Cassange. Os quilombólas tinhão de feito intermediarios que especulavão com elles, e por meio dos quaes fazião grandes transacções de compra e venda, e esses intermediarios não poucas vezes erão pessoas que gosavão de vantajosa posição na sociedade.

— Mãe Maria me conta uma cousa, continuou Cassange no tom o mais descuidoso, haverá por ahi bastante corda bem forte e bem trançada?...

— Para que, Cassange?...

— É para fazer varal para estender carne e toucinho; a porcada é muito grande.

— Eu sei, disse indifferentemente Maria. Ahi pelos ranchos desses paes ha de haver alguma.

— Pois vamos ajuntar toda.

De feito Cassange e mãe Maria sahirão pelos ranchos dos quilombólas, ajuntando quanta corda achárão. Cassange as arrumou todas n'um monte, n'um canto de seo rancho.

— A' noite os negros chegárão sem trazerem nada ao quilombó. Cassange, que já esperava por isso, recommendou aos seos fieis doze paes que fizessem boa guarda, recolheo-se, e foi deitar-se sem dizer mais nada.

CAPITULO IX

Ao romper do dia, Cassange estava assentado á porta de sua choça, fumando socegadamente o seo cachimbo. Os seos doze pares estavão á seos lados, em certa distancia, tomando café e fumando, mas com suas armas promptas, pois Cassange já lhes tinha passado palavra para estarem apercebidos. Florinda estava assentada por detrás delle, coitadinha! toda encolhida, e transida de sustos e amarguras.

O primeiro que se lhe apresentou, foi o cabra Matheus.

Collocou-se de braços cruzados diante delle, e disse-lhe com certa solemnidade :

— Saberá, Zambi Cassange, que eu e mais outros muitos parceiros queremos nos ir embora tratar de nossa vida em outra parte e por nossa propria conta. A lei e o juramento que nos damos, nos obrigão a não fazer mal nenhum a nossos companheiros, e nós nunca seremos falsos á Zambi Cassange, nem á sua gente ; mas

não queremos mais ser sujeitos a elle. E isto que eu venho fallar a Zambi Cassange.

— Está direito, respondeo o chefe com toda a pachorra, não ha de ser Joaquim Cassange que ha de atrapalhar sua vida de vocês. E' só isso?... não querem mais nada?...

— Tambem havemos de levar tudo quanto é nosso : nossas roupas, nossas armas, nosso ouro e nossas okaias, aquelles que as tiverem, e eu, da minha parte, peço a Zambi Cassange que me entregue Florinda, que é minha, porque fui eu que a trouxe para este quilombo.

— Nada mais?...

— Nada, Zambi Cassange.

— Está direito. Agora você vae chamar todo o povo deste quilombo aqui ; quero saber com quanta gente fico, e quaes são os meos, e quaes os de vocês lá.

D'ahi a alguns minutos todos os quilombólas estavão reunidos diante Zambi.

— Minha gente! disse-lhe elle ; sei que alguns de vocês querem me deixar : eu não sei que razão de queixa vocês tem de mim. Mas emfim vocês lá sabem o que fazem. Agora, o que eu quero, é que todos aquelles que continuão a ficar comigo passem para aquella banda, e apontou com o caximbo para direita.

e os outros fiquem ali; e apontou com a cabeça para o lado esquerdo, cuspindo por entre os dentes á moda africana.

Assim o fizerão. Separadas as duas parcialidades, Cassange contou e vio que, dos oitenta e tantos quilombólas que commandava, apenas um trinta e poucos lhe tinhão ficado fieis.

Mas o astuto africano já tinha contado com isso, e por tanto tinha tomado suas medidas.

— Está bom; disse o Zambi, agora o que mais querem?

— Agora, diz Matheus adiantando-se, só resta que Zambi me entregue Florinda, e nos dê a sua benção, que nós vamos embora já.

— Pois não entrego Florinda e nem dou a minha benção, e nenhum de vocês arredará o pé d'ahi sem minha ordem.

— Que está fallando, Zambi Cassange? bradou Matheus.

— Tenho dito!...

E o formidavel africano, que até ali tinha aparentado uma impassibilidade e pachorra incrivel, lançou o caximbo a um lado, ergueo-se em pé colossal e terrivel, bateo rijamente o chão com o pé, e bradou segunda vez:

— Tenho dito!

— Sangue! guerra! morte a Cassange!... gritou Matheus voltando-se para os seos, e agitando no ar a faca desembainhada. Sangue! guerra! morra o Cassange! responderão os outros em altos alaridos.

Cassange brandio um curto cacete que tinha na mão, e que foi zunindo e rodopiando pelos ares bater direito no punho do cabra, e fez saltar-lhe a faca da mão, dando um grito de dôr. Immediatamente Cassange leva os dedos a bocca, e dá tres assovios agudissimos, rapidamente um apóz outro. Era o signal convencionado. No mesmo instante os trinta quilombólas de Cara-secca apparecem atraz dos insurgentes, e lhes apontão seos mosquetes. Ao mesmo tempo os doze pares de Cassange collocarão-se a sua frente, com as armas engatilhadas. Os revoltosos olhavão em redor de si, attonitos e aterrados. A maior parte delles cahio de joelhos, batendo palmas e pedindo perdão.

Sómente Matheus, e mais seis companheiros, ousárão resistir por algum tempo; mas forão logo garroteados e amarrados.

Cassange entrou no rancho, e sahio immediatamente com um braçado de cordas na mão, e as foi distribuindo pelos seos.

— Amarra, amarra essa cambada, dizia elle,

e os quilombólas, sem mais demora, forão dando cumprimento a essa ordem, e em poucos minutos os rebeldes estavão todos amarrados de pés e mãos, como porcos que tem de ir para o matadouro.

— Então, cabrito, tu querias derribar-me do poleiro?... disse Cassange para Matheus. Ah! tu não conhecias quem é Joaquim Cassange... Agora, gente, amarra tambem aqui esta mãe... E apontou para mãe Maria.

— Qual mãe?... perguntárão os quilombólas espantados.

— Esta negra : esta que aqui está, repetio Cassange agarrando-a pelo braço.

— Amarrar a mim!... disse a negra aterrada, você está maluco, Cassange?...

— Logo você ha de saber quem está maluco, disse Cassange com um riso diabolico. Ah! mãe Maria! mãe Maria! você não ha de ter o gosto de transtornar mais outra vez meo quilombo, não.

— E quem é aqui que ha de se atrever a botar a mão em Zambi-okai?...

— Eu! Zambi Cassange E Cassange tomou uma corda, arrochou-lhe bem os pulsos e amarrou-a ao tronco de uma arvore.

Florinda assistia com olhos espantados a todas aquellas scenas de horror, sem poder atinar

qual era a causa, nem qual seria o desfeicho daquelle drama pavoroso. Mas emfim animou-se a ir ajoelhar-se aos pés de Cassange, e pedir pelos negros em nome da Virgem Maria.

— E' a mãe do céo mesmo, replicou o Zambi, que me manda fazer o que estou fazendo. E' preciso mandar para o inferno esta cambada de traiçoeiros.

— Mas, mãe Maria, coitada!... é tão boa!... que mal te fez ella?...

— Cala a boca, menina!... Elle queria dar cabo de mim e de ti; pobre de ti, se cahisses nas unhas daquella sussuarana...

Florinda não ousou dizer mais nada: Cassange chamou dous dos seos.

— Vão por ahi escolher duas forquilhas bem grossas e da altura de dous homens, e uma viga bem comprida; cortem, e tragão-me aqui.

— Para que isso?... perguntou Florinda assustada.

— E para fazer um varal de estender carne.

— Ah! exclamou a rapariga acreditando ingenuamente.

Passárão-se no quilombo algumas horas de morno e sinistro silencio, que só foi interrompido quando chegarão os quilombólas trazendo as forquilhas e a bilha encommendada.

Cassange, que durante todo esse tempo se

recolheia a seo rancho a cachimbar com todo o socego, e que havia mesmo passado por um somno, sahio e foi marcar o lugar e a distancia em que devião fincar as forquilhas, obra que em menos de uma hora ficou prompta. Era um magnifico varal de vinte pés de comprido e doze de alto.

O sol já ia quasi ponto do meio-dia. Como até aquelle hora ainda não havião comido, mandou a sua gente que fosse apromptar comida para si, para a gente de Cara-secca, e para os presos. Passarão-se asim mais algumas horas de horivel inquietação e assombro.

Depois que todos se acharão de novo reunidos diante de seo rancho, Cassange tomou oito cordas bem fortes, com um nó corredio na extremidade, e mandou pendural-as no varal a igual distancia uma da outra.

Tudo isto se passava no meio de um morno e sinistro silencio. A noite vinha baixando, e a sombra do crepusculo augmentava mais o horror daquella tenebrosa scena.

— Mãe Maria, disse Cassange chegando-se para ella ; é hora.

— De que, Cassange?

— Então você não sabe?... é hora ; vamos.

— Ah! já sei ; abençoado sejas tu, meo Cassane!... é hora de te preparar o cachimbo e te

apromptar a ceia; pois vamos; anda, manda-me soltar.

— Não, minha tia; você hoje vae cear com Eleguára no inferno. Aquella primeira corda é para ti: você, como rainha, deve ir adiante. Os outros te acompanharáõ de perto. O cabra será o ultimo.

Mãe Maria quiz atirar-se ao chão de joelhos implorando compaixão. Mas, amarrada estreitamente ao tronco, ficou meio dependurada, estorcendo-se entre horriveis torturas.

Florinda não poude conter os impulsos de seo compassivo coração. Apezar do horror e do medo de que se achava possuida, correo a arrojar-se aos pés de Cassange.

— Cassange! Cassange!... exclamou com voz entrecorda de soluços, por quem és! por piedade... por Nossa Senhora do Rosario... pelas cinco chagas de Christo!... não mata ella, não...

Não poude dizer mais; a voz se lhe afogou em lagrimas e soluços.

— Ah!... você pede perdão para ella, menina?...

— Sim, Cassange! perdão! por piedade.

— E se eu perdoar, que paga você me dá?

— Eu, Cassange! eu, uma pobre captiva, que tenho para dar-te?

— Tem muito, menina.

— Pois falla, falla, Cassange. Eu prometto tudo, tudo, contanto que você não mate mãe Maria.

— Você promette tudo?

— Sim, prometto; falla; o que quer de mim?

— Quero que você seja minha okai.

Florinda deo um grito, levantou-se, e recuou tres passos.

Maria, que tudo escutava, bradou:

— Não caia nessa, Florinda, por essa maneira eu não quero viver, não... Ai de ti, se você cáe nas unhas desse tigre; elle te ha de fazer o mesmo que está fazendo a mim. Florinda, foge delle, foge. E você, Cassange, me mata já depressa.

— Cala essa lingua damnada, negra do ininferno!... bradou Cassange: e voltando-se para Florinda, disse-lhe com voz secca e breve: — Veja em que fica, menina.

Florinda estava quasi a prometter tudo para salvar a negra. Ella por certo antes queria morrer do que entregar-se a Cassange. Que importa?... morreria. Ella, tão infeliz, que perderia com a vida?... mas Anselmo! Anselmo, que tanto havia sacrificado por ella, ella devia viver para elle... hesitou, e lançou para a negra um olhar repassado de dôr e compaixão.

A negra vendo o silencio e a perplexidade de Florinda, entendeo que ia ceder, e gritou :

— Não, menina ; não quero viver, não ; deixa elle me matar. Se você aceita, sou eu qúem hei de te matar.

Fallando assim, a negra estorcia-se, rangia os dentes, espumava, e esbugalhava os olhos de uma maneira horivel. Florinda tapou os olhos com as mãos, e cahio com a face em terra.

— Mãos á obra ! disse Cassange para tres prestos que se achavão junto delle. Estes desamarrarão a negra do tronco e a conduzirão para o varal : ahi passarão-lhe ao pescoço o nó da primeira corda, e emquanto dous pegavão na extremidade desta, o outro lestamente trepou á travessa do varal. Ao medo e a prostração tinha succedido no coração da negra um furor selvagem : seos olhos vermelhos se revolvião como duas brazas, e os labios espumantes murmuravão convulsivamente sons inintelligiveis.

— Iça ! bradou Cassange batendo com o pé na terra.

No mesmo instante o corpo do misera negra oscillava suspendido cinco palmos acima do chão, e o negro, que estava sobre a travessa, rematou a obra calcando-lhe os hombros com os pés. Florinda, que até ali conservára os olhos tapados com as mãos, animou-se a olhar. A ne-

gra, com um palmo de lingua de fóra, os dentes arreganhados, e os olhos surgidos e horrivelmente estutados, olhava para ella abanando brandamente a cabeça com a oscillação da corda. Florinda deo um grito de pavor e desmaiou.

Um quarto de hora depois, mãe Maria tinha a seo lado mais seis companheiros dependurados. Restava uma corda só desocupada.

— Bem! disse Cassange esfregando as mãos, está mãe Maria com sua gente; deve estar satisfeita. Os outros ficão perdoados. Quando branco nos passa a unha, assim é que costuma fazer: os maioraes só é que vão aos tres páos; os outros são surrados e entregues a seos senhores. Vocês outros estão perdoados porque abaixárão o topete e pedirão misericordia, mas por castigo ficão ahi amarrados até amanhã.

Matheus respirou; cuidou um momento que estava no numero dos perdoados, e exultava dentro da alma, sorprehendido de tão inexperada felicidade. Mas Cassange continuou:

— Falta só um; principiei a festa pela rainha, agora devo acabar pelo rei. Matheus, aviate; é a tua vez. Olha, tua gente está á tua espera; teo quilombo está prompto; Zambiokai já lá vae adiante; Zambi Matheus, acompanha tua gente.

Matheus mordeo urrando as cordas que lhe

apertavão os pulsos, como querendo dilaceral-as com os dentes.

— Soltem esse rapaz, diz Cassange, e levem-o para seo lugar de honra. Não fica bonito um Zambi ir commandando sua gente de mãos amarradas.

Matheus, logo que se vio solto, atirou-se enfurecido sobre os executores; mas um rijo sócco que Cassange lhe desfechou na nuca o fez morder a terra, e foi arrastado para o lugar do supplicio. A corda já lhe estava passada ao pescoço, e os ministros do tétrico Zambi só esperavão a terrivel voz de : iça!

Nesse momento Cassange, á porta de seo rancho, escutava Florinda, que tendo tornado de seo deliquio, de joelhos a seos pés, lhe rogava com quanto soluço ainda podia exhalar no peito alquebrado, que não matasse, que perdoasse o pobre cabra.

— Ah! disse o chefe com voz sinistra e carregada : você pede tambem por este!... peior para elle!...

Florinda amedrontada não ousou continuar.

Já a temerosa voz de : iça! tremia nos labios do sanhudo Zambi. Um tiro echoou, ouvio-se o silvo de uma bala, que foi cravar-se na cabeça do executor que estava sobre a viga, e o algoz cahio fulminado aos pés do paciente.

CAPITULO X

Anselmo, tendo escapado por um modo quasi miraculoso ás garras dos quilombólas, voou direito a Villa-Rica, como já dissemos, e não apeou-se senão á porta do palacio. Era então governador-general D. Manoel de Portugal e Castro, que foi o ultimo governador da capitania, e o primeiro presidente da provincia de Minas-Geraes.

D. Manoel acolheo benignamente o moço, e escutou com mostras de summo interesse a minuciosa narrativa que elle fez dos acontecimentos extraordinarios, e de que o moço fôra parte tão importante. Cassange e Cara-secca erão o terror das immediações do Ouro-Preto, havia perto de vinte annos, em um raio de cinco a seis leguas em redor. Não havia segurança alguma para os viandantes e tropeiros ; o roubo nas estradas e a pilhagem nas fazendas erão quotidianos. Em vão os capitães do matto trazião

quasi todos os dias, mettida em um sacco, a cabeça de um quilombóla e recebião por cada cabeça cincoenta oitavas de ouro; em vão as milicias e os apenados batião aqui ou ali um quilombo; acolá resurgia outro mais forte e numeroso, e a pilhagem e o roubo continuavão sempre, cada vez com mais audacia e mais frequencia. Chegou o negocio a ponto que alguns donos de tropa e fazendeiros, vendo a impotencia do governo para protegel-os, estipulavão com os chefes de quilombo, obrigando-se a pagar-lhes uma certa conbuição, para que os não incommodassem.

O negocio era portanto de sumna importancia, e o governador deo parabens á sua fortuna, que lhe deparava por fim aquelle meio providencial de destruir o quilombo do famoso e formidavel Cassange, que havia tanto tempo zombava de seos milicianos e capitães do matto.

— Então Vm., diz afinal o governador, atreve-se a ir mostrar exactamente o lugar onde existe o quilombo?...

— Não só mostrar, Ex. Sr., como mesmo me obrigo a agarral-os todos um por um, se V. Ex. permittir e me dér a gente necessaria para essa diligencia.

— E que numero de homens julga que será preciso?...

— Cincoenta pessoas entendo que serão bastantes, Ex. Sr.

— E Vm. se compromette com essa gente a dar conta dos quilombólas todos aqui, mortos ou amarrados? Olhe que a empreza é audáz e temeraria.

— Se eu não dér conta della, Ex. Sr., replicou Anselmo com exaltação, eu que perca esta cabeça.

Com auctorisação do governor se poz a testa da organisação da diligencia, escolheo a melhor gente entre milicianos e capitães do matto, e no outro dia estava prompto com mais de sessenta homens, pois que muitas outras pessoas espontaneamente se offerecerão para coadjuval-os.

A sorpresa só podia ser feita de noite, por ser essa a unica occasião em que os negros, achando-se reunidos no quilombo, podião ser todos agarrados em um só feixe.

Antes que os quilombólas, ao vêrem tombar varado por uma bala o algoz aos pés do paciente, pudessem sahir de seo assombro, uma figura se apresentou de chofre na arena em que se dava aquella hedionda scena ; uma chusma de soldados e capitães do matto, armados de pés á cabeça, o seguião de perto.

Era Anselmo. Os quilombólas cuidavão ter

diante de si um phantasma vindo do outro mundo, e, cheios de pavor, olhárão em roda de si, só procurando um lado por onde pudessem fugir; porém os milicianos, com os mosquetes preparados, fechárão rapidamente um circulo em redor delles. Cassange já tinha mandado embora os trinta auxiliares de Cara-secca; metade dos seos estavão amarrados fortemente de pés e mãos, e nem Cassange naquelle momento poderia contar muito com a lealdade e dedicação delles. Os que podião luctar erão muito poucos para resistir.

Cassange deo um urro como de touro enraivado, soltou sobre o fogo que allumiava escassamente aquelle recinto, apagou e espalhou os tições com os pés, e bradou: — fuja, fuja quem puder.

O lugar ficou sepultado em completa escuridão, e deo-se nas trevas um tumulto horrivel; era pela falla e pelo tacto que os soldados e capitães do matto podião differençar-se dos quilombólas, mas nem assim poderão evitar que se ferissem uns aos outros, e o mesmo aconteceo aos quilombólas.

Emquanto os seos luctavão nas trevas, procurando a todo custo impedir a fuga dos negros, Anselmo mais que depressa reunio de novo os tições e procurou reatear o fogo que Cassange

tinha apagado. Apenas conseguio accender uma pequena labareda, correo ao ranchindo onde sabia que era o aposento de Florinda. Não a achou : o coração gelou-se-lhe de susto ; apalpou a esteira ; o lugar parecia ainda estar quente de seo corpo. Applicou o ouvido em roda de si, cuidou ouvir algum rumor e como gemidos abafados pela furna abaixo. Chamou depressa dous dos seos companheiros mais resolutos, e deixando a cargo dos outros filar e amarrar os quilombólas, afundou com elles pela furna abaixo.

Matheus vendo suspensa a sua execução por aquelle estranho e imprevisto incidente, creou alma nova. Esperto e agil como um sagui, escapou-se atravéz do conflicto que se ia travando, correo direito ao rancho onde Florinda, quasi sem sentidos, tinha sido depositada, tomou-a nos braços, debruçou-a sobre um de seos robustos hombros, e fugio com ella pela floresta a dentro.

Anselmo e seos dous companheiros se puzérão á pista do fugitivo, procurando fazer o menor rumor possivel atravéz de um matto que se tornava cada vez mais escuro e emmaranhado, e guiados apenas por um ligeiro ruido de taquáras e ramos e por uns fracos gemidos que de quando em quando ouvião. As difficuldades, porém, que encontravão ainda, erão maiores

para aquelle a quem perseguião, e que levava nos hombros uma carga não muito leve, e sobremaneira melindrosa.

Assim pois, pouco a pouco, se forão chegando ao enlace do fugitivo. Já sentião mais perto o arquejo afadigado do cabra, e os soluços suffocados da rapariga, depois de uma hora de marcha em que terião andado quando muito um quarto de legua. Por fim, por mais que applicassem o ouvido, não percebião rumor algum, senão o bulicio do vento na folhagem. Todavia forão avançando por onde o solo e as brenhas offerecião maior facilidade. Avançarão mais uns cem passos, e acharão-se empenhados em uma estreita assentada, cuja esquerda era um despenhadeiro coberto de arvores cujos topes tocavão com as mãos; á direita era uma accumulação de rochedos accamados uns sobre outros, formando uma verdadeira muralha cheia de grotas, de anfractuosidades e lapas, que a tornavão completamente impracticavel. Derão mais alguns passos, e virão que o abysmo que os acompanhava á esquerda, e a linha de rochedos que os flanqueava á direita, encontrarão-se-lhes pela frente, e embargárão-lhes completamente os passos. Sondárão á direita e á esquerda cautelosamente e ás apalpadellas, e não puderão encon-

tiar sahida alguma, a não ser rolando pelos abysmos ou voando por cima dos rochedos.

— Sem duvida está escondido por aqui, disse Anselmo em voz baixa. Fiquem lá atraz alguns passos, e ouvido álerta. Eu vou vêr se accendo fogo, porque ás escuras nada poderemos fazer.

Anselmo ferio fogo na pedra de sua espingarda, ajuntou alguns ramos seccos, e dahi a instantes conseguio atear uma pequena chamma. Com um facho de ramos accesos na esquerda, e com a pistola engatilhada na direita, poz-se a investigar os escaninhos dos rochedos. Não levou muito tempo a descobrir Matheus, alapardado em uma anfractuosidade, leito de enchorradas que fendia o rochedo de alto a baixo; o cabra estava sentado em uma aspereza da rocha, e tinha sobre os joelhos Florinda inteiramente desmaiada.

E' impossivel descrever o que tinha a um tempo de pavoroso e tocante aquelle quadro sinistro. As pernas, descobertas até o joelho, lhe pendião de um lado, o collo estava surtido sobre o braço esquerdo de Matheus, e a cabeça dependurava-se inerte para o chão, pallida e insensivel como uma estatua, deixando entornarem-se as madeixas bastas e caracoladas a confundirem-se e enlearem-se com as samambaias e trapaceiras que guarnecião o rochedo. Suas feições suaves e

seductoras resaltavão de um modo encantador entre a luz viva que lhe batia de um lado, e a profunda escuridão da espelunca em que se achava.

E sobre aquelle corpo tão formoso, sobre aquelle rosto de uma pureza e serenidade angelica, sobre aquelle seio inoffensivo, mimoso ninho de meiguice e de ternura, o cabra, com os olhos turvos e sanguineos, alçava a lamina de sua cumprida e afiada faca.

Era um grupo sublime, terrivel e tocante, collocado em um ninho de pedra bruta.

Anselmo, ao dar com os olhos nelle, recuou horrorisado.

— Se se atrever a tocar em um só fio de meos cabellos, Florinda está morta! bradou o cabra.

— Entrega-te, maldito! gritou Anselmo, avançando.

— Ou você nos ha de deixar a mim e ella livres, ou nos ha de levar todos dous mortos, repetio o cabra com voz firme.

— Matheus!... em nome de Deos! larga essa rapariga, e eu te deixarei ir são e salvo para onde quizeres. Eu te juro por ella mesmo... por Florinda...

— Eu só!... nunca!... vivos ou mortos, eu e ella havemos de andar sempre juntos.

— Maldito! bradou Anselmo enfurecido, apontando-lhe a pistola.

Matheus por unica resposta encostõu a ponta da faca ao peito esquerdo da rapariga.

Anselmo estremeceo, e baixou a pistola.

O fogo que Anselmo havia ateado começava a se apagar. Os seos companheiros, ouvindo-lhe a voz, se tinhão approximado, e tratarão de avivar o fogo. Anselmo, em uma horrivel perplexidade, não sabia o que fazer. Consultárão um momento entre si, sem nunca perderem de vista o cabra que estava a uns dez passos de distancia, sempre amoitado na cavidade do rochedo, rolando olhos sanguineos e chammejantes como o jaguar acuado em sua toca, e sem nunca arredar a ponta da faca de sobre o peito da rapariga.

— Decidão, bradou o cabra, senão eu tiro já toda a duvida. E vibrou convulsivamente a faca sobre o coração da infeliz Florinda.

Apenas acabára de pronunciar estas palavras, um vulto collossal, escorregando de cima do rochedo, veio cahir em cheio ao pé delle, e sem dar tempo a que fizesse o menor movimento, com uma das mãos arranca-lhe a faca; com a outra toma a si a rapariga, como quem carrega uma boneca, e com a ponta do pé atira

o cabra fóra do assento em que se achava, e o faz cahir de bruços.

— Sáe d'ahi, cabra maldito!... é a mim e não a ti que compete decidir, exclamou elle.

O vulto gigantesco de Cassange em pé, enlaçando no braço esquerdo a rapariga, e tendo alçado na direita um machadinho, substituira n'um relance as figuras da scena anterior. Anselmo e seos companheiros, deslumbrados com aquella subita mutação de scena, ficárão por alguns momentos como que petrificados.

CAPITULO XI

— Meos amos, gritou Cassange, não é mais com este bóde maldito ; agora é comigo que vocês tem ajustar contas.

Dizendo isto, o truculento Zambi brandia o machadinho sobre a cabeça da pobre Florinda, que sempre desmaiada lhe pendia do braço, como tenro cipó enleado ao galho de robusto jequitibá.

— Cassange! Cassange!... que fazes? exclamou Anselmo aterrado.

— Você quer levar esse menina direitinha como está para casa?...

— Quero, quero, Cassange!...

— Então, escuta lá, ha de ser com condição!...

— De que, Cassange? falla, estou prompto para tudo.

— Pois bem, moço, eu vou dizer. Se você não faz o que eu quero, olha...

E o negro fez gesto de descarregar o machadinho sobre a cabeça da infeliz mulata.

— Suspende, Cassange, farei tudo o que quizeres. Falla ; que queres de mim?

— Pouca cousa, meo moço : vae já pôr em liberdade toda minha gente, e nos deixa em paz ; e você levará Florinda.

Anselmo recuou dous passos : a proposição era altamente compromettedora, e punha em sério perigo sua cabeça. Elle mesmo fôra em pessoa se apresentar ao governador, pedindo-lhe auxilio, e compromettendo-se por sua cabeça a entregar á justiça Cassange e toda sua cafila, vivos ou mortos. Porém sua hesitação, a principio muito natural, não durou mais que um instante. Tratava-se de salvar Florinda, e não haveria sacrificio a que se recuzasse para esse fim.

— O golpe está a cahir, bradou Cassange ; quero a resposta já, e já.

— Estou prompto, Cassange : estou prompto para o que quizeres.

— E você cumprirá á risca o que eu quero?...

— Eu juro pelo que ha de mais sagrado.

— Você jura!?... mas que segurança posso eu ter de que você cumpre seo juramento?...

— A minha palavra, e se esta não basta, a minha cabeça, Cassange.

— Tua palavra vôa com o vento... Tua cabeça!... onde irei eu buscar a tua cabeça?

— Pois bem, Cassange ; você tem fé em Deos, não tem?...

— Tenho... e muita.

— Pois toma esta imagem do crucificado, disse solemnemente Anselmo tirando do pescoço um pequeno crucifixo de ouro e entregando-o a Cassange. Foi minha mãe que na hora da morte me deixou essa reliquia santa. Por ella eu te juro cumprir fielmente a minha palavra; guarda-o comtigo.

— E eu tambem te juro por este collar, que já andou no pescoço de meo pae, que se você nos põe todos em liberdade e nos deixa em paz, Florinda vae com você. Mas ainda falta uma cousa ; falta juramento de sangue.

— De sangue?...

— Não é nada que assuste, meo moço. Você eu com seo sangue uma cruz na minha testa ; eu com meo sangue faço outra cruz na sua testa; O meo está correndo deste golpe que ainda agora me fizerão. Você parece que inda não tem nada. Dá licença ; quero uma gotta de seo sangue.

Anselmo não se oppoz. O negro abrio-lhe a camisa, e com a ponta da faca fez-lhe uma leve

incisão no peito esquerdo, e, com o sangue que sahio, fez com o dedo uma cruz em sua propria testa. Depois apresentou um braço ferido a Anselmo, e este, molhando o dedo no sangue de Zambi, fez tambem uma cruz na testa.

Feito isto, Cassange tornou a tomar nos braços Florinda, que por momentos tinha largado no chão, e disse :

— Agora, vamo-nos embora com Deos e a Virgem.

— Vamo-nos, respondeo Anselmo.

Anselmo foi adiante allumiando o caminho com um facho de taquáras ; Cassange ia no meio, carregando Florinda nos braços, e os dous companheiros os seguião na retaguarda. Matheus logo desde o começo tinha-se escoado como um lagarto, e, agil como um macaco, dependurando-se pelos ramos tinha-se sumido nos abysmos.

Encontrárão em caminho muitos que vinhão em seo auxilio ; e em pouco mais de um quarto de hora chegárão ao quilombo.

Os milicianos e capitães do matto tinhão já amarrado todos os quilombólas, á excepção de uns dous ou tres que morrerão, e outros tantos que sempre lográrão evadir-se. Estavão aquelles em roda de fogueiras que já tinhão accendido, comendo e bebendo folgadamente, pois já tinhão

dado assalto ás excellentes dispensas e adégas dos quilombólas, emquanto estes, amarrados e estirados pelo chão, gemião, fungavão, e praguejavão deseperadamente.

Apenas Anselmo chegou ao quilombo, apresentou-se a seos sequazes junto de uma fogueira para que fosse bem visto, tendo a seo lado Cassange, que trazia nos braços Florinda ainda desmaiada. Em voz bem alta, e em linguagem franca e sem rebuço, explicou a seos companheiros tudo quanto havia occorrido, e a obrigação que havia contrahido, debaixo de um tremendo juramento, de largar mão de toda aquella gente.

— E' esta menina, terminou elle com voz commovida e olhos humidos, apontando para Florinda ; é este penhor sagrado de meo coração que me obrigou a tanto, e qual de vocês, meos caros companheiros, em meo lugar, não teria feito o mesmo que eu fiz? Minha cabeça é a unica que se acha empenhada ; eu só sou o culpado. Affianço que nenhum de vocês soffrerá nada...

Um murmurio de indignação circulou por entre os companheiros de Anselmo, e algumas vozes o interromperão. Vendo a gentil e mimosa figura de Florinda entre os braços daquelle cyclope africano de tão medonha catadura, cheios de indignação e compaixão a um tempo, não puderão conter-se.

Larga essa rapariga, bradou um delles avançando para Cassange, larga, selvagens.

Alto lá, camarada! diz Anselmo collocando-se rapidamente diante de Cassange. Para tocarem nella é preciso que primeiro saltem por cima de meo corpo.

- Deixa-te disso, Anselmo, exclamou outra voz: com esta malta de bandidos e ladrões não deve haver contemplação; não ha lei nenhuma que nos obrigue a guardar lealdade para com semelhantes féras. Demos cabo desta canalha, emquanto está em nossas mãos.

Tambem esta, bramio Cassange alçando o machadinho sobre a cabeça de Florinda, tambem esta está ainda em minhas mãos.

E ainda que não estivesse, Cassange, disse Anselmo cheio de indignação, eu por mim não quebrarei nunca o meo juramento.

Os companheiros de Anselmo, vendo de um lado a disposição horrivel do negro contra a pobre Florinda, e por outro lado admirados da lealdade e coragem de moço e quem começavão a estimar e respeitar, não ousarão mais insistir.

- E se acaso os meos companheiros, continuou Anselmo, têm receio de que lhes aconteça algum mal por causa deste passo, pódem retirar-se, deixem-me só, que eu irei desatar um por um os pulsos desses desgraçados... Caião só sobre

minha cabeça as consequencias, sejão quaes forem.

— Não ha de ser assim, Anselmo, disse um dos seus companheiros; juntos viemos, juntos havemos de voltar; aconteça o que acontecer.

— Isso é o que não tem duvida, exclamou outro; mas para satisfazer o Sr. governador e desempenharmos nossa palavra, cortemos a cabeça áquelles sete, que ali estão enforcados, e mais a esses dous que matámos, e levemos para Villa-Rica. Nove cabeças de quilombólas já não é um mimo para se desprezar, e S. Ex. não deve ficar mal satisfeito.

— Bravo! muito bem, exclamárão alguns; façamos isso que ficará tudo remediado. Diremos que os outros escaparão, e nenhum de nós baterá a lingua nos dentes sobre o acontecido.

— Nenhum, nenhum de nós, repetirão muitas vozes.

— Nada disso, meos amigos, bradou Anselmo; semelhante procedimento são seria digno de mim, nem de vocês; eu vou contar ao governador, com toda a franqueza, toda esta historia tal qual tem acontecido, e lhe direi que tudo isso foi feito por mim e por minha ordem, para salvar esta infeliz. O governador me confiou a honra de dirigir e commandar esta diligencia; vocês nada fizerão senão me obedecer como

devião, a eu affiança que nada soffrerião. Quanto a mim, que me importa! minha cabeça rolará no chão, porém ao menos terei salvado Florinda... Vamos, meus amigos, salvemos esta gente.

Os companheiros, fascinados pelo nobre e corajoso procedimento de Anselmo, nada achárão que objectar-lhe, e obedecêrão promptamente. Em poucos instantes estavão soltos todos os quilombólas. Erão em numero ainda assás consideravel para poderem fazer face aos milicianos e capitães do matto. Logo que se achárão soltos, alguns se puzerão em attitude hostil. Mas a lealdade de Cassange era tão grande como a daquelle com quem tratava.

— Alto lá, bradou elle; quem levantar a mão contra esta gente, levanta tambem contra mim. Toma, moço, continuou passando Florinda dos seos para os braços de Anselmo, toma sua noiva. Agora acabo de crer que você é homem de palavra e de coração limpo. Vae-te embora em paz com sua rapariga, e Nossa Senhora te acompanhe.

Anselmo agarrou e apertou ao peito com toda a ancia, com todo o frenesi de um amor louco, aquella que tantos sacrificios e fadigas, tantos riscos e tantos sustos lhe tinha custado no decurso de tão poucos dias.

— Cassange, disse elle, por ultimo favor te peço... algum soccorro a esta pobresinha, antes que me vá embora. Olha... coitada! ainda não voltou a si!...

Cassange levou-os para sua choupana, borrifou a testa de Florinda com agoa fria; ella estremeceo e entreabrio os olhos; Anselmo chamou-a pelo nome repetidas vezes; ao som daquella voz tão conhecida e tão querida, Florinda recobrou os sentidos.

— Quem me chama?... murmurou: ainda estou viva, meo Deos?...

— Estás viva, sim, minha querida Florinda; disse Anselmo apertando-a ao coração: estás viva e salva; estás viva e aqui comigo, aqui apertada em meos braços para nunca mais delles sahir.

— Então vamo-nos; vamo-nos embora d'aqui.

— Mas primeiro, minha querida, aperta e beija a mão de Cassange; é a elle que deves a vida, e eu... talvez... deverei a felicidade.

Aquelle *talvez* Anselmo o murmurou dentro da alma.

Anselmo e Cassange ao separarem-se apertarão-se as mãos cordialmente. Havia nesse aperto de mão um protesto tacito de mutua estima e lealdade para sempre.

CAPITULO XII

Anselmo carregou Florinda nos braços até a entrada do quilombo onde tinha deixado sua cavalgadura. Collocou-a cuidadosamente sobre a dianteira dos arcios, e acompanhado dos seos, assim a conduzio até Villa-Rica, onde chegárão ao romper do dia.

Tendo deixado Florinda em uma casa amiga, logo que o sol alteou dirigio-se a palacio, e foi introduzido á presença do governador. Pelo ar triste e desconcertado com que se apresentou, D. Manoel logo adivinhou que fôra mal succedido em sua empreza, e disse-lhe ;

— Então, Sr. Anselmo, que é do Cassange?... pois nem ao menos a cabeça delle me traz?...

E' verdade, Exm. Sr., disse Anselmo curvando-se profundamente, nem mesmo a cabeça delle ; mas em lugar della aqui está a minha á disposição de V. Ex. Morreirei, mas resta-me a

consolação de que á custa de minha cabeça salvei a vida de Florinda.

— A's mil maravilhas! ora!... ora!... e esta?! replicou o general com vos aspera e com sorriso sardonico. Não faltava mais nada!... então de tudo que foi buscar e que comprometteo-se a trazer a custa de sua cabeça, só nos trouxe, pelo que vejo, a tal Florinda, que não conhecemos, e com quem nada nos importamos!...

Estas duras palavras soárão muito mal aos ouvidos do rapaz; mas que poderia elle redarguir?... Curvou a cabeça, e com voz digna e firme disse:

Nada tenho a responder, Exm. senhor; aqui está minha cabeça.

— Sua cabeça!... boa resposta!... sim, deve perdel-a, e é bem feito! quem o mandou offerecer-se tão galhardamente, para depois illudir-me por esta fórma... Bem lhe fiz eu vêr que a empreza era por demais arriscada?...

A despeito da aspereza com que assim fallava, o governador bem estava dando a entender que desejava alguma explicação. Portanto Anselmo appressou-se em responder-lhe:

— Não era tanto assim, Exm. senhor; eu a tinha já levado a cabo com toda a felicidade, quando circumstancias extraordinarias, com que eu não podia contar, vierão burlar tudo o

que eu já havia feito; não fossem essas circumstancias, estarião aqui amarrados Cassange e todos os seos companheiros...

— Desculpas?... já eu esperava por isso. O que Vm. queria era soccorro meo para livrar a tal sua Florinda; quanto aos quilombólas, pouco se lhe embaraçava que morressem ou vivessem... não é assim?... confesse a verdade.

— V. Ex. tem razão de sobra para estar agastado commigo; eu bem o reconheço, e por isso vim entregar-me nas mãos de V. Ex.

— Então, confessa que armou-me um laço, que me atraiçou?...

— Isso nunca, Exm. senhor, exclamou Anselmo erguendo a cabeça com altivez. Fui infeliz, é verdade; mas traidor, nunca!... Se V. Ex. digna-se dispensar-me alguns momentos de attenção, eu vou contar tudo para justificar-me.

— Pois vamos lá; conte-me isso por miudo. Mas conte a verdade, sómente a verdade; do contrario peior será o castigo que o espera.

— Contarei tudo, Exm. senhor, e eu que perca a minha... cabeça... não, que essa já pertence a V. Ex., mas... a minha alma, se faltar em um só ponto á verdade.

Anselmo contou tudo com a maior franqueza e fidelidade ao governador, que o escutou de

principio a fim com toda a attenção e sem nunca interrompel-o.

D. Manoel era moço ainda, tinha imaginação viva e indole naturalemente bondosa. Posto que, como instrumento, que era, do absolutismo de então, estivesse avezado a actos de despotismo e tyrannia, não deixava de ter espirito recto e justiceiro, e coração capaz de sentimentos generosos e propenso a actos de magnanimidade Além disso, D. Manoel, que tinha alma apaixonada e muito sensivel aos encantos do bello sexo, tinha tido em sua vida muitas aventuras amorosas, algumas das quaes bem escandalosas, e portanto devia saber dar o devido desconto a todas as faltas que proviessem dessa fonte.

Escutou pois com toda a attenção e interesse a narrativa do moço, e depois que este terminou, não poude deixar de exclamar, com certo tom de familiaridade :

Com mil diabos, homem !... Muito formosa deve ser essa Florinda por quem acabas de fazer tamanhas loucuras, meo rapaz, arriscando por ella tantas vezes e por tantas maneiras a tua vida. Vae buscal-a já aqui ; devéras que tenho summa curiosidade de vêl-a.

Se V. Ex. o ordena, eu a trarei. Mas, coitada ! soffreo tanto ! acha-se por ora tão fraca e alquebrada !...

Não tenha cuidado: aqui minha mulher tratará della melhor do que ninguem.

— Mas, Exm. Sr., tanto incommodo... não merecemos tanta honra...

Vá, vá já buscal-a: e a ser verdade tudo quanto Vm. diz, desde já tomo a ambos debaixo de minha protecção; tornarei á minha custa a rapariga, e eu e minha mulher seremos os padrinhos do casamento. Não vá pensar, accrescentou sorindo o governador, que eu sou como o Cassange, que a querida para si. Não; eu sou um Zambi de outra qualidade.

Nesse mesmo dia Florinda se achava instalada em um commodo aposento do palacio do governador, em companhia de seo esposo, a quem o infortunio, a belleza e os poucos annos da rapariga havião inspirado o mais vivo e terno interesse.

Emquanto se esperava o dia do casamento, que devia ter lugar d'ahi a oito dias, era tratada com todo o carinho, e tanto o governador como sua esposa fazião summo gosto em felicitar aquelle par, tão humilde pela condição do nascimento, e tão digno de interesse e commiseração pelos riscos, trabalhos e estranhas e crueis vicissitudes por que acabavão de passar naquelles ultimos dias.

O governador queria que o casamento se fi-

zesse com algum esplendor. Era uma pequena festa que elle, inspirado por um louvavel capricho de beneficencia e magnanimidade, queria dar a seos amigos.

Erão passados quatro ou cinco dias depois que D. Manoel e sua senhora se regozijavão com os preparativos daquelle original e interessante festim nupcial, quando apparece em palacio o Ouvidor da comarca, pedinho urgentemente uma audiencia ao governador.

— Exm. Sr., sinto ter de dar-lhe uma noticia que não lhe deve ser agradavel, diz o Ouvidor sem mais preambulo, apenas é introduzido á presença do governador.

— Que me diz, Sr. Ouvidor?... interrompe D. Manoel sobresaltado.

— Tranquillise-se V. Ex.: não diz respeito á sua pessoa, nem a ninguem que interesse de perto a V. Ex. Sinto ter de interromper um prazer que sei que muito regalava o magnanimo coração de V. Ex. Tenho a apresentar a V. Ex. uma denuncia bem triste, e infelizmente acompanhada de provas que não podem ser recusadas.

— Devéras!....e contra quem, Sr. doutor?

— Contra um protegido de V. Ex., contra esse Anselmo, por cuja sorte V. Ex. tanto se interessa.

— Que me diz, homem?... contra Anselmo! vejamos, vejamos já isso.

— Além disso, esta denuncia, diz o Ouvidor entregando-lhe o papel, póde-nos levar a revelações muito importantes para descoberta e extincção de quilombos.

A denuncia apresentada ao Ouvidor, que era muito extensa e minuciosa, continha em resumo o seguinte : Que Anselmo teria podido muito bem matar ou prender todos os quilombólas de Cassange, quando por ordem do governador atacou o seo quilombo ; mas, achando-se já senhor delles, o chefe Cassange o comprára a dinheiro para lhes dar liberdade a todos. Que a historia que contava ao governador a respeito da mulata Florinda, não passava de um embuste inventado para illudir a S. Ex. Que Florinda e todos os quilombólas, já amarrados, estando em poder delle, nenhuma precisão tinha de soltal-os para havel-a, e o chefe que tinha grandes riquezeas escondidas, déra avultadas sommas a Anselmo em troco da libertação delle e dos seos. Que Anselmo fizera um pacto de conluio perpetuo com elle, e prestára um juramento terrivel em penhor do cumprimento de sua palavra. A prova de que tinha agarrado e matado muitos quilombólas, lá se achava no quilombo que Cassange havia abandonado nessa

mesma noite, no qual ainda devião se achar dependurados os cadaveres de sete quilombólas enforcados, e dous mortos a ferro. O denunciante estava prompto a ir guiar e mostrar o lugar do quilombo. A prova do pacto e juramento de amizade entre Anselmo e Cassange devia existir no proprio corpo de Anselmo, o qual devia ter no peito esquerdo uma cisura ainda fresca, que é a marca dos quilombólas e de todos que com elles tem contrato, e no pescoço devia trazer um grosso collar de ouro. O denunciante dava signaes minuciosos desse collar. Emfim : que o denunciante fôra testemunha presencial de tudo o que occorrera, por estar entre as mãos dos quilombólas naquelle occasião. A denuncia estava assignada por um Fuão de tal, a rogo do escravo Matheus Cabra.

Anselmo achava-se effectivamente compromettido altamente e envolvido em provas que seria difficil, senão impossivel destruir. Por esquecimento, devido talvez ao acanhamento e perturbação com que fallava diante de um alto personnagem, deixára de narrar ao governador que, quando atacou o quilombo, achará sete negros enforcados. Tambem inconsideravelmente, e sem calcular as consequencias, deixára que Cassange fizesse em seo peito a sabida incisão, e conservava comsigo o collar que elle lhe déra,

do qual Matheus, que o conhecia, dava todos os signaes. Estas circumstancias a que, em sua descuidosa imprevidencia, propria de um animo sincero e leal, ligava pouca importancia, tambem se esqueceo de contar ao governador.

O astuto e perfido cabra, depois que se vio livre das garras de Cassange, na furna em que este lhe arrancara Florinda, para vendel-a immediatemente a Anselmo em troco da liberdade dos seos, tinha-se conservado escondido em distancia donde pudesse ouvir e perceber tudo. Depois que Cassange e os outros se retiráão, os foi seguindo, subtil e cautelosamente, a certa distancia, até o quilombo, onde ás escondidas presenciou tudo que se havia passado.

Cassange, que logo depois da sahida de Anselmo havia abandonado precipitadamente o quilombo, tinha de feito deixado dependurados no mesmo lugar os sete negros que mandára enforcar.

Matheus urrou de raiva e desespero quando vio assim burlados todos os seos passos, e escapar-lhe a presa cobiçada nos braços de seo rival. Sua alma malfazeja, inspirada pelo ciume e a vingança, forjou logo o mais atroz e sinistro plano. Correo a Villa-Rica, onde logo tratou de procurar um legista que o guiasse e lhe escrevesse uma denuncia. Como estava fugido havia poucos

dias da casa de seo senhor, contou muita mentira que podia ser facilmente acreditada, e disse que tinha sido agarrado pelos quilombólas, e levado á força para o quilombo, onde presenciára os factos que queria levar ao conhecimento do governador, e que déra graças a Deos por ter achado uma occasião de se livrar das unhas daquelles malditos mandingueiros.

D. Manoel percorreo rapidamente com os olhos o papel da denuncia que era bastantemente extenso, e ficou pallido de raiva e de despeito.

— E esta! exclamou. Um creançola, um desgraçado liberto atrever-se a fazer galhofa de um governador, pretender illudir-me contando-me historias!... tragão-no já preso á minha presença.

As ordens de um governador general, principalmente estando encolerisado, devião ser cumpridas sem objecção e sem detença. D'ahi a meia hora, Anselmo, entre dous milicianos que o havião prendido á ordem do governador, attonito e aterrado, achava-se em presença de D. Manoel.

Então, rapaz, quizeste me enganar com tuas mentiras, e embair-me com teos embustes?!... quem diabo te metteo na cabeça que poderias lograr o teu intento?... pois fica sa-

bendo que, agora felizmente, já conhecemos quem tu és.

— Perdão, Exm. Sr., respondeo Anselmo em tom firme, porém submisso e respeitoso. Eu bem sei que não sou mais do que um desgraçado liberto, e serei tudo quanto ha de ruim, menos mentiroso, embusteiro e traidor.

— E' melhor que te cales, replicou seccamente o general. No teo corpo mesmo deves ter a prova irrecusavel de tua perfidia. Abrão a camisa desse homem, e descubrão-lhe o peito, disse voltando-se para os soldados.

A estas palavras Anselmo não poude conter um estremeção, como ao susto causado por um relampago. Como um relampago na escuridão da noite, ellas lhe abrirão um vasto e medonho horizonte a vagas e terriveis supposições. Os soldados ião obedecer promptamente; mas o proprio Anselmo, posto que fulminado por aquelle golpe inopinado, desabotoou tranquillamente o collete e a camisa, e apresentou seo peito.

O general se approximou para observar de perto e por seos proprios olhos.

— A incisão eil-a acolá, disse o general, apontando com o dedo; não ha a menor duvida. O collar é este; é este mesmo com todos os signaes que vêm especificados na denuncia. Ah!

pobre rapaz! não sabes em que te mettestes. Fazer pacto e conluio com quilombólas, dar-lhes escapúla e receber dinheiro delles, e depois ter o atrevimento de vir á minha presença embairme com historietas!... apre!... isto é demais!

Exm. Sr., tudo quanto eu tive a honra de referir a V. Ex. é a pura verdade. Este collar foi Cassange quem me deo, é verdade, e foi elle quem me fez esta cizura... mas isto foi um juramento, um penhor que elle exigio da palavra que eu lhe tinha dado de soltal-os, naquella occasião sómente, e nada mais...

– Oh! oh!... e por que razão occultaste-me essa circumstancias na tal historia que me contaste outro dia?...

Senhor, no meio de tantas cousas extraordinarias que me aconteceião, era natural que esquecesse alguma...

E por ventura, esqueceo-se tambem que tinha matado ou enforcado uns oito ou nove pretos?...

Perdão Ex. Sr., eu não enforquei, e nem mandei enforcar: achei-os já enforcados, e...

– Basta! interrompeo asperamente o governador: quem me illudio duas vezes não póde me illudir terceira. Recolhão este homem á prisão. Senhor Ouvidor, trate Vossa mercê de instituir quanto antes uma devassa rigorosa, e or-

ganisar o competente processo sobre essa denuncia. Vou dar já as competentes ordens para se mandar uma diligencia ao quilombo a examiniar se lá existem os cadaveres de que reza a denuncia, e a procurar outras provas e vestigios do crime.

Naquelle tempo a justiça não andava, como hoje, a passos vagarosos atravez de um meandro de formulas embaraçosas, garantidoras dos direitos do cidadão.

Andava depressa, em linha recta, e sem olhar para tráz nem para os lados ; e muitas vezes a sentença de morte cahia rapida como o raio sobre a cabeça da misera victima.

Em dous dias estava conhecido o processo de Anselmo. A's provas e indicios terrives que se accumulavão sobre essa cabeça, o infeliz nada tinha que oppôr, senão a sinceridade de sua palavra, a sua reconhecida lealdade. Para cumulo de infortunio, dois quilombólas de Cassange, que tinhão sido recentemente agarrados, forão inquiridos sobre os factos da denuncia e, por odio ao réo, em razão dos trabalhos que por causa delle soffrerão no quilombo, derão um depoimento o mais desfavoravel possivel.

Os cadaveres dos pretos enforcados tinhão sido achados, assim como cordas e outros indicios muito claros de que os outros tinhão sido

amarrados. A tudo isso accrescia a colera do governador, que bramia de indignação com a idéa de que tinha sido, como elle mesmo se exprimia, tão vergonhosamente burlado por um miseravel rapazola.

Ao terceiro dia Anselmo estava condemnado á morte como protector e complice de quilombólas, e como traidor ao governo de El-rei Nosso Senhor. Em menos de quinze dias a sentença voltava da côrte, confirmada pelo principe regente, e o governador designava o dia seguinte para a execução.

Florinda, a misera e interessante Florinda, havia muito tempo tinha sido enviada para a casa de seos senhores; em que deploravel estado de angustia e desesperação, o leitor que imagine, que eu nem tentarei descrevel-o. A gente da casa, condoida de sua sorte, occultava-lhe os acontecimentos, e procurava consolal-a; mas a coitada nenhuma esperança tinha, e ia-se deixando morrer de dôr.

CAPITULO XIII

Uma execução capital é sempre um horrivel e pavoroso espectaculo. Mas rodeada do lugubre cerimonial daquellas éras, e entre as sombrias e lobregas serranias de Villa-Rica, devia ser ainda mais horrivel.

O prestito sinistro, sahindo da cadeia que está na praça principal, fronteando com o palacio, para chegar ao lugar do supplicio, que era na rua das Cabeças, á extremidade oéste da cidade, tinha de atravessar com funebre lentidão as principaes ruas, dando o mais medonho e lugubre espectaculo que se póde imaginar. Precedia-o um piquete de cavallaria ; seguia-se a irmandade da Misericordia, com o seo grande guião ou bandeira negra, alçada na frente. Esta bandeira, no caso de qualquer incidente, como por exemplo no caso de quebrar-se a corda, tinha de estender-se sobre o paciente, como symbolisando o manto da misericordia divina. Vinha depois a irmandade ou ordem a que pertencia

e paciente, conduzindo o esquife em que devião trazer o cadaver do suppliciado, menos a cabeça, porque essa pertencia á justiça que a cortava e a mandava fincar em um poste em lugar publico. Seguia-se a victima, tendo ao pescoço a corda em cuja extremidade pegava o carrasco que o acompanhava de perto, e logo atrás delles vinha o padre assistente e o sacristão, badalando uma grossa campainha. Vinha por fim o juiz, o escrivão, guardas, esbirros, etc. Outro piquete de cavallaria fechava o prestito, o qual era seguido de uma multidão de povo de todas as classes, pois os senhores devião mandar seos escravos, os mestres de escola os seos meninos, os paes os seos filhos, assistirem ao horrivel espectaculo para exemplo e escarmento!...

De quando em quando o prestito parava, o padre exhortava e ouvia de confissão o condemnado, a quem regalavão com vinho e marmelada para confortar-lhe o coração, afim de poder affrontar a morte com animo resignado. Horrivel irrisão!...

Logo, no começo da rua das Cabeças, o prestito entrava por um estreito beco que ia dar n'um pequeno campo adjacente. Era o campo da forca.

Ja Anselmo, abatido e pallido, mas cheio de firmeza e resignação, apezar de não ter querido

provar do *vinho dos enforcados*, tinha galgado o ultimo degráo da tremenda escada; já com o padre, que o assistia, tinha começado a recitar o Creio em Deos Padre, e estava quasi a proferir as ultimas e terriveis palavras: « ... a vida eterna. Amen, » depois das quaes o carrasco devia empurrar e saltar aos hombros do paciente... Um ruge, subito como a ufada do tufão que passa, se propaga pela multidão, e uma voz, forte como o estalar do raio abafando o rugido da tormenta, deo um grito selvagem.

Pára ahi, carrasco!... bramia a mesma voz estrondosa como o trovão.

— Cassange! Cassange! gritou uma infinidade de vozes, e um sussurro immenso rugio pela multidão que se agitou como a floresta agitada pelo furacão.

O governador tinha ultimamente tomado as mais energicas medidas para extinguir os quilombos e acabar com os quilombólas. O mesmo Cassange, o façanhudo e matreiro Cassange, com quasi todos os seos parceiros, tinha cahido em uma cidada na serra da Cachoeira, onde ultimamente tinha estabelecido o seo covil. Na occasião da execução de Anselmo, vinhão elles todos amarrados descendo pela rua das Cabeças, conduzidos por uma numerosa escolta.

Como era estylo e dever mesmo, forão levados

ao lugar do supplicio, que lhes ficava quasi em caminho, a fim de assistirem á execução, como para terem um ante-gosto da sorte que os esperava. Ao reconhecer na forca a figura daquelle que havia salvado a vida a elle e a todos os seos, e que, sem duvida por esse motivo, ia expiar na forca sua imprudente generosidade, o animo nobre, grato e leal do selvagem Zambi não poude conter aquelle brado que lhe rompeo do coração.

— Esse moço é innocente, continuou Cassange a bradar, foi Deos e Nossa Senhora do Rosario que me trouxe aqui agora para não deixar correr sangue innocente: não é assim, meos parceiros?...

E os parceiros, que ali se achavam amarrados em uma comprida fileira ao lado delle, bradavão em côro:

— E' assim mesmo! é assim mesmo, Cassange; elle é innocente!

— Carrasco! continuou Cassange, solta esse moço, e guarda essa corda para mim.

A irmandade da Misericordia avançou para o patibulo, e collocou sua bandeira em face do paciente.

Um surdo rumor se propagou pela multidão. Anselmo era estimado e querido de todos. Ao brado de Cassange, o povo todo se alvoroçou, e em altas vozes pedia: perdão! perdão!...

A' vista de um tal incidente e das vivas manifestações do povo, o juiz ordinario que presidia a execução julgou conveniente suspendel-a, e mandou ao palacio, a toda brida, um official dar parte do occorrido ao governador.

D. Manoel estava debruçado a janella de seo palacio com ar sombrio e pensativo. Talvez lhe doia a consciencia pela precipitação com que promovêra a accusação e condemnação daquelle infeliz. Alguns rumores da desapprovação publica tinhão de certo chegado a seos ouvidos, e talvez uma voz secreta vinda do céo lhe clamava no intimo da alma : fazes morrer um innocente!

– Meos Deos!... se ainda me fosse possivel sustar aquella execução!... pensava elle comsigo, quando o official, que vinha a todo galope, apeou-se á sua porta. D. Manoel correo açodado a recebel-o. Apenas o official lhe fez comprehender por alto o que occorrêra, reenviou-o logo com ordem de suspender definitivamente a execução, e trazer Cassange immediatamente á sua presença.

Quando o official chegou ao campo da forca e communicou a resolução do governador, a multidão prorompeo em acclamações e vivas a D. Manoel, os sinos repicárão, os foguetes subirão ao ar, e a cidade, que ainda ha pouco pesarosa e lugubre assistia a alguma cousa mais

que um funeral, apresentou-se subitamente garrida e alegre como noiva no festim nupcial, e consta que na embriaguez de sua alegria levantára tambem alguns vivas a Cassange.

CAPITULO XIV

Depois que o governador ouvio a Cassange cuja narrativa não discrepava no menor ponto da que lhe fizera Anselmo, adquirio plena e intima convicção da veracidade de tudo o que lhe contára o rapaz, e deo mil graças ao céo que, por modo tão singular, o havia livrado de fazer um innocente soffrer a morte affrontosa do patibulo. Ordenou todavia mais minuciosas e longas devassas, das quaes resultou ainda mais evidente a innocencia de Anselmo. A sentença foi revogada em virtude de provas posteriores, e não tardou muito em vir da côrte a confirmação do perdão de Anselmo, que logo foi posto em liberdade.

Na hora, e talvez no momento em que, sobre a escada fatal, Anselmo, com a corda ao pescoço, dirigia a Florinda um derradeiro pensamento, esta, n'um canto do quintal da casa de seo senhor, sósinha, e sentada no chão ao pé de uma

laranjeira, pallida, silenciosa, immovel, tinha a face encostada sobre a mão. Apenas de quando em quando um soluço convulsivo mostrava estar vivo aquelle corpo que parecia uma estatua de marmore amarello. Seos olhos, que não tinhão mais lagrimas para chorar, se pregavão seccos e fixos no céo, como querendo para lá voar. Seo corpo se alquebrava como a planta mimosa a quem o verme peçonhento tem roido a raiz e roubado toda a seiva. Seos cabellos caracolados esvoaçavão-lhe pelos hombros, morenos, maltratados e em desordem, como festões de trepadeira que a geada crestou, oscillando em volta do fragil arbusto que mal a sustem.

De repente um vulto se apresenta diante della.

— Florinda, diz-lhe elle com voz lugubre, sabes de teo noivo?...

Não, não: responde sobresaltada a rapariga, que é delle?... onde está?...

Está enforcado! replicou o vulto, e promptamente desappareceo.

Florinda levantou-se rapida, estendeo os braços, olhou em roda de si, e não vendo ninguem, soltou um gemido rouco e convulso, e tornou a cahir de chofre estendida sobre a relva e inteiramente sem sentidos.

O perverso Matheus, na manhã do dia da execução de Anselmo, quando vio que não podia

haver mais appellação nem aggravo, e que tudo estava determinado e prompto para a execução, enfiou a estrada da Cachoeira, e em poucas horas, saboreando a longos tragos o prazer da vingança, venceo as cinco ou seis legoas que distavão de Villa-Rica á casa de Florinda. Satisfeito por ter tomado a mais cabal vingança de seo rival, queria tambem ser o primeiro a esmagar o coração de sua infeliz amada com a horrivel nova de sua execução. Sabia que ella cada vez mais o odiaria, mas por isso mesmo queria vingar-se dos desdens com que sempre o maltratáva.

Era Matheus o vulto que appareceu a Florinda, e que esta nem teve tempo de reconhecer.

Apenas porém ia elle sahindo fóra das cercas do quintal, chegava á redea solta uma escolta de cavallaria, pilhava-o e o prendia á ordem do governador.

O governador tinha, nesse mesmo dia, expedido ordens apartadas para prender Matheus. Não tendo sido encontrado na cidade, os seos perseguidores, por informações que forão colhendo, o forão pilhar inteiramente descuidado, e no momento em que, ébrio de prazer, sorvia o ultimo trago da vingança.

Os soldados apearão-se á porta da fazenda para descançar, e tiverão occasião de dar parte ao dono da casa do extraordinario e feliz acon-

tecimento de que nesse dia fôra testemunha Villa-Rica. Immediatamente senhores e escravos procurão Florinda por todos os cantos, cada um querendo ser o primeiro a annunciar-lhe a feliz nova. Quando a achárão como morta, estendida em um recanto da horta, derão um grito de horror e espanto. Em breve, porém, reanimada com os soccorros que lhe ministrárão, abrio os olhos, e vendo em redor de si tanta gente com semblante alegre e risonho, ficou espantada e disse :

— Por ventura não sabem que elle foi enforçado?...

— Não, não, Florinda! gritárão muitas vozes a um tempo. Elle está vivo!... foi perdoado!

— Devéras!... perdoado!... gente, para que hão de estar-me enganando?...

— Não estamos enganando, não. E' verdade : vem para a casa para acabares de crer.

Conduzirão Florinda para a casa, e a levárão á porta da frente, onde estavão os soldados e o preso, sentados, pelos patamares. Sentado bem junto á porta se achava Matheus, amarrado de mãos para trás, cabisbaixo e amuado, e procurando esconder o rosto debaixo do chapéo derrubado sobre os olhos. Mal Florinda deo com os olhos nelle, recuou dando um grito, e exclamou :

— Matheus!

Este, reconhecendo a voz de Florinda, abaixou ainda mais a cabeça, rangeo os dentes e deo um urro surdo. O que naquelle momento se passava de odio, ciume e desesperação naquella alma de precito, ninguem póde conceber.

CONCLUSÃO

—

Passados oito dias, um casamento se celebrava alegremente na linda e magnifica capella de Nossa Senhora do Carmo, ao qual se dignava assistir o governador da capitania, com grande numero de cavalleiros e fidalgos.

Nessa mesma hora, no Morro da Forca, que fica em vista da mesma capella, mas em consideravel distancia, se executava uma sentença de morte.

Quando o paciente subia os degráos da fatal escada, o carrasco apontou-lhe para o adro do Carmo, onde formigava uma multidão festiva e alegre, e disse-lhe em voz baixa :

— Matheus, não estás vendo aquella festa lá no Carmo?... é o casamento de Anselmo e de Florinda.

O maldito carrasco, não contente com estrangular o corpo, queria tambem ser algoz da alma do paciente.

Matheus soltou um gemido rouco e murmurou :

— Mil diabos os consumão!...

Quando Florinda, radiante de prazer no braço de seo esposo, ao sahir da igreja, punha o pé no alpendre da porta principal, por acaso dirigio os olhos para o Morro da Forca, e vendo ali povo reunido, e um cadaver que anda oscillava pendurado no patibulo, perguntou assustada :

— Que é aquillo?...

E' o cabra Matheus que acaba de ser enforcado, responderão-lhe.

— Coitado!... exclamárão ambos os noivos, com verdadeira e intima compunção, e, voltando para dentro da igreja, ajoelharão-se e rezárão pela alma de Matheus Cabra.

FIM DE UMA HISTORIA DE QUILOMBÓLAS

A GARGANTA DO INFERNO

A GARGANTA DO INFERNO

LENDA

CAPITULO I

LAVRAS-NOVAS

A situação do pequeno arraial de Lavras-Novas, na provincia de Minas-Geraes, distante da capital cerca de trez leguas, offerece uma das mais aprazíveis e soberbas perspectivas. Esta povoação, quasi desconhecida, e que não tem a honra de figurar nas cartas geographicas, está collocada no alto de uma serra que é uma ramificação, ou antes um contraforte do nucleo collossal do Itacolumim.

Vista pelo lado do sul, a serrania eleva-se, do modo mais pittoresco e gracioso, em duas explanadas sobrepostas em fórma de uma archibancada, ou como as plataformas de uma fortaleza cyclopica. A explanada inferior e vasta, coberta de um capim sempre viçoso, cortada de vertentes e de pequenos capões, e daria commodo

para uma grande e magnifica cidade. Eleva-se da base, como um terraço, sobre altissimos e medonhos desfiladeiros de penedias a prumo. A ultima, menos extensa, é tambem coberta de um mimoso relvado, e é separada da primeira por uma linha de rochedos muito menos elevados, que se interrompem em alguns pontos, deixando rampas de verdura que dão facil passagem para as risonhas campinas da platafórma inferior, e eleva-se gradualmente para o norte, até que é bruscamente cortada por uma muralha de penedos perpendiculares, que formão a escarpa septentrional da serra.

Tanto na primeira como na segunda explanada, o solo, que visto de longe parece plano, é accidentado por ligeiras ondulações, separadas por grotas e algaves profundos, seccos no verão, mas que no tempo de aguas tornão-se ribeirões, e despejão cataractas pelos despenhos da serrania.

Daquellas alturas, para o lado do sul e do poente, a vista estende-se a immensas distancias; pelo nascente esbarra com a banqueta granitica do Itacolumim; ao norte, além das pequenas elevações vizinhas, perde-se no firmamento.

Nessas risonhas eminencias existem, ou existião outrora, ricas jazidas auriferas que derão origem á affluencia de povo e á fundação daquelle pequeno povoado. Acha-se este á beira da

explanada superior, como que debruçado sobre os rochedos a contemplar as viçosas e ridentes veigas da explanada inferior. Consiste em uma linda capellinha, a cuja frente se estendem duas linhas de casebres, formando uma larga rua irregular pelo espigão de uma pequena colina.

E' nesse lugar que aconteceo, ha de haver cousa de seculo e meio, a historia que vamos contar.

Cumpre entretanto notar que, na época a que nos reportamos, ainda ali não existião nem a capella, nem o povoado. Havia apenas, dispersas pela montanha, algumas casas de mineiros e faiscadores que vinhão de todas as partes explorar aquelle descoberto que ainda não contava muitos annos de existencia.

CAPITULO II

O SONHO DE OURO

Antigamente — ha cousa de seculo e meio, como já ficou dito — existia naquelle lugar uma mulher viuva, por nome Gertrudes.

Era filha de boa familia; nascera e se creára no seio da abastança; mas seo marido, portuguez, que ali viera explorar aquellas minas, fôra infeliz em suas especulações, e morreo ainda moço, deixando-a em um estado pouco melhor do que a miseria, com uma filha ainda no berço. Mas Gertrudes, que era mulher de espirito e de coragem, e que havia recebido de seos paes uma severa educação moral e religiosa, posto que imbuida de muitas superstições e preconceitos, soube com o trabalho de suas mãos evitar os horrores da miseria.

No tempo em que começa a nossa historia, sua filha Lina já contava treze para quatorze annos. Era uma menina muito linda, muito viva, de

olhos verde-mar, de bastos e compridos cabellos castanhos claros, de tez branca, cuja pallidez era apenas disfarçada por uns longes de carmim, e de um porte elegante e esbelto como é raro encontrar-se em pessoas de sua classe. Comquanto tivesse toda a simplicidade e travessura de uma creança de nove annos, Lina era muito intelligente e habil em toda a sorte de trabalhos proprios do seo sexo.

Na agulha, no fuso, na roda ou no tear, nada tinha que invejar ás mais mestras, e em todos os misteres da casa ajudava e suppria perfeitamente a sua mãe. Emfim, era uma menina completa. O unico defeito que se lhe notava — se é a que isso se póde chamar defeito — era ter a imaginação um tanto exaltada, andar ás vezes distrahida, e gostar muito de contos de fadas e historias de encantamentos. Seo espirito impressionavel parece que se tingia dos reflexos daquelles largos e esplendidos horizontes, e daquelles pittorescas e risonhas paizagens. Se tivesse tido educação litteraria, teria sido uma poetisa, ou uma artista sublime.

Em virtude dessa disposição de espirito, tinha certos caprichos singulares e extravagantes, posto que innocentes, unico motivo por que sua mãe ás vezes ralhava com ella. Assim, por vezes, em noites de luar, gostava de passear sósinha

entre os rochedos, vestida de branco e coroada de flôres, cantando com voz argentina e suave, algum desses singelos romances populares com que nossas avós tanto sabião embalar a imaginação das creanças. Quem a visse então, ficaria acreditando na existencia das fadas. Gostava muito da natureza e da solidão, e quando o tempo estava bonito, pegava no fuso ou no balaio de costura, e ia trabalhar em algum recanto aprazivel e pittoresco, a sombra de algum desses rochedos pendidos sobre a relva, ou desses bosquetes florescidos de manacás e canelleira silvestre que abundão aquellas paragens.

A casa de Gertrudes pouco mais era do que uma choupana ; mas era muito aceiada, e tinha um excellente quintal que ella e sua filha trazião sempre mui bem tratado e cultivado ; e graças a esse quintal, ao producto de seos tecidos, a algumas vaccas e carneiros que possuião, e sobretudo ao espirito laborioso e economico de Gertrudes, passavão a vida pobremente, sim, mas livres dos vexames da miseria.

Gertrudes tinha poucas relações com os mineiros das vizinhanças.

A unica pessoa que frequentava com alguma assiduidade a casa della, era um seo sobrinho, por nome Daniel, moço de vinte annos, mui bem educado e dotado de excellentes qualidades ; era

empregado em um rico estabelecimento de mineração das immediações, e tinha a vida mui bem principiada. Daniel gostava muito de Lina; esta tambem lhe tinha affeição, mas era ainda muito creança, e ninguem poderia asseverar que naquella affeição havia um germen de amor. Todavia, o casamento delles era como um negocio já tacitamente contractado no seio da pequena familia; não havia promessa, nem ajuste algum, protesto, nem juramentos; a cousa era tão natural!

— Que sonho tão bonito tive eu esta noite, mamãe! dizia Lina á sua mãe um dia em que ambas se achavão sentadas a fiar na porta, aquecendo-se ao sol de uma bella manhã de abril.

— E' isso; sonhar é a vida das creanças; mesmo accordadas estão sonhando tolices.

— Mas o meo sonho não é nenhuma tolice, mamãe.

— Vamos a vêr. Então o que sonhaste, minha filha?...

— Oh! mamãe!... que cousa tão bonita!... Eu ia passeando por meio daquellas pedras grandes que lá estão emcima daquella serra, e, embaixo de uma dellas, vi a entrada de uma lapa toda enfeitada de flôres; a bocca da lapa era como a latada de jasmim que eu tenho no quintal. Entrei; oh!... minha mãe... se por fóra era

tudo flôr, por dentro tudo era ouro. O chão estava alastrado de palhetas e de areia de ouro; as paredes e a coberta erão inteiriças de ouro. Fiquei assombrada; mas assim mesmo fui entrando, e enchendo o seio de ouro. Ja não cabia mais; arregacei a saia do vestido, e fui enchendo, enchendo. Mas, minha mãe,... de repente dou com os olhos em uma serpente de fogo muito grande, que olhava para mim e parecia querer me engolir. Dei um grito, e accordei tremendo de medo.

— Sancta Maria Eterna!... que máo sonho, minha filha!... Reza á Nossa Senhora para que arrede esse máo agouro. Isso é tentação do diabo. Lembra-te de nossa mãe Eva; tambem procedeo de uma serpente.

— Mas, mamãe, quanto ouro!... oh!... se eu pilho aquelle ouro todo!...

— Que havias de fazer, minha filha?...

— Que havia de fazer?... não havia mais gente pobre neste mundo...

— Disso estou eu certa; em poucos dias tu serias a unica pobre. Mas a respeito da serpente de fogo?...

— Ora!... essa o primo Daniel mataria com a espingarda.

— Tolinha!... a serpente é o demonio, e ninguem póde com ella, senão Deos e a Virgem.

Vae rezar, minha filha, vae rezar aos pés de Nossa Senhora uma Salve-Rainha e duas Ave Marias. O teo sonho não é bom.

Lina olhou espantada para á mãe, sahio de cabeça baixa, e foi ajoelhar-se ao pé do pequeno oratorio de madeira, pregado na parede. Rezou, mas parece que rezou sem fé e sem vontade, pois o sonho de ouro não lhe sahio mais da cabeça, apezar da serpente de fogo.

Lina, sempre tão cuidadosa e diligente no serviço caseiro, começou d'ahi em diante a tornar-se cada vez mais distrahida e amarellada. Para molhar as ortaliças, varrer a casa, dar milho ás gallinhas, era preciso que a mãe a advertisse. Apenas acabava de desempenhar esses serviços, as pressás e atrapalhadamente, lá sahia a menina a correr campinas e rochedos, como veada erradia pelas montanhas, em procura do filho perdido. Quem visse aquella linda camponeza, investigando, todos os cantos das penedias, descendo as grótas, penetrando pelos capões, cuidaria que andava á cata de flôres ou de passarinhos, ou em procura de alguma rez perdida: mas enganar-se-ia redondamente.

Gertrudes, que todos os dias curtia mil sustos e inquietações por causa dos prolongados passeios de sua filha, a reprehendia com brandura. Lina a escutava com submissão, e promettia de

bocca e de coração nunca mais sahir de perto de sua mãe. Mas era debalde ; a coitadinha não podia varrer da idéa aquella tentação que a fascinava, e não tinha forças para cumprir suas promessas.

Passarão-se alguns mezes, e Lina sempre continuava na mesma lida.

— Lina, minha filha, falla por quem és ; do contrario não sou mais tua mãe, disse-lhe Gertrudes já impacientada ; falla, travessa : que andas fazendo assim sósinha por esses lugares agrestes?...

— Ando procurando aquella gruta de ouro, mamãe ; aquella gruta com que sonhei outro dia.

— Que creança!... estás doida, menina!...

— Não, minha mãe. O coração me diz que aquelle sonho era verdade. E que mal faz ficarmos ricas de hoje para amanhã, sem trabalho nenhum, mamãe?...

Ora valha-te Deos, minha filha!... doidinha que tu és! pelo amor de Deos!... tira essa idéa da cabeça, minha filha. Não ha nenhuma gruta, nem meia gruta de ouro... e se alguma cousa ha, é a porta do inferno, minha filha ; é um laço que Satanaz te anda armando. Promette uma vela a Nossa Senhora e resa-lhe uma corôa para que te arranque dos miólos essa maldita gruta.

— Para que me mostre ella, isso sim, mamãe. Esta noite ainda tornei a sonhar com ella. Mas, em vez da serpente, estava lá um principe encantado, muito bonito...

— Máo! máo! máo! a cousa cada vez vae a peior. Eis ahi porque não gosto nada dessas historias de brucharias, que botão a perder a cabeça das creanças. Esse principe encantado é a mesma serpente; é o capeta, é o cão maldito que te quer carregar para o inferno.

— Isso nunca, minha mãe! pois elle era tão bonito, tinha tão boa cara!...

— Cala-te, tola!... Satanaz toma todas as figuras que bem lhe parece para enganar a gente. E depois... algum bicho póde te pegar... alguma cobra te morder... minha filha, não faltão perigos neste mundo... já estás ficando moça... se encontraes por ahi algum mal intencionado...

— Ora, mamãe, não ha perigo algum... eu ando por ahi sempre.

— Nada! nada! não quero que saias mais, ouviste?... A tua gruta de ouro ali está... olha, é aquelle algodão, aquelle fuso, aquelle tear, e nada mais. Não consinto que arredes mais o pé a distancia de dez passos desta casa...

— Mas, minha mãe... ia dizendo a menina em tom supplicante.

— Não quero mais que saias, e tenho dito! atalhou a mãe batendo-lhe o pé, e se teimares em sahir, não voltes cá mais á casa, que não sou mais tua mãe.

CAPITULO III

A GRUTA E O PRINCIPE ENCANTADO

Lina calou-se amuada, pegou no fuso, e sentou-se a fiar n'um canto, mas o seo sonho de ouro não a abandonava um só instante. Todavia sentio que era forçoso obedecer á sua mãe, e tentava supremos esforços para banir do pensamento a gruta e o principe. Mas era em vão: não tinha força bastante para esquivar-se aos enlevos de sua imaginação phantastica e ardente, e o seo teimoso sonho estava sempre a dourar-lhe de refulgentes reflexos a phantasia de creança.

No primeiro e segundo dia Lina ainda conseguio domar-se, e a muito custo conservou-se em casa; mas quasi não comia, nem dormia a scismar na sua teimosa visão; sua imaginação cada vez mais se inflammava, e a expressa e ameaçadora prohibição de sua mãe ainda mais lhe assanhava o desejo de sahir em procura da-

quellas chimeras que ella já, de si para si, chamava : minha gruta, meo principe.

Ao terceiro dia não poude mais resistir á tentação. Emquanto sua mãe dormia a sésta ao ponto do meio-dia, sahio.

Havia umas barrocas, onde ha dias Lina scismava que devia estar a gruta de ouro, e até ás quaes, por serem muito distantes, até então não tinha-se animado a chegar. Desta feita, porém, já que uma vez ia desobedecer á sua mãe, tanto valia ser por mais como por menos, e portanto deitou-se a correr direito para lá.

Antes de chegar ás ditas barrocas, que erão formadas de grandes rochedos cheios de fendas e anfractuosidades, tinha Lina de atravessar uma pequena torrente que corria ao pé delles, saltando aos borbotões por entre as pedras. Lina tirou os chinelinhos, arregaçou as roupas até os joelhos, e atirou-se affoutamente á torrente que lhe espumava em torno das alvas e torneadas pernas, como que abraçando-as amorosamente.

Lina, por um espirito de faceirice, de que ella mesmo não tinha consciencia, vestira antes de sahir sua mais bonita saia, concertára ao espelho os cachos de seos magnificos cabellos e os enastrára de mimosas flôres ; parece que não queria apparecer desalinhada e mal composta diante do seo principe, tão allucinada andava com as

imagens seductoras de seo sonho. Estava encantadora ; algumas madeixas do basto cabello se tinhão soltado com a carreira, e se lhe entornavão pelos rosados hombros, misturados com as flôres de que profusamente os enfeitára ; o cansaço e o sol lhe accendião vivamente as côres, e os olhos, onde scintilava todo o fogo de sua imaginação, dardejavão um brilho fascinador. Se a vissem assim pelos corrigos os filhos da Grecia antiga, a tomarião por uma nayade.

Além do arroio, havia uma especie de lapa, formada pela saliencia de um enorme penedo que lhe servia de tecto, e cujas paredes erão formadas por arbustos emmaranhados, por uma rêde impenetravel de cipós e trepadeiras. A entrada era pequena, e a lapa escura e profunda. Qualquer homem teria medo de penetrar ali ; mas, Lina, anciosa e anhelante, dirigio-se resolutamente para ella.

— Onde vaes, linda menina? bradou-lhe uma voz meiga, que partia de um lado da gruta.

Lina estremeceo de susto, e olhou rapidamente para aquelle lado.

Era um mocinho mui bem parecido e fidalgamente vestido, com gibão de velludo bordado de ouro, calções de seda, botas de couro polido, de cujos canos revirados pendião borlas de ouro, e chapéo emplumado de pennas de avestruz. Es-

tava arrimado a uma espingarda de caça, e olhava para ella, sorrindo meigamente. Lina, em dias de sua vida nunca tinha visto por aquellas selvas uma figura assim: era sem duvida alguma o principe de seo sonho. A principio teve medo, e quiz fugir: mas, depois de reflectir um instante, disse comsigo:

— E' aqui!... é aqui a gruta! este é o principe: nada de fugir! coragem!... Mas, timida e perturbada, não sabia o que havia de responder.

Vendo o seo embaraço, o moço tornou a perguntar, ameigando ainda mais a voz:

— Onde vaes, minha menina, assim tão só por estes ermos? nada receies de mim, que por minha alma, não sou capaz de te fazer mal algum. Se perdeste o caminho, dize-me onde é a casa de teos paes, que lá te levarei.

Lina, ainda toda perturbada e no enleio daquella situação extraordinaria, pergunta-lhe bruscamente e com infantil ingenuidade

— Não é aqui a gruta de ouro?...

— A gruta de ouro!... exclamou o mancebo admirado... pois é ouro que andas procurando?...

— Ah! perdoe-me, disse Lina já arrependida de sua pergunta foi uma tolice, uma pergunta de creança; desculpe-me, senhor; foi um sonho que tive...

Lina corou como um cravo e não se animou a continuar.

Continue, minha menina, disse o moço, chegando-se para Lina; não te acanhes; que sonho foi esse então?... póde contar-me sem receio.

Lina, mais animada com as palavras e maneiras affaveis do mancebo, contou-lhe os sonhos que tivera, taes quaes os havia contado a sua mãe.

— E' bem singular o teo sonho; mas saiba a menina que é tambem um sonho que me faz andar por aqui.

— Sim?... exclamou Lina com certo alvoroço de espanto e curiosidade.

— Sim, menina; mas o meo não foi sonho de ouro, como o teo; foi um sonho de amor.

— De amor!... murmurou Lina, com certo sobresalto.

— De amor, sim!... não sabes de certo o que é amor... sonhei que á sombra de uma lapa, onde eu tinha vindo descançar alguns instantes, estando a caçar, uma fada appareceo-me, e me adormeceo em seo regaço entre sorrisos e beijos. Este sonho não me sáe da imaginação, e agora mesmo estava eu a pensar se não seria aqui essa lapa, pois se parece tal e qual com a que vi em meo sonho, e eis senão quando se me apresenta

a tua linda figura, tal e qual a da fada com que sonhei. Agora vejo que és a fada de meo sonho.

— Não, senhor; eu não sou nenhuma fada; sou uma pobre menina...

— E's fada, sim, atalhou vivamente o mancebo; tanta gentileza só póde pertencer a uma fada; e eu sou, acredita-me, linda menina, eu sou o principe com quem sonhaste. Estes sonhos nos vierão do céo por encantamento.

— Assim me parece. O principe com quem sonhei tinha essa figura. Mas... onde está... a gruta de ouro?... será aquella?

— Não, minha amiga; mas não está longe d'aqui. Não vês aquella casa que fica por baixo daquelles rochedos?... é ali a minha gruta; lá tenho o meo ouro... muito, muito ouro. E' todo teo: queres ir lá commigo vel-o?

— Mas, minha mãe, coitada! a esta hora está anciosa á minha procura.

— Tua mãe?... ah! nosso ouro será tambem della. Levar-lhe-has uma bolsa cheia, e de certo ella não ralhará comtigo.

Mas, meo Deos! meo Deos! que vou eu fazer!... verdade é que minha mãe disse-me que, se eu sahisse, não voltasse mais a sua presença.

E, pensando nisto, Lina foi-se deixando levar

pelo mancebo, que lhe tomou a mão e a foi conduzindo para suas lavras que não distavão mais de um quarto de legua daquelle lugar. Estava fascinada, e cuidava ser levada por uma força superior a que não havia resistir.

O mancebo era filho de um guarda-mór do lugar, o qual residia em Villa-Rica; era um opulento e nobre moço, que possuia naquelles contornos riquissimas lavras das quaes extrahia immenso ouro. Tivera realmente o sonho de que fallára a Lina, sonho que tinha deixado uma viva impressão em sua imaginação tambem ainda quasi infantil, pois o moço ainda não contava vinte annos.

Lina em casa do mancebo achou ouro e joias, luxo e regalo com profusão, e, nos braços do amor e da opulencia, Lina, deslumbrada, esqueceo-se de sua casa, de Daniel, do mundo, de tudo, e até, quem o diria! quasi esqueceo-se de sua pobre mãe.

CAPITULO IV

A GARGANTA DO INFERNO

Gertrudes despertou sobresaltada do seu somno de sésta, chamando em altas vozes por sua filha ; tinha sonhado que um dragão a devorava.

— Lina! Lina! Santa Virgem! esta menina é meos peccados! gritava a afflicta mãe, andando d'aqui para ali, espiolhando todos os cantos de casa, remexendo todo o quintal, e esquadrinhando tudo por dentro e em roda da casa.

Ai de mim! estou vendo que aquella doudinha já lá se foi em procura da maldita gruta. Pobresinha! tem o miolo tão fraco como o de uma creança de sete annos. Ora pois!... queira Deos não lhe tenha acontecido alguma... Lina! Lina!...

Vendo, emfim, que não estava ali por perto de casa, vae aos vizinhos mais proximos, per-

gunta, indaga minuciosamente, mas ninguem sabe dar noticias de Lina. Sáe a correr pelos campos, pelos rochedos, pelos capões, clamando sempre : Lina! Lina! Os vizinhos, condoidos e consternados, a ajudão naquella anciosa lida, mas tudo foi debalde : Lina parecia que tinha desapparecido da face da terra. Naquella angustiosa anciedade passou Gertrudes o resto do dia, até que, descendo a noite, a pobre mãe, desesperada e opprimida de cansaço, recolheo-se para a casa. A' noite, como é natural, ainda augmentou-se a sua afflicção, e passou-a velando e com o ouvido afiado á escuta de menor rumor. A qualquer barulho do vento, a qualquer bulicio das folhas em roda da casa, ella, de ouvido alerta, corria á porta, offegante e anciosa, cuidando ser sua filha que chegava. Coitada! a esse rapido lampejo de esperança succedia o mais triste desengano, como ao clarão do relampago succede o horror das trevas, em noite de tormenta.

Assim passou a noite, rezando a fazendo promessas a todos os santos do céo para que lhe restituissem sua filha. Ao primeiro albor do dia não se levantou não, que não se deitára, mas foi abrir a porta.

Seo pé esbarrou em um objecto que estava

justamente no meio da soleira da porta. Apanhou-o ; era uma bolsa cheia de ouro.

Contemplou-a, examinou-a por alguns instantes com ar de espanto e desconfiança ; depois atirou-a outra vez ao chão e benzeo-se.

— Cruzes! credo! Santa Maria Eterna!... murmurou a velha, benzendo-se de novo. Donde me virá este ouro? Eu antes queria achar minha filha do que quanto ouro ha neste mundo... Mas isto... continuou ella reflectindo, isto não póde deixar de ser ouro do inferno... E', de certo, da gruta maldita com que sonhou minha pobre filha. O dragão, de certo, roubou-a, e manda-me seo ouro para me consolar! maldito! quero minha filha!... e não teo ouro de maldição!... Mas... se do inferno veio, para o inferno ha de voltar.

Ditas estas palavras, apanhou de novo a bolsa, e sahio precipitadamente de casa, sem ao menos lembra-se de fechar a porta.

Havia como a uns mil passos da casinha de Gertrudes um grande e profundissimo buraco ou fojo, redondo e perpendicular, no meio de uma campina. A bocca, de cerca de tres braças de diametro, era orlada de um cômoro de pedras soltas, e emmaranhada de matagal bravio, onde se aninhavão bandos de morcegos e corujas, e servia de covil ás jararacas e boiciningas. Sua

profundidade ninguem ousára ainda sondar, pois todos tinhão medo de achegar-se muito áquelle medonho boqueirão, a que chamavão : Garganta do Inferno.

Contava-se uma infinidade de historias temerosas a respeito daquella tremenda caverna Dizião que, antigamente, no lugar onde hoje é a caverna, vivia, em um miseravel ranchinho, uma mulher muito velha e muito rica, de quem todos tinhão medo, pois era realmente uma bruxa. Em vertude de pacto que fez com o demonio, tomando fortuna com elle, em noite de sexta-feira santa, conseguio ajuntar muito ouro e obteve o dom de viver cinco idades de homem, comtanto que nunca deixasse de exercer malefícios e artes diabolicas. De feito ella existia desde tempo immemoriaes, e não faltava quem asseverasse que ella tinha mais de quinhentos annos. Mas, uma bella noite, velha e rancho soverteo-se debaixo da terra com pavoroso estrondo, e em lugar delle achou-se no outro dia aquella horrenda caverna.

Asseverão que, em certos dias, ouvião-se lá por baixo bramidos medonhos, uivos e gemidos espantosos, e que a terra estremecia em torno da caverna. As velhas, quando tinhão de passar por perto della, ião a toda pressa, benzendo-se e rezando o credo ; muitas dellas tinhão visto, com

seos proprios olhos, o diabo sahir de lá na figura de um dragão, no meio de uma fumaça afogueada. Os meninos não se atrevião a chegar perto, pois tinhão como certo que lá morava uma enorme serpente negra, com olhos de fogo.

Foi para esse lugar temeroso que se encaminhou Gertrudes, quando, a passos precipitados, sahio de casa com a bolsa na mão. A despeito do terror que lhe inspirava aquelle sitio, avizinhou-se quanto poude do horrivel boqueirão, e de mais longe que lhe foi possivel, arrojou a bolsa dentro da voragem.

— Toma, Satanaz, bradou ella, não quero o teo ouro ; guarda-o para ti e para os teos. Quero minha filha!... em nome de Deos e da Virgem Maria, restitue-me minha filha, e deixa-me em paz.

Fez o signal da cruz e voltou para a casa, ainda mais depressa do que tinha vindo, e sem nunca olhar para traz.

Quando chegou, encontrou Daniel que, tendo achado a casa aberta e vazia, esperava sua tia ao limiar da porta.

— Minha tia, bradou elle de longe mal avistou Gertrudes, minha tia!... que desgraça foi esta?... então que noticia me dá della?... que é feito da prima Lina?...

— Não sei, Daniel, não sei della, respondeo

a triste mãe arquejando de cansaço ; desgraçada de mim!... E atirou-se sobre um banco e desatou a chorar.

Daniel apenas soubera do desapparecimento de sua prima, noticia que, desde a vespera se derramára por todas aquellas immediações, correo á casa de sua tia para ajudal-a a procurar Lina, para consolal-a em suas afflicções, e valer-lhe no que pudesse.

— Tenha animo, minha tia : disse-lhe elle. O caso ainda não é para desesperar. Em vez de estarmos aqui a nos lastimar embalde, vamos procural-a ainda. Se a terra a não engolio, viva ou morta ella ha de apparecer por força.

— Assim Deos permitta!... mas é debalde : já não tenho esperança... está me parecendo que a infeliz... ah! Deos de misericordia! Virgem Santa!... tal não permittaes...

— Mas o que, minha tia?...

— Está me parecendo que o demonio a levou para... a Garganta do Inferno. O capeta ha muito tempo que a andava tentando e armando-lhe laços. Desgraçada! foi-se metter lá, direitinho, como sapo na bocca da cabra.

— Não acredite nisso, minha tia : então Lina estava doida?!...

— Doida, bem doida que ella andava : o cão maldito ja lhe tinha virado de todo o juizo. An-

dava pateteando por esses campos, em procura de uma maldita gruta de ouro, que, por artes do diabo, se lhe encasquetou nos miólos por tal fórma que não pensava em outra cousa. Não se está vendo, Daniel, que tudo isto não é senão armadilha do diabo?...

— Eu sei lá, minha tia ; tudo póde ser ; mas em todo caso não devemos perder tempo, nem desacoroçoar ainda. Vamos, minha tia, vamos ; toca a procurar.

Daniel empregou todas as diligencias possiveis para achar a pobre menina durante oito dias, sem o menor resultado. Não houve gróta, capão, valla, sarandy, furna, fojo, barroca, que não visitasse e esquadrinhasse com todo cuidado, uma legua em derredor. Onde quer que visse pairando os urubús, lá corria a vêr se ao menos encontrava o cadaver da misera. Tempo perdido!... por fim, desanimado, Daniel disse a Gertrudes :

- Ah! minha tia! minha tia!... niguem me tira da cabeça que alguem roubou sua filha... se eu pudesse saber quem é o infame roubador!... ás vezes quer me parecer que não é senão o filho do Guarda-mór, aquelle moço ricasso...

— O filho do Guarda-mór!... eu sei... mas não é possivel ; elle nunca vio Lina, e nem pára

ahi em suas lavras ; anda sempre lá por Villa-Rica.

— Então Lina derreteo-se ,minha tia?

Não sei, não sei, Daniel ; mas quanto mais penso, mais me persuado de uma cousa... é lá, é lá, que elle está.

Lá onde?

— Na Garganta do Inferno.

Daniel ficou abysmado em sua tristeza, e quasi que já acreditava que Lina, tinha com effeito, cahido na Garganta do Inferno.

No fim de oito dias Gertrudes, ao abrir a porta pela manhã, tornou a encontrar na soleira uma bolsa cheia de ouro, igual á primeira.

Dinheiro do inferno! exclamou benzendo-se : vae-te : não te quero, vae-te para donde vieste. E, apanhando o bolsa, correo como da primeira vez a arrojal-a na Garganta do Inferno.

Gertrudes, abandonando-se á dôr e ao desalento, já por fim nada fazia senão lastimar sua desgraça, e chorar a perda de sua filha. Já não trabalhava : ás forças lhe faltavão : o corpo alquebrado vergava ao peso dos soffrimentos da alma. Vendeo a pouca creação que tinha, e mais alguns objectos de que não tinha grande necessidade, para poder ir vivendo sem pedir esmolas até o termo de seos dias, que contava não estar

longe. Evitava a sociedade, e passava os dias, ora encerrada em casa, ora vagueando atôa pelos campos a resmungar e a fallar comsigo mesma.

— Lina! Lina! minha filha, tu procuravas o que não perdeste, e achaste; e eu que procuro o que perdi, nunca mais te hei de achar, minha filha!...

Esta a exclamação que fazia de continuo, com voz tão angustiada que cortava o coração. Os vizinhos e conhecidos, que a vião naquelle estado, a principio tentárão consolal-a e procurar alguma diversão a seos soffrimentos; mas vendo que erão baldados seus esforços, e reputando-a já em estado de loucura, força lhes foi abandonal-a ao seo isolamento e afflicção. Só o bom e dedicado Daniel nunca cessou de vir á casa della prestar-lhe soccorros e consolal-a do melhor modo que podia.

Assim passarão-se seis mezes, durante os quaes, de oito em oito dias, Gertrudes sempre, ao abrir a porta pela manhã, encontrava na soleira uma bolsa com uma somma avultada de ouro, e sempre lhe dava o mesmo destino: a Garganta do Inferno.

Nunca lhe foi possivel descobrir a mão mysteriosa que ali vinha depositar aquelle dinheiro. Gertrudes não se atrevia a espreitar aquelle

mysterio : tinha medo de encontrar o diabo em pessoa ; e tambem nunca quiz revelar aquelle segredo, nem mesmo a Daniel. Receiava com razão que se oppuzessem a que ella désse áquella bolsa o costumado destino, e não queria que ninguem se aproveitasse daquelle ouro maldito, o qual estava certa que era um presente de Satanaz.

CAPITULO V

O DESENCANTO

A casa do moço que roubára Lina, o qual era o proprio filho do Guarda-mór de quem Daniel fallára á sua tia, era n'um recanto, encostada á falda de uma collina, para o lado de Itacolumim, cerca de meia legua distante da casinha de Gertrudes. Ahi o opulento mancebo possuia riquissimas lavras que explorava com a avidez da ambição e a vigilancia do avaro. A entrada em suas terras era absolutamente vedada aos habitantes de Lavras-Novas, e bem se vê que a vontade do filho de um Guarda-mór, naquelles tempos, não podia deixar de ser restrictamente obedecida. Os escravos que trabalhavão nas minas, rigorosamente feitorisados, não podião ter relação alguma, nem de simples conversa, com os moradores do lugar, e tinhão ordem de agarrar e levar á presença do senhor qualquer estranho que encontrassem dentro de seos dominios.

A' pequena distancia das lavras e das senzalas dos negros estava a casa da residencia do moço. Como todas as construcções portuguezas daquelle tempo, nada offerecia de artistico e elegante: tinha as janellas guarnecidas de fortes balaustres, e tapadas de miudas gelosias ou rotulas que nunca se abrião, á maneira de um convento de freiras, o que lhe dava, no exterior, uma apparencia triste e sombria. Dentro, porém, havia todo o aceio, conforto e luxo que era possivel naquelle época e naquelle lugar. Por de traz da casa havia mesmo um pateo mui aceiado, povoado de aves domesticas, e um lindo jardim, mas rodeados de tão altos muros, que não em possivel vêl-os do lado de fóra.

Foi para aquella especie de claustro que o joven mineiro conduzio a simples e leviana Lina. Depois de introduzil-a e atravessar duas ou tres salas, abrio com uma grossa chave a porta de um gabinete particular, e disse sorrindo para Lina:

— Eis aqui a gruta de ouro que andavas procurando, minha linda menina; eu sou o principe encantando com quem sonhaste. O condão do meo encantamento ali está.

Dizendo isto, o moço apontava para uma grande mesa que estava no meio do gabinete, e em cima da qual brilhavão uma multidão

de barras de ouro purissimo, folhetas reluzentes, pilhas de moedas, e enormes cartuchos de pó de ouro.

— Tudo isto é teo, menina, continuou o moço; serás a fada desta gruta, e ninguem poderá quebrar o condão de nosso encanto, porque é de ouro.

Lina corou, abaixou os olhos, suspirou, e nada respondeu...

Um dia se passou, e o orvalho da pureza tinha-se seccado no seio daquella linda e singela flôr do campo. Cumpre todavia observar, em abono dos sentimentos de Lina, que ella se rendeo enlevada mais pela gentileza e maneiras sedutoras do mancebo, do que pela fascinação que, por ventura, nella produzio a vista de seos magnificos thesouros. Desde que o vio, começou a amal-o, e talvez mesmo o amava antes de vêl-o, pois era o retrato do principe com quem sonhára e que tão gravado lhe andava na phantasia. A affeição della por seo primo Daniel, affeição infantil e fraternal, estava longe de tomar as proporções de uma paixão, e nem lhe passou pelo pensamento que essa affeição pudesse servir de estorvo moral ao seo amor pelo mancebo. Amava pela primeira vez, e com toda a exaltação e energia de uma mocinha dotada de imaginação ardente e de profunda e viva sen-

sibilidade. Seo coração de creança acordava como por encanto do somno da innocencia, nos braços de uma paixão exaltada e fogosa. Seo sonho de ouro se havia transformado em delirio de amor.

Lina, embriagada pelas caricias do amante que a cercava de adoração, reduzida pelas delicias de um luxo para ella extraordinario e deslumbrante, nos primeiros dias quasi esqueceo-se de sua pobre mãe, que tão cruelmente havia abandonado.

Passados porém alguns dias, teve saudade della e sentio o remorso picar-lhe o coração; declarou ao mancebo que queria ir ver sua mãe.

— Mais tarde, minha querida, respondeo-lhe elle. Tua mãe deve estar muito enfadada comtigo: não te disse ella que não apparecesses mais em sua presença, se uma vez sahisses?... deixa que se aplaque o seo resentimento; d'aqui a uns dias eu mesmo te levarei.

A moça esperou resignada ainda muitos dias; mas seo amante esquecido nem tocava em tal negocio. Vendo o seo silencio, ella insistio:

— Quero vêr minha mãe, dizia ella, embora ella ralhe, embora me espanque, e me amaldiçõe mesmo; quero vêr minha pobre mãe.

— Ella não te deixará voltar, minha querida Lina, redarguia o joven; e posso eu por ventura passar sem ti? tu não pódes ter cuidado de

tua mãe, pois bem sabes que todos os oito dias lhe mando uma somma dez vezes mais do que seria preciso para pôl-a a coberta de necessidades, sem que ella saiba donde lhe vem o donativo.

— Oh! se ella soubesse... nem que lhe déssem todo o ouro do mundo, ella o rejeitava, e com raiva, como se tivesse recebido uma desfeita. Pobre mãe!... Permitta Deos que ella nunca o saiba.

— Consola-te, e tranquillisa-te, minha amiga; ella nunca o poderá saber.

— Mas então, nunca mais devo vêl-a?... por piedade, pelo nosso amor, deixa-me ir abraçal-a; não me demorarei muito; ella morrerá de saudade se não me enxergar mais.

— Não te inquietes, minha querida; has de vêr tua mãe, eu te prometto; na has de vêl-a de rosto erguido, e a fronte serena. Para esse fim é preciso legitimar o nosso amor, casando-nos; é isso o que pretendo fazer, minha adorada Lina.

Um sorriso de ineffavel felicidade brilhou nos labios da menina; sem dizer palavra atirou-se nos braços do mancebo, o cobrio de beijos e chorou de prazer.

— Mas... disse Lina, passada aquella doce

emoção, quando será isso? porque não pode ser já?...

Porque por ora meo pae não quer consentir: quer que me case com alguma rica e illustre fidalga, como se eu não tivesse riqueza e fidalguia bastante para repartir com a escolhida de meo coração.

— Oh! como és bom para mim, exclamou Lina, apertando-o de novo nos braços: mas teo pae?... como te arranjaras com elle?... tenho medo que nunca queira consentir...

— Deixa por minha conta, menina: eu saberei vencel-o: mas é preciso que tenhas paciencia e esperes ainda.

— Pois bem! esperarei, disse a menina pulando de contentamento e de esperança com a promessa do mancebo, promessa que, naquelle momento, talvez fosse sincera: mas a paixão no coração dos moços, mormente quando são fidalgos e ricos, é como uma lampada exposta a todos os ventos.

O joven fidalgo, durante os quarto primeiros mezes, foi o amante mais terno, mais carinhoso, mais assiduo aos pés de sua bella. Mas, do quarto mez em diante, começou a esfriar gradualmente, a escassear suas caricias, e a fazer repetidas ausencias para Villa-Rica. Lina o percebeo e, cheio de susto e inquietação, queixou-se

a seo amante, exprobrando-lhe brandamente o resfriamento de sua ternura. Mas, para desvanecer as suas suspeitas, forão bastantes algumas desculpas mais ou menos criveis. Lina tranquillisou-se um pouco ; mas o comportamento de seo amante continuou na mesma, ou cada vez mais frio.

Lina, que tinha admiravel instinctivo e intelligencia das mais perspicazes, comprehendeo que já não era mais amada, e esta convicção foi um golpe de morte para aquella organisação em extremo sensivel e irritavel. Vio que estavam irremediavelmente despedaçadas suas esperanças, e que só lhe restava, no futuro, o mais amargo e ignominioso infortunio. Um dia, pois, disse resolutamente ao mancebo :

— Meo senhor, vejo que já não me quer bem, já o estou enfadando ; é escusado querer disfarçal-o... Desgraçada de mim ! tenho toda a certeza... mas eu mesmo sou culpada... não me queixo do senhor... fui uma louca... uma filha de maldição !... Deixe-me ; quero ir para a casa de minha mãe... se ella não me quizer, o mundo é grande ; e se não achar onde viva, não me faltará onde caia morta...

Fallando assim, com a voz entrecortada de soluços, pallida e convulsa, Lina fazia supremos

esforços para conter as lagrimas de indignação e angustia que estavão prestes a rebentar.

O mancebo a principio quiz ainda conserval-a na illusão, e tentou balbuciar algumas desculpas; mas vendo a attitude firme e a resolução inabalavel da moça, mudou de tom, e disse-lhe:

— Lina, já que assim me fallas, não devo nem posso por mais tempo encobrir-te a verdade. Meu pae não quer por fórma nenhuma consentir em nosso casamento. Não ha razões, instancias, nem supplicas, que o possão vergar. Mas, ah! minha querida Lina, ainda isto não é tudo; quer, exige por força que me case com uma outra moça que escolheo para mim, e se eu o não fizer, ameaça-me de me deixar sem um real, pois saberás agora que nada disto me pertence, é tudo delle, embora eu tudo administre em meo nome. Ainda não tenho vinte annos completos; os meos bens, por ora, e mesmo a minha pessoa estão debaixo de seo poder. Eis ahi porque me tens visto assim triste e reservado para comtigo. Perdôa-me; não sabes quanto doe-me este golpe; mas desgraçadamente não ha meio de desvial-o: não ha remedio senão resignarmo-nos. Mas, Lina, ao menos não consentirei que soffras os vexamos da miseria. Toma, Lina; recebe este ultimo dom do meo

affecto e meo amor. Recebe ; é o ultimo favor que te peço.

Dizendo isto abrio um armario, tirou delle uma grande e recheada bolsa, e collocou-a sobre a mesa, junto á qual Lina se achava sentada. Lina levantou-se pallida e tremula, sopesou a bolsa, que mal podia suspender, e atirou-a aos pés do mancebo.

— Nem todo o ouro do mundo, senhor, é capaz de pagar a minha felicidade e a minha innocencia para sempre perdidas! exclamou Lina com voz suffocada de raiva, de despeito e de vergonha. Ah! meo Deos! meo Deos! além de me atraiçoar, ainda me vem desfeitear!... ó minha mãe, minha pobre mãe!... estou pagando a ingratidão que te fiz!... filha amaldiçoada que eu sou!...

Debruçou-se sobre a mesa e, occultando o rosto entre os braços, desatou n'uma torrente de lagrimas e soluços. Mas não durou muito esse pranto ; Lina tinha a alma altiva, orgulhosa e vingativa, e estes sentimentos, que agora pela primeira vez nella se revelavão, fizerão explosão com terrivel violencia.

Apenas estancou-se a torrente das lagrimas, o moço, condoido de sua angustia, lançou-se aos pés della, dando ainda desculpas e pedindo perdão. Em vez de escutal-o, Lina reflectia. Procu-

rou acalmar-se, fingio ouvil-o com attenção, e, pouco a pouco, foi-se mostrando mais conformada com a sua sorte.

— Pensa em minha posição, continou o moço com voz meiga, e estou certo de que me perdoarás. Consola-te, minha querida; tudo neste mundo se remedeia; eu nunca te abandonarei, nem a ti nem a tua mãe; és muito linda e muito menina, ainda pódes ser muito feliz. Hoje me é preciso ir a Villa-Rica; amanhã cedo estarei de volta, e eu mesmo quero levar-te á tua mãe, e pedir-lhe perdão para mim e para ti.

O mancebo não conhecia Gertrudes, e pensava que era uma dessas almas, como ha tantas, que, vendo luzir o ouro, estão promptas a perdoar todos os ultrajes.

CAPITULO VI

VINGANÇA

Depois que o joven fidalgo partio, Lina ficou pensando, não em perdoar-lhe mas em tomar delle a mais cabal e mais cruel vingança por tamanha aleivosia e tão desapiedado abandono. Dotada de paixões energicas, suas resoluções erão promptas e decisivas. Queria vingar-se e depois morrer. Tão cruelmente abandonada por seo amante, pelo principe de suas visões por quem estava sacrificando sua infeliz mãe com cuja maldição contava, não queria mais viver neste mundo. Depois de estar pensativa por algum tempo, immovel e com a mão na testa, ergueo subitamente a cabeça com os olhos radiantes e como inspirada de uma feliz idéa.

Levantou-se anciosa e offegante, dirigio-se á alcova de dormir, e abrio a gaveta de um movel.

— Bravo! bravo! exclamou com um riso de

satanica alegria, bravo!... deixou a chave!... estou vingada!...

O moço que ha tempos andava perdido de amores por uma nobre e formosa donzella de Villa-Rica, pela qual ia se esquecendo de Lina, e com quem em breve pretendia se casar, nem pensou no grave perigo que corria, deixando tão imprudentemente a chave de seos thesouros em poder de uma rapariga a quem acabava de trahir e ultrajar de modo tão atroz. Tambem elle só conhecia Lina, quando amante feliz e adorada, sempre meiga, singela, inoffensiva, e incapaz até de pensar no mal; e estava longe de suspeitar a que excessos era capaz de arrojar-se aquella simples e timida creatura, levada pela força da paixão e o resentimento. Nem elle, nem pessoa alguma, nem ella, a propria Lina, conhecia ainda a tempera inflexivel de sua alma.

Lina nunca teve grande vontade de sahir daquella casa onde tinha achado tanto amor e felicidade, senão para vêr sua mãe.

Ali cercada das caricias incessantes de seo amante, embalada por suas promessas, deixava ir correndo o tempo na doce esperança de vêl-a um dia sem corar e sem temer a sua maldição.

Agora, porém, que pela primeira vez tentou sahir, é que conheceo a rigorosa reclusão em que se achava. Quando foi pedir á unica escrava,

que a servia naquella casa, a chave da porta da sahida, a escrava recusou-lh'a, declarando que tinha ordem terminante de a não deixar sahir a hora nenhuma da noite nem do dia. Em vão Lina protestou que só queria ir vêr sua mãe, que voltaria nessa mesma noite; em vão esgottou supplicas e promessas, e lhe fez luzir aos olhos bonitas e graúdas moedas. A escrava foi inexoravel.

Lina não desanimou... mas como haver-se para pôr em pratica o plano que tinha concebido?... As paredes erão grossas e de pedra e cal até o tecto as janellas erão guarnecidas todas de fórtes balaustres. Mas Lina era viva e subtil como uma sylphide. Como uma sombra invisivel e impalpavel, ella acompanhou todos os passos da negra até que se acommodasse, sem que a negra o percebesse. Vio onde guardava a chave, e quando a negra adormeceo, robou-a subtilmente. Vencida esta primeira e principal difficuldade, foi abrir com toda a precaução o gabinete em que se achavão os thesouros do mancebo e, pegando nelles, os foi lançando para fóra aos punhados por entre os balaustres de uma das janellas da frente, até que não ficasse nem uma oitava de ouro. O mesmo fez com todos os objectos e vasos de ouro que achou na casa.

Depois abrio de manso e cautelosamente a porta exterior e sahio.

A Garganta do Inferno ficava a meio caminho entre as lavras do mancebo e a casa de Gertrudes, cerca de um quarto de legua de umas e de outra. Erão nove para dez horas da noite; a escrava dormia profundamente. Do ouro que tinha despejado pela janella, Lina agarrou a maior porção que podia carregar, e correo com elle para a Garganta do Inferno, e arrojou tudo no fogo maldito. As corujas e morcegos, batendo as azas espantados, esvoaçarão pelo matagal, a boicininga sacudio o seo chocalho, e um mugido medonho reboou nas profundidades da sinistra caverna.

- Vae-te, ouro amaldiçoado! exclamou Lina ao atirar no buraco o ouro de seo amante. Vae-te para o inferno donde vieste para minha perdição e de minha mãe!

Voltou de novo á casa do mancebo, e nova porção de ouro carregou e atirou no buraco maldito. Assim continuou a fazer em repetidas viagens, e não descançou um segundo emquanto não vio sumir-se na horrenda voragem até o ultimo grão de ouro. Por fim arrancou brincos, pulseiras, anneis e collares de ouro que trazia em si, e depois de arrojar tudo ao fojo, pallida,

desalinhada, arquejante de cansaço, assentou-se sobre uma pedra exclamando :

— Estou vingada!

Assim todo aquelle ouro que robustos braços, com insano trabalho, gastarão annos a extrahir das entranhas da terra, em duas ou tres horas uma fragil moça sepultou-o outra vez no seio della.

Quando Lina terminou sua horrivel tarefa, era meia-noite. Nessa hora o seo seductor, em um salão de baile, descuidoso e ébrio de prazer, beijava a mão de sua futura esposa, dizendo-lhe os mais ternos galanteiros e affagando na mente mil projectos de amor e de ventura.

CAPITULO VII

A ULTIMA NOITE

Estenuada e reduzida a ultima prostação de corpo e de alma, Gertrudes, a essa hora, debruçada sobre seo pobre leito, rezava ou antes delirava á luz de uma candeia. Era a noite ao alvorecer da qual tinha de encontrar ao limiar a infallivel bolça de ouro.

Nessa noite tinha visões terriveis, e mais do que nas outras pungião-lhe as amarguras do coração.

Já passava de meia-noite. O vento em lugubres lufadas nivava em torno da casa; a coruja *corta-mortalha*, esvoaçando por cima do telhado, fez ouvir tres vezes o seo guincho estridente como de um panno que se rasga; o gallo tres vezes bateo azas e não cantou. Terriveis agouros! A pobre velha estava tranzida de angustias e de pavor. Subito ouve bater de leve á porta; a velha

estremeceo, mas, em vez de ir abrir, encolheo-se toda no canto da cama a benzer-se e a rezar.

— De certo pensou ella, é o demonio, que desta vez quer me entregar em mão propria o seo ouro maldito. Virgem Santa, valei-me!

D'ahi a alguns instantes ouve bater de novo, e uma vóz meiga, mas arquejante e repassada de angustia, exclamou de fóra.

Minha mãe!... minha mãe!... abra a porta.

Minha filha! bradou Gertrudes, e, despenhando-se da cama, correo cambaleando como uma ebria a abrir a porta.

Mal esta se abrio :

— Minha mãe!... clamou Lina, e precipitou-se com os braços abertos para Gertrudes...

Por longo tempo estiverão nos braços uma de outra a chorar e a soluçar. Depois de chorar muito, Lina desenlaçou-se dos braços de sua mãe, poz-lhe as mãos sobre os hombros, e fitou por alguns instantes aquelle rosto macilento e desfigurado á fraca luz da candeia.

Pobre de minha mãe, coitada! como está magra e desfeita! tudo isso por culpa minha!... filha má, filha de maldição, que eu sou!...

Dizendo isto, Lina arrojou-se de joelhos aos pés de sua mãe, soltando de novo o dique ás lagrimas e exclamando :

— Perdão, minha mãe! perdão para sua desgraçada filha!

Gertrudes levantou-a, beijou-a na fronte, e inundou-a de lagrimas.

— Estou perdoada, não estou, minha mãe?

— Sim, minha filha; perdoada, mil vezes perdoada. Assim Deos e a Virgem te perdoem. Mas, conta-me, minha filha, que andaste fazendo tanto tempo longe de tua mãe? que demonio tentou-te para assim me fugires?...

— Ah! minha mãe!... foi a gruta... aquella maldita gruta de ouro!... achei-a para minha desgraça. Mas a gruta de ouro é a porta do inferno, minha mãe.

— Santo Deos!... não te dizia eu, minha filha!... em que perigo andaste, coitadinha! Mas, Deos louvado!... estás livre das garras de Satanaz, e nunca mais sahirás de perto de tua mãe, não é assim, minha Lina?...

Lina não respondeo; estava distrahida, percorrendo com os olhos todos os cantos da casa.

— Minha mãe, que é isto?... exclamou ella. Quanta miseria! ainda a vejo em maior pobreza do que quando daqui sahi!

— Pois minha filha, eu sósinha, velha e doente, que podia fazer? vendi o melhor que tinha, para poder passar os poucos dias cançados que ainda me restão.

— Mas, minha mãe, todos os oito dias não lhe apparecia uma bolsa cheia de ouro, que lhe mandavão lá da... gruta do inferno?...

Virgem Santa!... era de lá mesmo que me vinha esse ouro!? bem me adivinhava o coração!... minha filha, esse ouro amaldiçoado minhas mãos não o tocávão; voltou inteirinho para lá — Gertrudes apontava para a Garganta do Inferno — para o lugar donde veio...

— Para onde, minha mãe?...

— Para o inferno!

— Ah! meo Deos!... pobre mãe desgraçada!... e eu lá, no meio do ouro e do prazer, esqueci-me della, e a deixei sósinha, morrendo de miseria e de pezar. Oh! eu sou maldita!...

— Não, minha filha; eu já te perdoei e abençoei...

— Não mereço mais benção, nem perdão... sou do inferno; sou de Satanaz...

— Não falles assim, filha; grande é a misericordia de Deos. De ora em diante ficarás sempre ao pé de mim, até que cerres meos olhos quando vier o somno da morte, que não tardará muito.

— Não, minha mãe; não posso. Esperão-me na gruta... eu sou de lá; a ella pertenço em corpo e alma. Antes que o dia aponte, eu devo me achar lá. Adeos, minha mãe!

— Pois tem animo de deixar-me ainda, minha filha?

— Eu não sou digna de ser mais sua filha. . ah! minha mãe!... perdoe-me... não está em mim... sou arrastada... adeos, minha mãe, adeos!...

— Onde vaes, filha?...

— Para a gruta maldita.

E assim dizendo foi sahindo pela porta a fóra, com passos convulsos e os olhos desvairados como uma possessa.

— Ai de mim! exclamou a pobre mãe na maior consternação; o demonio está no corpo de minha filha, não ha a menor duvida. Ah! meo Deos! não haver aqui um padre!... Espera, Lina, espera; eu tambem vou... ainda que vás para o inferno, Deos me perdoe, eu hei de te acompanhar.

— Não venha, minha mãe; não venha...

— Ou has de ficar commigo, ou hei de acompanhar-te onde quer que fores.

— Pois vamos; já que por força o quer, vamos, minha mãe.

E sahirão ambas.

Lina, que estava ainda em todo seo vigor, enlançava o braço em volta da cintura de sua mãe, e lhe sustinha os passos vacilantes. A noite até então escurissima, começava a clarear um pouco. Um escasso luar rasgava as nuvens car-

regadas que cobrião o céo, e allumiava apenas o estreito trilho por onde seguião aquellas duas infelizes mulheres, cambaleando e tropeçando como duas filhas do lupanar ao sahirem de uma orgia.

— Mas para onde vamos, minha filha? perguntou Gertrudes com sorpreza, apenas tinhão andado algumas centenas de passos.

— Para a gruta de ouro, minha mãe: já não lhe disse?...

E continuavão a caminhar silenciosamente.

Algumas centenas de passos mais adiante Gertrudes perguntou, cada vez mais sorprehendida:

Para onde me levas, Lina?... este é o caminho da Garganta do Inferno!...

— E' para lá mesmo que vamos, minha mãe. Lá está ella, a gruta do ouro!...

— Estás doida, minha filha! ali é a guela do inferno. Fujamos, fujamos d'aqui.

— Vamos, minha mãe; é para lá que eu tenho de ir sem remedio.

Gertrudes atonita e aterrada ia-se deixando conduzir quasi automaticamente por sua filha.

Chegadas emfim á borda do fojo sinistro, Lina estendeo o braço apontando para elle, e disse:

— Olha, minha mãe, é aqui. Esta é hoje a minha gruta de ouro. Aqui sepultei ainda agora todo o ouro que havia na outra gruta. Esse ouro

foi causa da minha perdição e da tua, minha pobre mãe. Aqui tambem devo ficar sepultada com elle.

— Que estás dizendo, filha!... aqui!... aqui!... foi aqui tambem que atirei todo o ouro que vinha de tua maldita gruta. Ainda bem que para lá se foi todo esse ouro; era ouro do demonio, voltou para seo dono. Fujamos, Lina, fujamos d'aqui, antes que elle nos carregue para esse buraco.

— Vae, minha mãe, vae embora. Eu, triste de mim! ainda que queira, não posso arredar pé d'aqui. E' a gruta do meu primeiro sonho... Olha... olha, minha mãe... lá está a serpente de fogo.

Dizendo isto, Lina, pendida sobre o abysmo, com os braços estendidos para elle, tinha os olhos estatelados, e todo o corpo lhe tremia convulsivamente como caniço açoitado de rija ventania. O delirio lhe escaldava o cerebro.

Gertrudes, assustada, procurou agarral-a: mas Lina não lhe deo tempo. Sem arredar os pés do lugar em que os tinha, sempre com os braços estendidos, voltou-se para sua mãe:

— Adeos, minha mãe! disse com voz surda, e arrojou-se no abysmo.

Gertrudes soltou um grito horroroso, deo duas passadas vacillantes, e, com os braços estendidos,

achou-se na mesma posição e attitude em que um momento antes se achava sua filha. Queria arrojar-se tambem, mas um horror invencivel a detinha : parecia que duas forças a empuxavão em sentido contrario, e a conservavão suspensa á borda do abysmo.

De subito uma mão vigorosa agarrando-a por detrás, arrancou-a daquelle lugar tremendo, e a foi levando nos braços. Mas para logo, esse que a salvou e a ia conduzindo, notou que aquelle corpo ainda agora tão rijo, aquelles membros hirtos e tendidos desfallecião e pendião, frouxos, para a terra.

Reparou com mais attenção, e vio que não tinha nos braços mais que um cadaver.

CONCLUSÃO

Daniel, que apezar do malogro de todos os esforços que empregéra para achar Lina, ainda não tinha de todo perdido as esperanças, na noite em que succedeu a catastrophe que acabámos de narrar, andava rondando, como era seo costume, pelos campos de Lavras-Novas, a vêr se o acaso ou a misericordia divina lhe deparava algum indicio pelo qual viesse ao conhecimento do fim que levára sua infeliz prima. Nunca se desvanecêra de todo a desconfiança que conhebêra de ter sido ella raptada pelo filho do Guarda-mór; por isso era quasi sempre para as immediações das lavras deste que dirigia as suas excursões nocturnas.

Nessa noite fatal, elle avistou de longe, á luz do frouxo luar que então havia, aquelles dous vultos de mulher, como dous espectros, approximando-se da Garganta do Inferno. O coração lhe

estremeceo alvoroçado; teve o presentimento de uma grande desgraça; correo para ellas; mas o desgraçado apenas chegou a tempo de presenciar o fim funesto de ambas.

Todavia, emquanto rompia os espinhos e o matagal do lado por onde chegava, teve tempo de ouvir as ultimas palavras de Lina e de sua mãe.

Essas palavras, um pouco obscuras e mysteriosas, se explicarão depois perfeitamente no espirito de Daniel, quando, no dia seguinte, se propalou por todas aquellas immediações o facto espantoso do desapparecimento de Lina, com todos os thesouros do filho do Guarda-mór. Divulgando porém o fim tragico das duas infelizes mulheres, guardou para si o segredo do destino que tiverão as riquezas do joven mineiro. Assombrando com o que presenciara, acabava tambem de capacitar-se de que aquella caverna era verdadeiramente a bocca do Inferno.

E' facil conceber qual seria a desesperação do filho do Guarda-mór, quando, ao chegar de Villa-Rica, soube do desapparecimento de Lina com todos os seos thesouros. Ordenou devassas as mais minuciosas, inquirio todos os habitantes, fez promessas esplendidas e ameaças terriveis, deo buscas rigorosas em todas as casas em uma

legua em derredor, e nada conseguio. Milagre!... castigo de Deos! murmurava o povo espantado com tal acontecimento. Quando o infeliz mancebo, depois de ter esgottado todos os meios possiveis sem o menor resultado, sem descubrir o menor indicio que o pudesse orientar na descoberta de seos thesouros, perdeo toda esperança, desatinou-se, e a razão o abandonou de todo. Chamou os escravos e mandou entulhar a bocca de todas as minas. Voltou á casa sósinho, e atacou fogo a todos os edificios de seo rico estabelecimento. Depois, com os cabellos hirtos, os vestides em desordem, com os olhos desvairados e a physionomia de um possesso, sahio a correr pelo campo a fóra, até que, de proposito ou por acaso, achou-se perto da caverna fatal, chamada Garganta do Inferno. Ali, sempre em carreira disparada, foi girando, girando em redor della, cada vez se avizinhando mais, como se fosse arrebatado por um redemoinho, até que desappareceo no medonho boqueirão.

O povo acreditou que o demonio o tinha carregado.

Se os habitantes de Lavras-Novas olhavão com horror para aquella furna fatal, depois dos tristes acontecimentos que acabámos de narrar ainda maior horror lhe crearão. Daniel, sciente de tudo, e assombrado com o que tinha visto,

foi a Marianna dar parte ao bispo dos horriveis mysterios daquella caverna, que era causa de tremendas desgraças naquelle lugar. Nessa caverna, — asseverava Daniel — morava o diabo em pessoa, e por isso vinha pedir ao santo prelado algum auxilio para afugentar d'ali o cão maldito que parecia querer arrastar para os infernos todos os habitantes de Lavras-Novas.

O bispo mandou lá um padre que, com preces, exorcismos, e agua benta, conseguio enxotar o diabo, e exhortou ao povo que, a todo custo, entupisse aquelle buraco maldito, e fizesse todos os esforços para que naquelle lugar de dôres se erigisse um templo a Nossa Senhora dos Prazeres.

O povo pôz mãos á obra com ardor. A principio deitarão dentro do fojo todas as pedras que lhe ficavão á beira.

Despejárão depois, além de carradas e caldadas de pedra, toda a qualidade de entulho, durante quinze dias. Desde a manhã até a noite vião-se homens, mulheres e creanças, que vinhão de todos os lados lançar no medonho sorvedouro, um uma pedra, outro um páo, outro uma gaméla de terra, ou um jacá de cisco, até que o buraco ficou de todo entulhado.

Daniel mandou cobrir o entulho com uma

lagem, na qual lavrou toscamente a picão a lettra S, e cobrio-a de terra.

Cremos que quer dizer : SEGREDO.

Quem o descobrirá?...

FIM DA GARGANTA DO INFERNO.

A DANSA DOS OSSOS

A DANSA DOS OSSOS

I

A noite, limpida e calma, tinha succedido a a uma tarde de pavorosa tormenta, nas profundas e vastas florestas que bordão as margens do Parnahyba, nos limites entre as provincias de Minas e de Goyaz.

Eu viajava por esses lugares, e acabava de chegar ao porto, ou recebedoria, que ha entre as duas provincias. Antes de entrar na matta, a tempestade tinha-me sorprehendido nas vastas e risonhas campinhas que se estendem até a pequena cidade de Catalão, donde eu havia partido.

Serião nove a dez horas da noite ; junto a um fogo acceso defronte da porta da pequena casa da recebedoria, estava eu, com mais algumas pessoas, aquecendo os membros resfriados pelo terrivel banho que a meu pezar tomara. A

alguns passos de nós se desdobrava o largo veio do rio, reflectindo em uma chispa retorcida, como uma serpente de fogo, o clarão avermelhado da fogueira. Por tráz de nós estavão os cercados e as casinhas dos poucos habitantes desse lugar, e, por trás dessas casinhas, estendião-se as florestas sem fim.

No meio do silencio geral e profundo sobresahia o rugido monotono de uma cachoeira proxima, que ora estrugia como se estivesse a alguns passos de distancia, ora quasi se esvaecia em abafados murmurios, conforme o correr da viração.

No sertão, ao cahir da noite, todos tratão, de dormir, como os passarinhos. As trevas e o silencio são sagrados ao somno, que é o silencio da alma.

Só o homem nas grandes cidades, o tigre nas florestas, o mocho nas ruinas, as estrellas no céo, e o genio na solidão do gabinete, costumão velar nessas horas que a natureza consagra ao repouso.

Entretanto, eu e meos companheiros, sem pertencermos a nenhuma dessas classes, por uma excepção de regra estavamos accordados a essas horas.

Meos companheiros erão bons e robustos caboclos, dessa raça semi-selvatica e nomade, de

origem dubia entre o indigena e o africano, que vaguêa pelas infindas florestas que correm ao longo do Parnahyba, e cujos nomes, de certo, não se achão inscriptos nos assentos das freguezias, e nem figurão nas estatisticas que dão ao imperio... não sei quantos milhões de habitantes.

O mais velho delles, de nome Cyrino, era o mestre da barca que dava passagem aos viandantes.

De bom grado eu o compararia a Charonte, barqueiro do Averno, se as ondas turbulentas e ruidosas do Parnahyba, que vão quebrando o silencio dessas risonhas solidões cobertas da mais vigorosa e luxuriante vegetação, pudessem ser comparadas ás aguas silenciosas e lethargicas do Acheronte.

— Meu amo, de certo, sahio hoje muito tarde da cidade, perguntou-me elle.

— Não, era apenas meio-dia. O que me atrazou foi o aguaceiro, que me pilhou em caminho. A chuva era tanta e tão forte o vento que meu cavallo quasi não podia andar. Se não fosse isso, ao pôr do sol eu estava aqui.

— Então, quando entrou na matta, já era noite?...

— Oh, se era!... já tinha anoitecido havia mais de uma hora.

— E Vm. não viu ahi, no caminho, nada que o incommodasse?...

— Nada, Cyrino, a não ser ás vezes o máo caminho, e o frio, pois eu vinha ensopado da cabeça até os pés.

— Devéras, não viu nada, nada? é o primeiro!... pois hoje que dia é?...

— Hoje é sabbado.

— Sabbado!... que me diz? e eu, na mente que hoje era sexta-feira!... oh! senhorinha!... eu tinha precisão de ir hoje ao campo buscar umas linhas que encommendei para meos anzóes, e não fui, porque esta minha gentinha de casa me disse que hoje era sexta-feira... e esta!... e hoje, com esta chuva, era dia de pegar muito peixe... Oh! senhorinha!... gritou o velho com mais força.

A este grito appareceu, sahindo de um casebre vizinho, uma menina de oito a dez annos, fusca e bronzeada, quasi nua, bocejando e esfregando os olhos; mas que mostrava ser uma creaturinha esperta e viva como uma capivara.

— Então, senhorinha, como é que tu vaes-me dizer que hoje era sexta-feira?... ah! cachorrinha! deixa-te estar, que amanhã tu me pagas... então hoje que dia é?...

— Eu tambem não sei, papae, foi a mamãe que me mandou que fallasse que hoje era sexta...

— E' o que tua mãe sabe-te ensinar: é a mentir!... deixa, que vocês outra vez não me enganão mais. Sáe d'aqui: vae-te embora dormir, velhaquinha!

Depois que a menina, assim enxotada, se retirou, lançando um olhar cobiçoso sobre umas espigas de milho verde que os caboclos estavão a assar, o velho continuou:

— Veja o que são artes de mulher! a minha velha é muito ciumenta, e inventa todos os modos de não me deixar um passo fóra d'aqui. Agora não me resta um só anzol com linha, o ultimo lá se foi esta noite na bocca de um dourado; e, por culpa dessa gente, não tenho maneiras de ir matar um peixe para meu amo almoçar amanhã!...

— Não te dê isso cuidado, Cyrino; mas conta-me que te importava que hoje fosse sexta ou sabbado, para ires ao campo buscar as tuas linhas?...

— O que!... meu amo? eu atravessar o caminho dessa matta em dia de sexta-feira?!... é mais facil eu descer por esse rio abaixo em uma canôa sem remo!... não era atôa que eu estava perguntando se não lhe aconteceu nada no caminho.

— Mas que ha nesse caminho?... conta-me, eu não vi nada.

— E nem podia vêr : o que lhe valeo foi não ser hoje sexta-feira, senão havia de vêr como eu vi...

— Mas vêr o que, Cyrino?...

— Vm. não vio, d'aquì a obra de tres quartos de legua, á mão direita de quem vem, um meio claro na beirada do caminho, e uma cova meio aberta com uma cruz de páo?

— Não reparei : mas sei que ha por ahi uma sepultura de que se contão muitas historias.

— Pois muito bem! ahi nessa cova é que foi enterrado o defunto Joaquim Paulista. Mas é a alma delle só que mora ahi : o corpo mesmo, esse anda espatifado ahi por essas mattas, que ninguem mais sabe delle.

— Ora valha-te Deos, Cyrino! não te posso entender. Até aqui eu acreditava que, quando se morre, o corpo vae para a sepultura, e a alma para o céo, ou para o inferno, conforme as suas boas ou más obras. Mas, com o teu defunto, vejo agora, pela primeira vez, que se trocarão os papeis : a alma fica enterrada, e o corpo vae passear.

— Vm. não quer acreditar!... pois é cousa sahida aqui, em toda esta redondeza, que os ossos de Joaquim Paulista não estão dentro dessa cova, e que só vão lá nas sextas-feiras para

assombrar os viventes; e desgraçado daquelle que passar ahi em noite de sexta-feira!...

— Que acontece?...

— Acontece o que já me aconteceu, como vou lhe contar.

II

Um dia, ha de haver cousa de dez annos, eu tinha ido ao campo, á casa de um meu compadre que mora d'aqui a tres leguas.

Era uma sexta-feira, ainda me lembro, como se fosse hoje.

Quando montei no meu burro para vir-me embora, já o sol estava baixinho ; quando cheguei na matta, já estava escuro ; fazia um luar manhoso, que ainda atrapalhava mais a vista da gente.

Já eu ia entrando na matta, quando me lembrei que era sexta-feira. Meu coração deu uma pancada e a modo que estava me pedindo que não fosse para diante. Mas fiquei com vergonha de voltar. Pois um homem, já de idade como eu, que desde criança estou acostumado a varar por esses mattos a toda hora do dia ou da noite, hei-de agora ter medo? de que?

Encommendei-me de todo o coração á Nossa

Senhora da Abbadia, tomei um bom trago na guampa que trazia sortida na garupa, joguei uma masca de fumo na bocca, e toquei o burro para diante. Fui andando, mas sempre scismado ; todas as historias que eu tinha ouvido contar da cova de Joaquim Paulista, estavão-se me representando na idéa : e ainda, por meus peccados, o diabo do burro não sei o que tinha nas tripas, que estava a refugar e a passarinhar n'uma toada.

Mas, a poder de esporas, sempre vim varando. A' proporção que ia chegando perto do lugar onde está a sepultura, meu coração ia ficando pequenino. Tomei mais um trago, rezei o breio em Deos Padre, e toquei para diante. No momento mesmo em que eu ia passar pela sepultura, que eu queria passar de galope e voando se fôsse possivel, ahi é que o diabo do burro dos meus peccados empaca de uma vez, que não houve força de esporas que o fizesse mover.

Eu já estava decidido a me apear, largar no meio do caminho burro com sella e tudo, e correr para a casa ; mas não tive tempo. O que eu vi, talvez Vm. não acredite ; mas eu vi, como estou vendo este fogo : vi com estes olhos, que a terra ha de comer, como comeu os do pobre Joaquim Paulista... mas os delle nem foi a terra que comeu, coitado! forão os urubús, e os

bichos do matto. Dessa feita acabei de acreditar que ninguem morre de medo ; se morresse, eu lá estaria até hoje fazendo companhia ao Joaquim Paulista. Cruz!... Ave Maria!...

Aqui o velho fincou os cotovelos nos joelhos, escondeu a cabeça entre as mãos e pareceu-me que resmungou uma Ave-Maria. Depois accendeu o caximbo, e continuou :

— Vm. se reparasse, havia de vêr que ahi o matto faz uma pequena aberta da banda, em que está a sepultura do Joaquim Paulista.

A lua batia de chapa na areia branca do meio da estrada. Emquanto eu estou esporeando com toda a força a barriga do burro, salta lá, no meio do caminho, uma cambada de ossinhos brancos, pulando, esbarrando uns nos outros, e estalando n'uma toada certa, como gente que está dansando ao toque de viola. Depois, de todos os lados, vierão vindo outros ossos maiores, saltando e dansando da mesma maneira.

Por fim de contas, veio vindo lá, de dentro da sepultura, uma caveira branca como papel, e com os olhos de fogo ; e dando pulos como sapo, foi-se chegando para o meio da roda. D'ahi começão aquelles ossos todos a dansar em roda da caveira, que estava quieta no meio, dando de vez em quando, pulos no ar, e cahindo no mesmo lugar, emquanto os ossos giravão n'um

currupio, estalando uns nos outros, como fogo da queimada, quando pega forte n'um sapezal.

Eu bem queria fugir, mas não podia ; meo corpo estava como estatua, meos olhos estavão pregados naquella dansa dos ossos, como sapo quando enxerga cobra ; meo cabello, enroscado como Vm. está vendo, ficou em pé como espetos.

D'ahi a pouco os ossinhos mais miudos, dansando, dansando sempre e batendo uns nos outros, forão-se ajuntando e formando dous pés de defunto.

Esses pés não ficão quietos, não ; e começão a sapatear com os outros ossos n'uma roda viva. Agora são os ossos das canellas, que lá vem saltando atrás dos pés, e de um pulo, traz...! se encaixão em cima dos pés. D'ahi a um nada vem os ossos das coixas, dansando em roda das canellas, até que, tambem de um pulo, forão-se encaixar direitinho nas juntas dos joelhos. Toca agora as duas pernas que já estão promptas a dansar com os outros ossos.

Os ossos dos quadris, as costellas, os braços, todos esses ossos que ainda agora saltavão espalhados no caminho, a dansar, a dansar, forão pouco a pouco se ajuntando e embutindo uns nos outros, até que o esqueleto se apresentou inteiro, faltando só a cabeça. Pensei que nada mais teria que vêr ; mas ainda me faltava o

mais feio. O esqueleto pega na caveira e começa a fazel-a rolar pela estrada, e a fazer mil artes e piruetas; depois entra a jogar peteca com ella, e a atiral-a pelos ares mais alto, mais alto, até o ponto de fazel-a sumir-se lá pelas nuvens; a caveira gemia zunindo pelos ares, e vinha estalar nos ossos da mão do esqueleto, como uma espoleta que rebenta. Afinal o esqueleto escanchou as pernas e os braços, tomando toda a largura do caminho, e esperou a cabeça, que veio cahir direito no meio dos hombros, como uma cabaça ôca que se rebenta em uma pedra, e olhando para mim com os olhos de fogo!...

A! meu amo!... eu não sei o que era feito de mim!... eu estava sem folego, com a bocca aberta, querendo gritar e sem poder, com os cabellos espetados; meu coração não batia, meus olhos não pestanejavão. O meu burro mesmo estava a tremer e encolhia-se todo, como quem queria sumir-se debaixo da terra. Oh! se eu pudesse fugir naquella hora, eu fugia ainda que tivesse de entrar pela guela de um succury a dentro.

Mas ainda não contei tudo. O maldito esqueleto do inferno — Deos me perdoe! — não tendo mais nem um ossinho com quem dansar, assentou de divertir-se commigo, que ali estava sem pinga de sangue, e mais morto do que vivo,

e começa a dansar defronte de mim, como essas figurinhas de papelão que as creanças, com uma cordinha, fazem dar de mão e de pernas ; vae-se chegando cada vez mais para perto, dá trez voltas em roda de mim, dansando e estalando as ossadas, e por fim de contas, de um pulo, encaixa-se na minha garupa...

Eu não vi mais nada depois ; fiquei atordoado. Pareceu-me que o burro sahio commigo e com o maldito phantasma, zunindo pelos ares, e nos arrebatava por cima das mais altas arvores.

Valha-me Nossa Senhora da Abbadia e todos os santos da côrte celeste! gritava eu dentro do coração, porque a bocca essa nem podia piar. Era atôa ; desacorçoei, e pensando que ia por esses ares nas unhas de Satanaz, esperava a cada instante ir estourar nos infernos. Meus olhos se cobrirão de uma nuvem de fogo, minha cabeça começou a andar a roda, e não sei mais o que foi feito de mim.

Quando dei accordo de mim, foi no outro dia, na minha cama, a sol alto.

Quando a minha velha, de manhã cedo, foi abrir a porta, me encontrou no terreiro, estendido no chão, desaccordado, e o burro sellado perto de mim.

A porteira da manga estava fechada ; como é que esse burro poude entrar commigo para den-

tro, é que não sei. Portanto ninguem me tira da cabeça que o burro veio commigo pelos ares.

Accordei com o corpo todo moido, e com os miolos me pesando como se fossem de chumbo, e sempre com aquelle maldito estalar de ossos nos ouvidos, que me perseguio por mais de um mez.

Mandei dizer duas missas pela alma de Joaquim Paulista, e jurei que nunca mais havia de pôr meus pés fóra de casa em dia de sexta-feira.

III

O velho barqueiro contava esta tremenda historia de modo mais tosco, porém muito mais vivo do que eu acabo de escrevel-a, e acompanhava a narração de uma gestilação selvatica e expressiva e de sons imitativos que não pódem ser representados por signaes escriptos. A hora avançada, o silencio e solidão daquelles sitios, theatro desses assombrosos acontecimentos, contribuião tambem grandemente para tornal-os quasi visiveis e palpaveis. Os caboclos, de bocca aberta, o escutavão com olhos e ouvidos tranzidos de pavor, e de vez em quando, estremecendo, olhavão em derredor pela matta, como que receiando vêr surgir o temivel esqueleto a empolgar e levar pelos ares alguns delles.

— Com effeito, Cyrino! disse-lhe eu, foste victima da mais pavorosa assombração de que ha exemplo, desde que andão por este mundo as almas do outro. Mais quem sabe se não foi

a força do medo que te fez vêr tudo isso? Além disso, tinhas ido muitas vezes á guampa, e talvez ficasses com a vista turva e a cabeça um tanto desarranjada...

— Mas, meu amo, não era a primeira vez que eu tomava o meu gole, nem que andava de noite por esses mattos, é como é que nunca vi ossos de gente dansanda no meio do caminho?...

— Os teos miolos é que estavão dansando, Cyrino: disso estou eu certo. Tua imaginação, exaltada a um tempo pelo medo e pelos repetidos beijos que davas na tua guampa, é que te fez ir voando pelos ares nas garras de Satanaz. Escuta; vou-te explicar como tudo isso te aconteceu muito naturalmente. Como tu mesmo disseste, entraste na matta com bastante medo, e, portanto, disposto a transformar em cousas do outro mundo tudo quanto confusamente vias no meio de uma floresta frouxamente alumiada por um luar escasso. Acontece ainda para teu mal que, no momento mais critico, quando ias passando pela sepultura, empaca-te o maldito burro. Faço idéa de como ficaria essa pobre alma, e até me admiro de que não visses cousas peiores!

— Mas então que diabo erão aquelles ossos a dansarem, dansarem tão certo, como se fosse a toque de musica, e aquelle esqueleto branco,

que me trepou na garupa, e me levou por esses ares?

— Eu te digo. Os ossinhos que dansavão, não erão mais do que os raios da lua, que vinhão peneirados por entre os ramos dos arvoredos balançados pela viração, brincar e dansar na areia branca do caminho. Os estalos, que ouvias, erão sem duvida de alguns porcos do matto, ou outro qualquer bicho, que andavão ali por perto a quebrar nos dentes côcos de baguassú, o que, como bem sabes, faz uma estralada dos diabos.

— E a caveira, meo amo?... de certo era alguma cabaça velha que um rato do campo vinha rolando pela estrada...

— Não era preciso tanto; uma grande folha secca, uma pedra, um tôco, tudo te podia parecer uma caveira naquella occasião.

Tudo isto te fez andar á roda a cabeça azoinada, e o mais tudo que viste foi obra de tua imaginação e de teus sentidos perturbados. Depois, qualquer cousa, talvez um maribondo que o picou...

— Maribondo de noite!... ora, meu amo!... exclamou o velho com uma gargalhada.

— Pois bem!... fosse o que fosse; qualquer outra cousa ou capricho de burro, o certo é que o teo macho sahio comtigo aos corcovos; ainda que atordoado, o instincto da conservação fez

que te agarrasses bem á sella, e tiveste a felicidade de vir dar comtigo em terra mesmo á porta de tua casa, e eis ahi tudo.

O velho barqueiro ria com a melhor vontade, zombando de minhas explicações.

— Qual, meo amo, disse elle, restea de luar não tem parecença nenhuma com osso de defunto, e bicho do matto, de noite, está dormindo na toca, e não anda roendo côco.

E póde Vm. ficar certo de que, quando eu tomo um gole, ahi é que minha vista fica mais limpa e o ouvido mais afiado.

— E' verdade, e, a tal ponto, que até chegas a vêr e ouvir o que não existe.

— Meo amo tem razão ; eu tambem, quando era moço, não acreditava em nada disso por mais que me jurassem. Foi-me preciso vêr para crêr ; e Deos o livre a Vm. de vêr o que eu já vi.

— Eu já vi, Cyrino ; já vi, mas nem assim acreditei.

— Como assim, meu amo?...

— E' que nesses casos eu não acredito nem nos meus proprios olhos, senão depois de estar bem convencido, por todos os modos, de que elles não me enganão.

Eu te conto um caso que me aconteceu.

Eu ia viajando sósinho — por onde não importa — de noite, por um caminho estreito, em

um cerradão fechado, e vejo ir, andando a alguma distancia diante de mim, qualquer cousa, que na escuridão não pude distinguir. Aperto um pouco o passo para reconhecer o que era, e vi clara e perfeitamente dous pretos carregando um defunto dentro de uma rêde.

Bem poderia ser tambem qualquer creatura viva, que estivesse doente ou mesmo em perfeita saúde ; mas, nessas occasiões, a imaginação, não sei porque, não nos representa senão defuntos. Uma apparição daquellas, em lugar tão ermo e longe de povoação, não deixou de me causar terror.

Comtudo o caso não era extraordinario ; carregar um cadaver em rêde, para ir sepultal-o em algum cemiterio mais vizinho, é cousa que se vê muito nestes sertões, ainda que áquellas horas o negocio não deixasse de se tornar bastante suspeito.

Piquei o cavallo para passar adiante daquella sinistra visão que me estava incommodando o espirito, mas os conductores da rêde tambem apressarão o passo, e se conservavão sempre na mesma distancia.

Puz o cavallo a trote ; os pretos começarão tambem a correr com a rêde. O negocio ia-se tornando mais feio. Retardei o passo para deixal-os adiantarem-se : tambem forão indo

mais devagar. Parei ; tambem pararão. De novo marchei para elles ; tambem se puzerão a caminho.

Assim andei por mais de meia hora, cada vez mais aterrado, tendo sempre diante dos olhos aquella sinistra apparição que parecia apostada em não me querer deixar, até que, exasperado, gritei-lhes que me deixassem passar ou ficar atraz, que eu não estava disposto a fazer-lhes companhia. Nada de resposta!... o meu terror subio de ponto, e confesso que estive por um nada a dar de redea para traz a bom fugir.

Mas negocios urgentes me chamavão para diante : revesti-me de um pouco de coragem que ainda me restava, cravei as esporas no cavallo, e envesti para o sinistro vulto a todo o galope. Em poucos instantes o alcancei de perto e vi... advinhem o que era?... nem que dêem volta ao miolo um anno inteiro, não são capazes de atinar com o que era. Pois era uma vacca!...

— Uma vacca!... como!...

— Sim, senhores, uma vacca malhada, que tinha a barriga toda branca — era a rêde, — e os quartos trazeiros e dianteiros inteiramente pretos ; erão os dous negros que a carregavão. Pilhada por mim naquelle caminho estreito, sem poder desviar nem para uma banda nem para outra, porque o matto era um cerradão inteira-

mente tapado, o pobre animal ia fugindo diante de mim ; se eu parava, tambem parava, porque não tinha necessidade de viajar ; se eu apertava o passo, lá ia ella tambem para diante, fugindo de mim. Entretanto se eu não fosse reconhecer de perto o que era aquillo, ainda hoje havia de jurar que tinha visto naquella noite dous pretos carregando um defunto em uma rêde, tão completa era a illusão. E depois, se quizesse indagar mais do negocio, como era natural, sabendo que nenhum cadaver se tinha enterrado em toda aquella redondeza, havia de ficar acreditando de duas uma : ou que aquillo era cousa do outro mundo, ou, o que era mais natural, que algum assassinato horrivel e mysterioso tinha sido commettido por aquellas creaturas.

A minha historia nem de leve alalou as crenças do velho barqueiro que abanou a cabeça, e disse-me, chasqueando :

— A sua historia está muito bonita ; mas, perdoe que lhe diga, eu por mais escura que estivesse a noite e por mais que eu tivesse entrado no gole, não podia vêr uma rede onde havia uma vacca ; só pelo faro eu conhecia. Meu amo de certo tinha poeira nos olhos.

Mas vamos que Vm., quando investio para os vultos, em vez de esbarrar com uma vacca, topasse mesmo uma rêde carregando um de-

funto, que este defunto saltando fóra da rêde lhe pulasse na garupa e o levasse pelos ares com cavallo e tudo, de modo que Vm., não désse accordo de si, senão no outro dia em sua casa e sem saber como?... havia de pensar, ainda, que erão abusões?

— Esse não era o meu medo; o que eu temia, era que aquelles negros não acabassem ali commigo, e, em vez de um, carregassem na mesma rêde dous defuntos para a mesma cova!

— O que dizes era impossivel.

— Impossivel!... e como é que me aconteceu?... Se não fosse tão tarde, para Vm. acabar de crer, eu lhe contava por que motivo a sepultura de Joaquim Paulista ficou sendo assim mal assombrada. Mas meu amo viajou; ha de estar cançado da jornada e com somno.

— Qual somno!... conta-me; vamos a isso.

— Pois va escutando.

IV

O tal Joaquim Paulista era um cabo do destacamento que naquelle tempo havia aqui no Porto. Era bom rapaz e ninguem tinha queixa delle.

Havia aqui, tambem, por esse tempo, uma rapariga, por nome Carolina, que era o desasocego de toda a rapaziada.

Era uma caboclinha escura, mas bonita e sacudida como ella aqui ainda não pisou outra; com uma viola na mão, a rapariga tocava e cantava que dava gosto; quando sahia para o meio de uma sala, tudo ficava de queixo cahido; a rapariga sabia fazer requebrados e sapateados, que era um feitiço. Em casa della, que era um ranchinho ali da outra banda, era sucias todos os dias; e tambem todos os dias havia soldado de castigo por amor de barulhos e desordens.

Joaquim Paulista tinha uma paixão louca

pela Carolina ; mas ella andava de amizade com um outro camarada, de nome Timotheo, que a tinha trazido de Goyaz, ao qual queria muito bem. Vae um dia, não sei que diabo de duvida tiverão os dous, que a Carolina se desapartou do Timotheo e fugio para a casa de uma amiga, aqui no campo. Joaquim Paulista, que ha muito tempo bebia os ares por ella, achou que a occasião era boa, e taes artes armou, taes agrados fez á rapariga, que tomou conta della. Ah! pobre rapaz!... se elle adivinhasse, nem nunca teria olhado para aquella rapariga. O Timotheo, quando soube do caso, urrou de raiva e de ciume ; elle estava esperando que, passados os primeiros arrufos da briga, ella o viria procurar se elle não fosse buscal-a, como já de outras vezes tinha acontecido. Mas desta vez tinha-se enganado.

A rapariga estava por tal sorte embeiçada com o Joaquim Paulista, que de modo nenhum quiz mais saber do outro, por mais que elle rogasse, teimasse, chorasse e ameaçasse mesmo de matar uma ou outro. O Timotheo desenganou-se, mas ficou calado e guardou seu odio no coração.

Estava esperando uma occasião.

Assim passarão-se mezes, sem que houvesse novidade. O Timotheo vivia em muito boa paz

com o Joaquim Paulista, que, tendo muito bom coração, nem de leve scismava que seu camarada lhe guardasse odio.

Um dia, porém, Joaquim Paulista teve ordem do commandante do destacamento para marchar para a cidade de Goyaz. Carolina, que era capaz de dar a vida por elle, jurou que havia de acompanhal-o. O Timotheo damnou. Vio que não era possivel guardar para mais tarde o cumprimento de sua tenção damnada, jurou que elle havia de acabar desgraçado, mas que Joaquim Paulista e Carolina não havião de ir viver socegados longe delle, e assim combinou, com outro camarada, tão bom ou peior do que elle, para dar cabo do pobre rapaz.

Nas vesperas da partida, os dois convidarão ao Joaquim para irem ao matto caçar. Joaquim Paulista, que não maliciava nada, acceitou o convite, e no outro dia, de manhã, sahirão os tres a caçar pelo matto. Só voltárão no outro dia de manhã, mais dois sómente; Joaquim Paulista, esse tinha ficado, Deos sabe aonde.

Vierão contando, com lagrimas nos olhos, que uma cascavel tinha mordido Joaquim Paulista em duas partes, e que o pobre rapaz, sem que elles pudessem valer-lhe, em poucas horas tinha expirado no meio do matto; que não podendo carregar o corpo, porque era muito longe, e te-

mendo que o não pudessem encontrar mais, e que os bichos o comessem, o tinhão enterrado lá mesmo ; e, para prova disso, mostravão e camisa do desgraçado, toda manchada de sangue preto e envenenado.

Mentira tudo!... O caso foi este, como depois se soube.

Quando os dois malvados já estavão bem longe por essa matta abaixo, deitarão a mão no Joaquim Paulista, o agarrarão, e amarrarão em uma arvore. Emquanto estavão nesta lida, o coitado do rapaz, que não podia resistir áquelles dois ursos, pedia por quantos santos ha que não judiassem com elle, que não sabia que mal tinha feito a seus camaradas, que se era por causa da Carolina, elle jurava nunca mais pôr os olhos nella, e iria embora para Goyaz, sem ao menos dizer-lhe adeos. Era atôa. Os dois malvados nem ao menos lhe davão resposta.

O camarada de Timotheo era mandigueiro e curado de cobra, pegava ahi no mais grosso jararácussú ou cascavel, as enrolava no braço, no pescoço, mettia a cabeça dellas dentro da bocca, brincava e judiava com ellas de toda a maneira, sem que lhe fizessem mal algum. Na hora em que elle enxergava uma cobra, bastava pregar os olhos nella, a cobra não se mexia do lugar. Em cima de tudo, o diabo do soldado sabia um

assovio com que chamava cobra, quando queria.

A hora que elle dava esse assovio, se havia por ali perto alguma cabra, havia de apparecer por força. Dizem que elle tinha parte com o diabo, e todo mundo tinha medo delle como do proprio capeta.

Depois que amarrarão bem amarrado o pobre Joaquim Paulista, o camarada do Timotheo desceu pelas furnas de uns grotões abaixo, e andou por lá muito tempo, assoviando o tal assovio que elle conhecia. O Timotheo ficou de sentinella ao Joaquim Paulista, que estava caladinho, coitado! encommendando sua alma a Deos. Quando o soldado voltou, trazia em cada uma das mãos, apertado pela garganta, uma cascavel mais grossa do que esta minha perna. Os bichos desesperados batião e se enrolavão pelo corpo do soldado, que nessa hora devia estar medonho que nem o diabo.

Então o Joaquim Paulista comprehendeu que qualidade de morte lhe ião dar aquelles dous desalmados. Pediu, rogou, mas debalde, que, se querião matal-o, pregassem-lhe uma bala na cabeça, ou interrassem-lhe uma faca no coração por piedade, mas não o fizessem morrer de um modo tão cruel.

— Isso querias tu, disse o soldado, para nós ir-mos para a força! nada! estas duas meninas é que hão de carregar com a culpa de tua morte;

para isso é que fui buscal-as; nós não somos carrascos.

— Joaquim, disse o Timotheo, faze teu acto de contricção e deixa-te de historias.

— Não tenhas medo, rapaz!... continúa o outro. Estas meninas são muito boasinhas; olha como ellas estão me abraçando!... Faze de conta que são os dous braços da Carolina, que vão te apertar n'um gostoso abraço...

Aqui o Joaquim põe-se a gritar com quanta força tinha, a vêr se alguem, acaso, podia ouvil-o e acudir-lhe. Mas, sem perder tempo, o Timotheo pega n'um lenço e atocha-lhe na bocca; mais que depressa o outro atira-lhe por cima os dous bichos, que no mesmo instante o picarão por todo o corpo. Immediatamente matarão as duas cobras, antes que fugissem. Não levou muito tempo, o pobre rapaz estrebuchava, dando gemidos de cortar o coração, e deitava sangue pelo nariz, pelos ouvidos e por todo o corpo.

Quando virão que o Joaquim já quasi não podia fallar, nem mover-se, e que não tardava a dar o ultimo suspiro, desamarrarão-no, tirarão-lhe a camisa, e o deixarão ahi perto das duas cobras mortas.

Sahirão e andarão todo o dia, dando voltas pelo campo.

Quando foi anoitecendo, embocarão pela es-

trada da matta, e vierão descendo para o porto. Terião andado obra de uma legua, quando enxergarão um volto, que ia andando adiante delles, devagarinho, encostado n'um páo e gemendo.

— E' elle, disse um delles espantado; não póde ser outro.

— Elle!... é impossivel... só por um milagre...

— Pois eu juro em como não é outro, e nesse caso toca a dar cabo delle já.

— Que duvida!

Nisto adiantarão-se e alcançarão o vulto.

Era o proprio Joaquim Paulista!

Sem mais demora socarão-lhe a faca no coração, e derão-lhe cabo delle já.

— Agora como ha de ser? diz um delles, não ha remedio se não fugir, senão estamos perdidos...

— Qual fugir! o commandante talvez não scisme nada; e no caso que haja alguma cousa, estas cadeasinhas desta terra são nada para mim?... Portanto vae tu escondido, lá embaixo no porto, e traz uma enxada; enterremos o corpo ahi no matto; e depois diremos que morreu picado de cobra.

Isto dizia o Timotheo, que, com o sentido na Carolina, não queria perder o fructo do sangue que derramou.

Com effeito assim fizerão; levarão toda a noite a abrir a sepultura para o corpo, no meio do matto, de uma banda do caminho que, nesse tempo, não era por ahi, passava mais arredado. Por isso não chegarão, senão no outro dia de manhã.

— Mas, Cyrino, como é que Joaquim poude escapar das mordeduras das cobras, e como se veio a saber de todo isso?...

— Eu já lhe conto, disse o velho.

E depois de fazer uma pausa para accender o cachimbo, continuou:

— Deos não queria que o crime daquelles amaldiçoados ficasse escondido. Quando os dous soldados deixarão por morto o Joaquim Paulista, andava por aquellas alturas um caboclo velho, cortando palmitos. Aconteceu que, passando por ahi não muito longe, ouvio voz de gente, e veio vindo com cautella a vêr o que era; quando chegou a descobrir o que se estava passando, frio e tremendo de susto, o pobre velho ficou espiando de longe, bem escondido n'uma moita, e vio tudo, desde a hora em que o soldado veio da furna com as cobras na mão. Se aquelles malditos o tivessem visto ali, tinhão dado cabo delle tambem.

Quando os dous se forão embora, então o caboclo, com muito cuidado, sahio da moita, e veio

vêr o pobre rapaz, que estava morre não morre!... O velho era mesinheiro muito mestre, e benzedor, quo tinha fama em toda a redondeza.

Depois que olhou bem o rapaz, que já com a lingua perra não podia fallar, e já estava cego, andou catando pelo matto umas folhas que elle lá conhecia, mascou-as bem, cuspio a saliva nas feridas do rapaz, e depois benzeo bem benzidas ellas todas, uma por uma.

Quando foi d'ahi a uma hora, já o rapaz estava mais alliviado, e foi ficando cada vez a melhor, até que, emfim, pôde ficar em pé, já enxergando alguma cousa.

Quando foi podendo andar um pouco, o caboclo cortou um páo, botou na mão delle, e veio com elle, muito devagar, ajudando-o a caminhar até que, a muito custo, chegarão na estrada.

Ahi o velho disse :

— Agora você está na estrada, póde ir indo sósinho com seu vagar, que d'aqui a nada você está em casa.

Amanhã, querendo Deos, eu lá vou vêl-o outra vez. Adeos, camarada; Nossa Senhora te acompanhe.

O bom velho mal pensava, que, fazendo aquella obra de caridade, ia entregar outra vez á morte aquelle infeliz a quem acabava de dar a vida. Um quarto de hora mais que se demorasse, Joa-

quim Paulista estava escapo. Mas o que tinha de acontecer estava escripto lá em cima.

Não bastava ao coitado do Joaquim Paulista ter sido tão infeliz em vida, a infelicidade o perseguio até depois de morto.

O commandante do destacamento, que não era nenhum samóra, desconfiou do caso. Mandou prender os dous soldados, e deo parte na villa ao juiz, que d'ahi a dous dias veio com o escrivão para mandar desenterrar o corpo. Vamos agora saber onde é que elle estava enterrado. Os dous soldados, que erão os unicos que podião saber, andavão guiando a gente para uns rumos muito differentes, e como nada se achava, fingião que tinhão perdido o lugar.

Bateu-se matto um dia inteiro sem se achar nada.

Afinal de contas os urubús é que vierão mostrar onde estava a sepultura. Os dous soldados tinhão enterrado mal o corpo. Os urubús presentirão o fetido da carniça e vierão-se ajuntar nas arvores em redor. Desenterrou-se o corpo, e via-se então uma grande facada no peito, do lado esquerdo. O corpo já estava apodrecendo e com muito máo cheiro. Os que o forão enterrar de novo, afflictos por se verem livres daquella fedentina, mal apenas jogárão á pressa alguns

punhados de terra na cova, e deixárão o corpo ainda mais mal enterrado do que estava.

Vierão depois os porcos, os tatús, e outros bichos, cavoucarão a cova, espatifarão o cadaver, e andarão, espalhando os ossos do defunto ahi por toda essa matta.

Só a cabeça é, que dizem, que ficou na sepultura.

Uma alma caridosa, que um dia encontrou um braço do defunto no meio da estrada, levou-o para a sepultura, encheo a cova de terra, socou bem, e fincou ahi uma cruz. Foi tempo perdido; no outro dia a cova estava aberta tal qual como estava d'antes. Ainda outras pessoas depois teimavão em ajuntar os ossos e enterral-os bem. Mas no outro dia a cova estava aberta, assim como até hoje está.

Diz o povo que emquanto não se ajuntar na sepultura até o ultimo ossinho do corpo de Joaquim Paulista, essa cova não se fecha. Se é assim, já se sabe que tem de ficar aberta para sempre. Quem é que ha de achár asses ossos que, levados pelas enxurradas, já lá forão talvez rodando por esse Parnahyba abaixo?

Outros dizião que, emquanto os matadores de Joaquim Paulista estivessem vivos neste mundo, a sua sepultura havia de andar sempre aberta, nunca os seus ossos terião socego, e havião de

andar sempre assombrando os viventes cá neste mundo.

Mas esses dois malvados já ha de muito tempo forão dar contas ao diabo do que andavão fazendo por este mundo, e a cousa continúa na mesma.

O antigo camarada da Carolina, esse morreu no caminho de Goyaz; a escolta que o levava, para cumprir sentença de galés por toda a vida, com medo que elle fugisse, pois o rapaz tinha artes do diabo, assentou de acabar com elle; depois contarão uma historia de resistencia, e não tiverão nada.

O outro, que era curado de cobra, tinha fugido; mas como ganhava a vida brincando com cobras e matava gente com ellas, veio tambem a morrer na bocca de uma dellas.

Um dia em que estava brincando com um grande urutú preto, á vista de muita gente que estava a olhar de queixo cahido, a bicha perdeu-lhe o respeito, e em tal parte e em tão má hora lhe deu um bote, que o maldito cahio logo estrebuchando, e em poucos instantes deu a alma ao diabo. Deos me perdôe, mas aquella féra não podia ir para o céo. O povo não quiz por maneira nenhuma que elle fosse enterrado no sagrado, e mandou atirar o corpo no campo para os urubús.

Emfim eu fui á villa pedir ao vigario velho, que era o defunto padre Camello, para vir ben-

zer a sepultura de Joaquim Paulista, e tirar della essa assombração que atterra todo este povo. Mas o vigario disse que isso não valia de nada; que emquanto não se dissessem pela alma do defunto tantas missas quantos ossos tinha elle no corpo, contando dedos, unhas, dentes e tudo, nem os ossos terião socego, nem a assombração acabaria, nem a cova se havia de fechar nunca.

Mas se os povos quizessem, e apromptassem as esmolas, que elle dizia as missas, e tudo ficaria acabado. Agora quem ha de contar quantos ossos a gente tem no corpo, e quando é que esses moradores, que são todos pobres como eu, hão de apromptar dinheiro para dizer tanta missa?...

Portanto já se vê, meu amo, que o que lhe contei não é nenhuma abusão; é cousa certa e sabida em toda esta redondeza. Todo esse povo ahi está que não me ha de deixar ficar mentiroso.

A' vista de tão valentes provas, dei pleno credito a tudo quanto o barqueiro me contou, e espero que os meus leitores acreditarão commigo, piamente, que o velho barqueiro do Parnahyba, uma bella noute, andou pelos ares montado em um burro, com um esqueleto na garupa.

INDICE

PAG.

UMA HISTORIA DE QUILOMBOLAS. 1

A GARGANTA DO INFERNO. 145

A DANSA DOS OSSOS. 209

Paris — Typ. H. GARNIER, 6, rue des Saints-Peres.379.10.1900.

BINDING LIST NOV 1 1946

442743
Guimarães, Bernardo
Lendas e romances.
LPor
G9633lx

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED